



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**DARÍO NICOLÁS LANATA**

**O ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE PAI DE SANTO E SEUS FILHOS:  
ORALIDADE, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS NO TEMPLO DE UMBANDA  
AMOR E CARIDADE PAI JOÃO DAS ÁGUAS**

Florianópolis, SC

2023

Darío Nicolás Lanata

**O ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE PAI DE SANTO E SEUS FILHOS:  
ORALIDADE, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS NO TEMPLO DE UMBANDA  
AMOR E CARIDADE PAI JOÃO DAS ÁGUAS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>º</sup> Dr. Elison Antonio Paim

Florianópolis, SC.

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lanata, Dario Nicolás  
O ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE PAI DE SANTO E SEUS  
FILHOS: ORALIDADE, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS NO TEMPLO DE  
UMBANDA AMOR E CARIDADE PAI JOÃO DAS ÁGUAS / Dario Nicolás  
Lanata ; orientadora, Alison Antonio Paim, 2023.  
149 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Educação. 3. Umbanda. 4. Ensino. 5.  
Aprendizagem. I. Paim, Alison Antonio . II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III.  
Titulo.

Darío Nicolás Lanata

**O ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE PAI DE SANTO E SEUS  
FILHOS: ORALIDADE, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS NO TEMPLO DE  
UMBANDA AMOR E CARIDADE PAI JOÃO DAS ÁGUAS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 1 de dezembro de 2023

---

**Coordenadora do Curso**

Dra. Simone Vieira de Souza

**Banca examinadora**

---

**Orientador**

Dr. Elison Antonio Paim

---

**Titular**

Profª. Me. Amanda dos Santos Vieira -  
Doutoranda PPGE

---

**Titular**

Prof. Me. Guilherme Braunsperger de Lima  
Vieira Colégio COC

---

**Suplente**

Profª. Dra. Adriana Angelita da Conceição  
MEN/CED/UFSC

## AGRADECIMENTOS

O caminhar que aqui me trouxe, é aqui que me encontro, um quase pedagogo, professor em luta, umbandista. É aqui que também peço licença, aos Orixás e todas as entidades de Umbanda, aos meus irmãos de santos e pai de santo, a todas as mães, pais e filhos de santos de todas as religiões afro-descendentes, a toda cultura ancestral Ioruba e a cada ser deste plano que aqui posso chegar a contemplar nas palavras desta pesquisa, pensamento e sentimento.

Esta pesquisa que buscou se aproximar de um diálogo sensível, para mim, como umbandista e para cada outro ser que compartilhe de uma crença, cor, gênero, raça, que é menosprezada, ridicularizada, e com uma carga de preconceitos exercidos pelas relações de uma sociedade estruturalmente machista, racista e homofóbica.

Venho através desta pesquisa contemplar em cada palavra um sentimento de agradecimento que transborda só amor. Primeiramente, a meus pais Lorena Fahler e Lionel Beber, pelo amor e carinho que me ajudou a constituir quem sou hoje, o meu amor por vocês não cabe em mim e sempre estarei cuidando de vocês. Ao meu irmão Ian, por compartilharmos esse amor que nos une e buscarei estar sempre ao seu lado te acompanhando nessa jornada.

Agora você, Gabriela Angélico Resende, que nos encontramos e caminhamos de muitas vidas, meu coração se enche e meus olhos só lágrimas quando penso no amor que temos um pelo outro e pela grande parceria. Gritar esse sentimento não é suficiente, mas te agradeço por tudo que nos contempla.

Sou grato ao meu irmão e amigo Jonas por quem tenho uma enorme admiração, é um irmão que confio, acredito e que amo de todo coração. Com ele aprendo a cada dia e este trabalho não teria saído se não fosse por toda a dedicação que ele teve durante semanas para me dar força estando ao meu lado enquanto escrevia.

Deixo aqui também meu agradecimento ao meu Pai de Santo Júlio que me ensinou muito durante todo meu caminhar e que me acolheu quando eu mais precisei, minha admiração e amor a você são enormes.

Sou grato a todos meus irmãos de santos que estiveram comigo e estão durante essa jornada do meu caminho espiritual, mas especialmente a alguns irmãos que estiveram me

dando suas mãos para conseguir me erguer nos diversos desafios que passei e que se tornaram minha família fora do terreiro.

Sou grato ao meu irmão e minha irmã Júnior e Fernanda que estiveram sempre ao meu lado me ajudando a me erguer novamente com suas palavras e seus abraços. E nesse filho de Ogum e essa filha de Iansã que encontro força quando preciso dentro do terreiro para seguir o meu caminhar.

Deixo meu agradecimento por final aos meus guias, a todos que conheço e a todos que irei conhecer. Agradeço ao meu pai Omulu, a minha mãe Iemanjá e especialmente a minha Preta Velha Vó Benedita das Almas que me ensina diariamente, mas seu maior ensinamento foi ver a vida com mais leveza e sorrir até nas maiores dificuldades. Agradeço também ao Exu que me acompanha, Exu Caveira, que com sua força a cada dia alimento minha fé, meu guardião e protetor, entrego todo meu amor a vocês.

Sou grato ao meu orientador Elison Antonio Paim, que esteve durante dois anos em contato comigo me auxiliando e que até o fim se manteve próximo mantendo a fé de que eu finalizaria esse ciclo. Sou grato por ter doado o seu tempo, paciência, saberes e me orientado nesse processo que foi extremamente desafiador para mim.

E por fim, sou grato a mim mesmo, por ter conseguido forças para passar por tanto durante esse processo e que desde a pandemia busca se erguer, sou grato pelo amor que estou aprendendo a sentir e por cada abraço que me dei.

Desejo que os próximos passos sigam sendo de muita fé, amor, caridade e humildade.

Que assim seja!

## RESUMO

O presente trabalho objetivou-se em analisar e pontuar dentro das experiências do Terreiro de Umbanda Pai João das Águas os processos de ensino e aprendizagem e em como elas ocorrem dentro de um espaço considerado “não-formal”, para assim, compreender as relações que se estabelecem dentro de um terreiro de Umbanda. Por essa razão, a pesquisa dialoga com conceitos que se notam presentes dentro das vivências do terreiro de Umbanda Pai João das Águas, como oralidade, experiências e memórias, e assim, se aproximar de métodos de ensino e consequentemente identificar a aprendizagem ali ocorrida ou não. A pesquisa utiliza entrevistas em sua metodologia para identificar e mapear de que maneira os sujeitos do Terreiro Pai João das Águas se relacionam nos diferentes processos de ensino e em que medida ocorre a aprendizagem, optando dessa forma por uma abordagem qualitativa.

**Palavras-chaves:** Umbanda, Terreiro, Educação, Ensino, Aprendizagem, Oralidade, Experiência e Memória.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Altar.....	25
Figura 2 - Exu.....	26
Figura 3 - Ogum .....	27
Figura 4 - Iansã .....	28
Figura 5 - Omulu .....	29
Figura 6 - Nanã .....	30
Figura 7 - Iemanjá .....	31
Figura 8 - Xangô .....	32
Figura 9 - Oxum .....	33
Figura 10 - Oxóssi .....	34
Figura 11 - Ibejis .....	35
Figura 12 - Preto Velho .....	36
Figura 13 - Povo do Oriente .....	37
Figura 14 - Cigano .....	38
Figura 15 - Entrada do terreiro .....	47
Figura 16 - Local dos consulentes .....	48
Figura 17 - Lago com as imagens de Iemanjá e Oxum .....	49
Figura 18 - Canjira e Porteira: Local onde se localiza as imagens de Exu e Pomba Gira .....	50
Figura 19 - Espaço de Nanã .....	51
Figura 20 - Entrada da Área do Caboclo .....	51
Figura 21 - Área do Caboclo .....	52
Figura 22 - Altar do Caboclo .....	52
Figura 23 - Espaço do Omulu .....	53
Figura 24 - Espaço de Omulu 2 .....	53
Figura 25 - Espaço de Iansã .....	54
Figura 26 - Espaço de Xangô .....	54
Figura 27 - Espaço dos Pretos Velhos .....	55
Figura 28 - Imagens dos Pretos Velhos .....	55
Figura 29 - Localização do Terreiro .....	57
Figura 30 - Localização do Terreiro 2 .....	57
Figura 31 - Horta de ervas .....	67
Figura 32 - Mirra .....	68
Figura 33 - Boldo .....	69
Figura 34 - Manjerição .....	70
Figura 35 - Alfazema .....	71
Figura 36 - Arruda .....	72
Figura 37 - Alecrim .....	73

## **LISTA DE SIGLAS**

TUACPJA - Templo de Umbanda Amor e Caridade Pai João das Águas

## SUMÁRIO

1. ABRINDO A GIRA! .....	15
2. CAPÍTULO 1 .....	21
2.1 HISTÓRIA DA UMBANDA .....	21
2.2 ITANS E MITOLOGIA DA UMBANDA .....	24
2.3 EDUCAÇÃO E UMBANDA (?) .....	39
3. CAPÍTULO 2 .....	47
3.1 OS CONTOS DOS MAIS VELHOS .....	47
3.2 EXU É MEU GUARDIÃO, MEU GUARDIÃO DA FÉ .....	59
3.3 UMBANDA E NATUREZA .....	62
3.4 PAIS DE SANTO EDUCADORES (?) .....	75
4. FECHANDO A GIRA .....	82

## **HINO DA UMBANDA**

Refletiu a luz divina  
Com todo seu esplendor  
Vem do Reino de Oxalá  
Onde há paz e amor  
Luz que refletiu na terra  
Luz que refletiu no mar  
Luz que veio de Aruanda  
Para tudo iluminar  
A umbanda é paz e amor  
É um mundo cheio de luz  
É a força que nos dá vida  
E à grandeza nos conduz  
Avante, filhos de fé  
Com a nossa lei não há  
Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá

## **PONTO DO EXU MEIA NOITE**

Deu Meia Noite, Na Terra E No Mar  
Deu No Mato, Na Calunga Em Todo Lugar  
Seu Meia Noite Não Tem Hora Pra Chegar  
Quando Chega Meia Noite,  
Chega Em Qualquer Lugar

Laroyê

## **PONTO DA POMBA GIRA ROSA VERMELHA**

Rosa Vermelha

Rosa Vermelha Sagrada

Rosa Vermelha

É Pomba Gira Das Sete Encruzilhadas

Quando Ela Vem, Ela Bebe E Dá Risada

Ela É A Pomba Gira, Rainha Das Sete Encruzilhadas

Laroyê

## **PONTO DO PAI JOÃO DAS ÁGUAS**

Há Uma Luz No Meu Caminho  
Vem, Vem Como Clareou  
Na Madrugada Tão Fria, O Preto Velho Aqui Chegou  
Clareou, Clareou A Minha Vida  
Clareou Como Uma Estrela Guia  
Clareou, Clareou Nesse Congá  
E Nunca Mais Essa Luz Vai Se Apagar

Aruê

## **PONTO DA VÓ BENEDITA DAS ALMAS**

Vó Benedita Das Almas  
Vem trabalhar  
Com arruda vem benzer  
Com as águas vem curar  
Oh que nega faceira aqui neste congá  
Vem salvar as crianças e os Filhos De Oxalá

Aruê

## 1. ABRINDO A GIRA!

Peço licença ao Pai João das Águas para a abertura deste trabalho.

Ao Exu Meia Noite, guardião da casa.

A Pomba Gira Rosa Vermelha das Sete Encruzilhadas, a rainha da casa.

E a minha guardiã, mãe, protetora Vó Benedita das Almas.

Ao pisar pela primeira vez em um terreiro de Umbanda, foi sem conhecimento de nada sobre o que ocorria ali, do porque vestiam branco, porque os pés descalços, o que é Orixá, muitas perguntas as quais eram vinculadas a preconceitos. Ali, no Terreiro do Pai João das Águas, onde pisei pela primeira vez, seguiu sendo o único terreiro até hoje que pisei. No decorrer desses cinco anos como umbandista voltei meu olhar para as lendas, mitologia, rituais, que costumavam o que se entende como Umbanda no meu terreiro. Assim, um processo de desconstrução a partir do conhecimento foi ocorrendo e a entrega para os ensinamentos que ocorrem para o auxílio do desenvolvimento humano, pessoal e espiritual, foram sendo adquiridos e atravessados para o meu próprio desenvolvimento. Então, retomar e compreender os ensinamentos desde da sua raiz, desde da cultura Iorubá, foi me trazendo reflexões como pedagogo para pensar esse espaço como um lugar propício para o ensino e a aprendizagem no seu conceito mais abrangente focado no desenvolvimento pessoal, baseado em métodos e experiências utilizadas desde diferentes culturas.

Esse desconhecido no qual falo, alimenta o medo, intensifica o ódio, e ocasiona conflitos, e é por esse meio que as religiões de matriz africanas foram crescendo no Brasil, país que acolhe uma diversidade de religiões, mas ao mesmo tempo vivencia uma grande intolerância religiosa. Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH) no qual a revista VEJA indica, que no Brasil:

A maior parte das vítimas de intolerância é composta por adeptos de religiões de matriz africana. Os católicos (64,4% dos brasileiros) registram 1,8% das denúncias de intolerância, e os protestantes (22,2% da população) registram 3,8% das denúncias. Ao mesmo tempo, os adeptos de religiões de matriz africana (candomblé, umbanda e outras denominações), que, juntos, representam 1,6% da população brasileira, também representam cerca de 25% das denunciadas de crimes de ódio e intolerância religiosa. (Brasil tem uma denúncia.. , 2017)

Vemos por esses dados que mesmo representando uma taxa menor de população com suas crenças nas religiões de matriz africanas, é onde se concentra o maior número de

denúncias por intolerância religiosa. Podemos pensar que o Brasil sendo um país amplamente católico, os saberes que as instituições e o catolicismo propagam, estão mais frequentemente no dia a dia do povo brasileiro. Sendo assim, esses saberes já não são desconhecidos quando pensamos sobre o que contempla as crenças e os saberes da umbanda.

O objetivo aqui não é criar divergências entre religiões e crenças, mas pensarmos que quando conseguimos nos adentrar em alguma cultura para conhecê-la, acabamos vivendo um processo de desconstrução para assim estabelecer uma certa consciência sobre como aquela cultura se constitui. Esse processo é de suma importância para casos como estes, de uma adolescente de 16 anos que foi agredida em uma escola municipal de Joinville, no norte catarinense, após conversar sobre sua religião, a Umbanda, com um amigo, parem de acontecer. Neste caso, um colega ouviu a menina falando sobre Umbanda e julgou, falando que cultuava demônio, segundo a mãe da menina. A mãe relatou o seguinte: “Minha filha, por sua vez, tentou explicar que ela estava errada e que a religião de Umbanda pregava o bem. Os insultos continuaram chegando às vias de fato, e minha filha foi agredida física e moralmente” (MAYER; FARIAS, G1, 2022).

Por hora o caso segue sendo analisado, já que esse caso não é de uma data tão distante, em 2022, propriamente dito no mês de abril, casos como estes ainda são vistos.

Os dados apresentados ajudam como subsídio nesta pesquisa para conhecer melhor sobre esta religião e vislumbrar um caminho, que talvez possa proporcionar para poucas pessoas, um aprofundamento da cultura da Umbanda, de suas raízes, de suas lutas, da sua moral, em busca de tudo isso, analisar o que é ensinado e o que se aprende, não só entender, como identificar como se dão esses processos de ensino e aprendizagem, para que, numa expectativa que coloco no leitor, de se permitir e quebrar correntes da consciência, permita conhecer, somente conhecer, um por cento do que se pode entender como Umbanda.

Desenvolver a pesquisa foi um grande processo de me desconstruir, desconstruir o olhar ao mundo o qual vivo e me permitir ser atravessado por saberes que não tinha o costume de conhecer. Para posicionar o meu olhar durante a pesquisa sobre o terreiro e fundamentar esta pesquisa, foi utilizado em sua maioria referências que de forma direta ou indireta se fundamentam num pensamento decolonial. Esse pensamento que se apresenta na pesquisa se refere ao conceito de colonialidade, e este a uma estrutura de pensamento que se mantém presente até hoje pelas influências da modernidade e esta segundo Torres manteve as raízes do colonialismo, trazendo para o debate a diferenças entre os conceitos de colonialismo e colonialidade:

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (TORRES, 2007, p. 131 apud OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 18)

Assim, compreender uma Pedagogia de Terreiro na Umbanda é pensar um espaço que tem como potencial decolonizar saberes que se evidencia nas instituições escolares, é trazer um outro lugar para que também se evidencie seus discursos como processos educacionais. O terreiro, como destacado, tem potencial para decolonizar o pensamento, porém para decolonizar o pensamento dentro de uma religião que mantém bases de religiões como Cristianismo e Kardecismo é difícil de se pensar, por essa razão, busco compreender em como a Umbanda possibilita um processo de aproximação de decolonização, já que “A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.” (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 24) Já que nos dias atuais a colonialidade presente, fortalece e mantém ainda, as relações de poder e de saberes que seguem silenciando vozes e que nesta pesquisa tem como objetivo trazer uma possibilidade dentro desse modernismo um pensamento decolonial.

Assim, a proposta que o decolonial propõe se diferencia da proposta descolonial, como discorre Walsh (2009, pp. 14-15 apud DOS SANTOS, 2018, p. 4):

Suprimir la “s” y nombrar “decolonial” ... es marcar una distinción con el significado en castellano del “des”. No pretendemos simplemente desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento - una postura y actitud continua - de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Excluir o “s” e nomear “decolonial”... é marcar uma distinção com o significado espanhol de “des”. Não procuramos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonialismo; Ou seja, passar de um momento colonial para um não-colonial, como se fosse possível que os seus padrões e vestígios deixassem de existir. A intenção, antes, é apontar e provocar um posicionamento - uma postura e atitude contínuas - de transgredir, intervir, emergir e influenciar. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínua em que podemos identificar, tornar visíveis e incentivar “lugares” de exterioridade e construções alternativas.

Por essa razão, a umbanda está mais próxima de proporcionar a decolonização do pensamento, os saberes e a ideia de ser e do poder já que suas raízes são influenciadas por religiões dos povos africanos. Porém, também se mantém em um pensamento eurocêntrico influenciados pelas religiões que se fundiram fazendo assim ainda manter um pensamento que permeia pela colonialidade mas que vão em contramão do colonialismo.

Esta pesquisa se baseia através de alguns textos de autores que dialogam com o pensamento decolonial, como: Nelson Maldonado Torres (Sobre la colonialidad del ser: Contribuciones al desarrollo de un concepto), Luciana Ballestrin (América Latina e o giro decolonial), Catherine Walsh (Interculturalidad Crítica Y Pedagogía De-Colonial: Apuestas (Des)De El In-Surgir, Re-Existir Y Re-Vivir) e Walter D. Mignolo (Colonialidade: O lado escuro da Modernidade), entre outros autores.

Por meio desta pesquisa pensaremos então num processo de ensino e aprendizagem para poder compreender em como um espaço como o terreiro, que emerge de povos que sofreram e sofrem pelo colonialismo e modernismo, proporciona se aproximar de um processo de decolonização nos templos de umbanda, que segundo Costa:

[...] o pensamento decolonial propõe romper com os pensamentos gravados nas mentes e corpos por gerações, representados, por exemplo, pelas tradições greco-romanas, eurocentradas, incorporando “o pensamento dos povos originários (índios) e de diáspora forçada (negros)” como epistemologias legítimas para a cultura dos povos colonizados. (COSTA, 2016, p.51 apud NOVAIS REIS; FERRAZ DE ANDRADE, 2018, p. 5).

Sendo assim, busco me perguntar quais são os saberes que rodeiam e como isso impacta na vida das pessoas dentro de um terreiro de umbanda? Já que os preconceitos, muito parte deles, vem por não entender o que ocorre nos templos, criando assim muitos misticismo e exageros pelo desconhecido. Como é o caso relatado da menina que julgou a praticante de umbanda, que cultuava demônios. Destaco também, que, os preconceitos não surgem somente pelo desconhecido, mas também, por um processo histórico social, que perpetua desde o colonialismo. Um exemplo, é o caso do Zélio, que quando as entidades que trabalhavam com ele, se descreveram como negras e indígenas numa casa Kardecista, baseada em conceitos europeus e católicos, teve como consequência a rejeição da sua espiritualidade.

Em vista de entender o contexto das religiões de matriz africana, neste caso a Umbanda como também todas “[...] as religiões afro-brasileiras, são temas obrigatórios para que possamos entender a formação cultural brasileira, visto que fazem parte desse processo de

construção da religiosidade brasileira[...]”(Novaes, 2016. p.3) e não só como pertencente para a formação da cultura Brasileira, mas compreender esses espaços denominados terreiros como lugares de herança cultural dos povos africanos que aqui foram trazidos e escravizados.

Para vislumbrar a aproximação que busco com os povos africanos a partir da Umbanda, e quando me refiro a Umbanda nesta pesquisa e no decorrer dela me refiro ao ritual ao qual ocorre na casa Pai João das Águas que é o foco deste trabalho, já que podemos considerar que a religião conhecida como Umbanda tem suas diversas ramificações e ritualísticas que permeiam os diferentes terreiros. No terreiro TUACPJA, as diversas referências aos elementos que permeiam a mitologia das religiosidades africanas, como os Orixás que eram cultuadas por esses povos e que através das religiões de matriz africana como neste caso a umbanda desta casa, conservou elementos que possibilitam até hoje mantermos as influências dessa cultura africana.

As entrevistas ocorreram no espaço físico do terreiro TUACPJA, acompanhadas pelo Pai de Santo e os médiuns, as entrevistas foram gravadas em áudio, ocorrendo depois a transcrição na sua integridade para a pesquisa. As entrevistas foram orientadas por perguntas abertas buscando que os entrevistados pudessem trazer o seu olhar da Umbanda e seu processo dentro da casa. São perguntas que buscam possibilitar uma compreensão sobre objeto de estudo. Os entrevistados foram escolhidos por maior tempo de vivência na umbanda e faixa etária, sendo selecionados três médiuns da casa que frequentam atualmente e o Pai de Santo. Todos os entrevistados beiram dos 47 e 62 anos de idade, todos que se consideram homens e brancos, sendo que um se considera homossexual, outro bissexual e dois se consideram heterossexuais. Dos quatro entrevistados, três são do Brasil e um do Uruguai, onde um nasceu em São Paulo, outro em Salvador, e o último em Brasília. O pai de santo é quem nasceu em Montevidéu, Uruguai. Assim, nessa pluralidade, os entrevistados foram escolhidos pelo tempo que vivenciam a casa do Pai João das Águas, onde três deles foram os que construíram desde do seu início a casa e que atualmente tem cinco anos da sua construção, e outro, que no caso do Ricardo, entrou no primeiro ano da casa.

As perguntas que serviram como guia das entrevistas são perguntas abertas que possibilitam que os entrevistados narrem suas memórias, suas histórias, seus sentimentos, aquilo que desejavam trazer para a oralidade. Essas são as perguntas:

1. Como a umbanda se apresentou na sua vida?
2. O que você pensava sobre a Umbanda antes de entrar no terreiro?

3. Como foram seus primeiros anos dentro da casa do Pai João?
4. Quais percepções acerca da umbanda se alteraram em você ao longo dos anos
5. Quais elementos colaboraram para esse seu processo de transformação, se houve ou não esse processo?

Assim, busco caminhar junto ao leitor a partir dessas entrevistas, trazer como é a troca da oralidade dentro de um terreiro e o que permeia os discursos desse espaço.

Neste sentido, a estrutura da pesquisa se baseia em uma estrutura de gira, com abertura, meio e finalização da gira, pensado para que envolvesse o leitor e assim se aproximasse dos saberes das umbandas. Sendo assim, a pesquisa é dividida em dois capítulos, no primeiro busco trazer uma concepção histórica e social do surgimento da umbanda e os seus mitos, buscando uma aproximação do leitor com os saberes, trago alguns elementos que são presentes na vida do terreiro, desde das mitologias e seus contextos até o uso das ervas e suas propriedades.

Já no segundo capítulo abordo sobre o terreiro Templo de Umbanda Amor e Caridade Pai João das Águas, trazendo os entrevistados para que compartilhem de suas vivências na espiritualidade e na umbanda para perceber os elementos que contemplem um processo de ensino e aprendizagem.

## 2. Capítulo 1

### 2.1 História da Umbanda

A Umbanda foi anunciada no dia 15 de novembro de 1908 com um jovem chamado Zélio Fernandino de Moraes, algumas fontes convergem desta data e outras declaram que a Umbanda surgiu antes mesmo deste acontecimento. Mas para as fontes consideradas oficiais, este acontecimento foi o que declarou uma nova religião no Brasil, que vem a mais de 100 anos vivendo de lutas e preconceitos sobre o que contempla toda a crença influenciada pelas raízes das culturas africanas, neste caso da Umbanda, o Iorubá.

Zélio de Moraes, depois de ser julgado e expulso de uma casa kardecista por trabalhar a espiritualidade com velhos espíritos negros escravizados e indígenas de nossa terra, fundou o primeiro Terreiro de Umbanda chamado de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

A Umbanda tem uma de suas raízes oriundas da cultura Iorubá, situada no continente africano, mais especificamente na África Ocidental, além de diversas outras influências, desde do catolicismo, kardecismo e outras vertentes religiosas.

Dizer exatamente o que é Umbanda ou especificar esta religião se torna complexo quando vemos que ela não tem como base um grande livro ou dogmas a serem seguidos. Ela se baseia puramente em alguns princípios que acompanham sua história e sua ancestralidade afro-descendente, trazendo para si elementos de diversas religiões, como catolicismo, kardecismo e religiões africanas. Estas influências permanecem presentes nos rituais e na base do que é Umbanda. Conforme Juruá,

As marcas de nascença e permanência da Umbanda estão inscritas nas terras brasileiras, pois foi neste país que se originou e se desenvolveu enquanto performance religiosa, mediante um passado que lhe conserva ativa, pulsante, mas não estática. [...] o sincretismo com o catolicismo absorveu a crença em Jesus e em Maria, e em alguns Anjos e Santos, cujas imagens e referências coexistem nos mesmos espaços dos terreiros. Do Espiritismo, herdou influências Kardecistas da concepção de mediunidade; dos cultos africanos, assimilou a crença nos Orixás, oferendas e despachos. Com os cultos indígenas, aprendeu o conhecimento ritualístico das ervas e o respeito à natureza. (JURUÁ, 2013, p. 102)

Esses elementos de diversas religiões é o que torna a Umbanda uma religião brasileira, já que se formou nessas terras, mas que é denominada como uma religião de matriz africana, o que demonstra uma forte influência das religiões africanas. Podemos notar essas

fortes influências no que se baseia a mitologia da Umbanda, trazendo os Orixás e os Itans como a base da constituição da formação do mundo espiritual.

A oralidade muito presente nas culturas africanas traz uma forte vertente para as relações que se estabelecem entre os praticantes da Umbanda. O que caracteriza esta religião são as vivências e experiências dentro do terreiro, as trocas entre os irmãos e os pais de santos e os saberes que se transmitem a partir da espiritualidade. Dessa forma,

[...] os saberes envolvem ancestralidade e tradição, socializados por meio das gerações, valorizando-se as narrativas dos mais velhos detentores dos maiores segredos. É no convívio diário, por intermédio da oralidade que as memórias coletivas da religião são transmitidas e o conhecimento compartilhado. É preciso estar presente. É uma religião que envolve coletividade e presença. Cada um tem uma atribuição, cada um tem uma participação e papel importante dentro de uma Roça de santo, e para aprender sobre essas atribuições, é preciso estar lá. Os saberes sobre a religião não estão nos livros e tampouco na internet. Os segredos estão com os mais velhos. Somente por meio da oralidade e do “ver fazer” é que se aprende. (MACEDO; MAIA; DOS SANTOS, 2019. p. 2)

Tendo também como consciência que cada terreiro é um terreiro<sup>2</sup>. A caracterização da Umbanda, em cada templo, se forma de maneiras diferentes, mas sempre visando os mesmos valores que a entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas que se transmitiu através do Zélio compartilhou, que são Amor, Caridade e Humildade. Nesse sentido, ao se investigar as práticas de um terreiro de Umbanda, é importante que compreendamos as práticas internas daquele ritual, assim como as vivências de aprendizagem cotidiana dos membros daquela casa em específico.

Nesse sentido, podemos notar que a influência da cultura vinda com os escravizados negros dos povos africanos muito presente no contexto de um terreiro e no que se estabelece como a Mitologia da Umbanda, influenciando assim as relações, nos permite observar que os espaços físicos e teóricos de um Terreiro pode nos aproximar de narrativas um pouco diferentes do que estamos acostumados a estudar nas escolas.

Ao relembrarmos nossa infância e ao trabalhar como professor, podemos notar que os discursos que se desenvolvem nesses espaços considerados “formais” nos levam apenas a um olhar da história e da formação do que chamamos atualmente de modernidade. Baseados nos materiais didáticos que são utilizados para desenvolver o pensamento da educação básica no Brasil, como por exemplo os livros didáticos, notamos que o discurso que estabelece é

---

<sup>2</sup> Terreiro se denomina ao local onde se realizam os cultos cerimoniais.

sempre o mesmo. Um discurso que é de uma única voz, de um único olhar, e que para todos se torna a verdade.

Esse discurso se torna hegemônico por um dos motivos de conter diversos registros escritos e documentos que contam a história do Ocidente. O que acaba se desmentindo quando trazemos outras vertentes que nos mostram como o processo de colonialismo<sup>3</sup> é cruel, de genocídio sobre as culturas consideradas “tribais” pelos europeus, e na invasão aos outros povos por meio de violência física, algumas sendo dizimadas e perdendo suas identidades, afinal para além das guerras físicas, ocorria uma guerra no campo teórico, de crença, de filosofia e no campo político. Por essa razão, Sodré propõe uma virada de olhar para a educação:

É preciso decolonizar os saberes e reinventar a educação, de ter uma outra forma de olhar a educação, pois, a escola fortalece o preconceito com seu modelo curricular eurocêntrico. O que se comete todos os dias é o epistemicídio/ semiocídio, uma agressão a todo tipo de conhecimento e/ ou cultura que não seja a branca. (SODRÉ, 2012 apud MACEDO; MAIA; DOS SANTOS, 2019. p. 7)

Compreende-se o que acabou se tornando um campo de disputa, ainda que uma disputa injusta. Assim, nesse campo teórico na qual venho relatando, no meio de tudo isso, o terreiro não é só religião, é um espaço que proporciona pensar em uma pedagogia de terreiro, uma pedagogia que tem como potencialidade uma desconstrução para aqueles que ali vivem suas raízes.

Os trabalhos decoloniais como este visam manter vivo a epistemologia não-eurocêntrica ocupando os espaços não apenas físicos mas também teóricos, trazendo para o campo de disputa vozes que tentam ser silenciadas diariamente.

Pensando sobre esse contexto, quando falamos de terreiro deve-se compreender seu espaço como um lugar de resistência, ensinamentos, luta e sobrevivência. A concepção de como se deve constituir um terreiro foi se modificando ao longo dos anos com as influências de outras religiões, mas a caracterização dos terreiros tem uma ramificação da história dos escravizados negros. Escravizados nas senzalas impedidos de manterem suas raízes e cultura, sendo uma das formas de opressão que o colonizador utilizou, eram impossibilitados de cultuar seus Deuses, no caso dos povos Iorubá nomeados de Orixás, povo na qual a Umbanda se baseia.

---

<sup>3</sup> Para Aníbal **Quijano (1992)**, colonialismo diz respeito a uma "relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes.

Nesse sentido, os espaços de terreiro podem ser considerados socialmente espaços de aprendizado de influência afro-brasileira, como destaca Melina Souza (2018, p.3) acerca desse tema:

[...] as irmandades religiosas negras, os terreiros, os cultos religiosos de origem africana, foram essenciais na resistência e enfrentamento, à colonização do saber. E dessa forma, podem ser lidos como lugares de aprendizagem, e de construção de um saber das culturas africanas, bem como na interação e produção de uma cultura afro-brasileira. Nessa perspectiva, os afro religiosos constroem novas formas de aprender e ensinar, por meio da oralidade, da narrativa, de formas outras de ver o mundo.

É de se pensar que um espaço considerado “informal”, como o terreiro, tenha as capacidades físicas e intelectuais que apresentem processos de aprendizagem a partir das relações que ali se experienciam. Através da oralidade, dos mitos, das experiências e da memória, o espaço do terreiro tem potencial para desenvolver uma educação crítica utilizando de um discurso não eurocêntrico que também faz parte da história do Brasil.

As religiões apresentam ferramentas de potencialização de discursos movendo suas massas de crentes para algo que possa possibilitar um ensino e aprendizagem de discursos visando o bem comum e compreendendo uma narrativa histórica a partir de um olhar crítico, de luta e resistência, ou religiões que possibilitam ainda, nos tempos de agora, continuar um discurso muito forte desde a Idade Média, de silenciamento e apagamento de culturas. O foco não é divergir crenças e religiões, mas sim apresentar nas potencialidades desses espaços como espaços de uma educação, tanto para o desenvolvimento humano, intelectual e da razão, quanto para o lado espiritual.

E para entender melhor o contexto da Umbanda, ou qualquer outra religião precisamos entender sua estrutura, suas bases, sendo uma delas o mito de origem que rodeia aquela religião, assim como no cristianismo se tem a trajetória de Maria e José, e do nascimento de Jesus, a Umbanda se constitui de mitos, contos, histórias conhecidos como “Itans” para explicar para o ser humano, o contexto o qual ele vive, para responder as perguntas que toda religião faz: De onde vim? O que estou fazendo aqui? E para onde vou?.

## **2.2 Itans e mitologia da Umbanda**

A Umbanda como religião Afro-descendente, brasileira, traz nas suas estruturas mitológicas influências tanto da cultura dos povos Bantus como Iorubás, povos africanos da

região ocidental do continente africano. Assim, demonstra como uma religião considerada de matriz africana, acaba se diferenciando de outras religiões, conforme Pinheiro:

Ela difere de outras religiões de matriz africanas como o Candomblé e o Tambor de Mina Por seus princípios, rituais, práticas e universo simbólico, que abarca, além do culto aos orixás, o culto e a incorporação de entidades como preto-velhos (representação dos negros escravizados), caboclos (entidades indígenas), marinheiros e malandros, além de conhecimentos e rituais que a tornam única. Em religiões cuja transmissão de conhecimento e preservação da memória e práticas ocorre por meio da oralidade, que se manifesta na fala, gestos e expressões não verbais, a mitologia tem um importante papel na sistematização das crenças, pensamentos e tradições culturais (PINHEIRO, 2017, p. 81 apud ESPOSITO; BASTOS, p. 8)

Sua maior relação com os povos africanos para podermos chamar a Umbanda de matriz africana, é sua utilização do culto aos Orixás. Orixás são na sua mitologia os deuses que são cultuados em diversas culturas e religiões, sendo uma delas a Umbanda.

Como demonstrarei a seguir, apresentarei cada Orixá e entidade que o terreiro TUACPJA cultua:

Figura 1 - Altar



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

## Exu

Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.  
Exu coletava os Ebós para Oxalá.  
Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.  
Exu fazia bem o seu trabalho. (PRANDI, R, 2001, p. 41)

Figura 2 - Altar



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Exu para a mitologia Iorubá, é o mensageiro de Oxalá, aquele que transita entre todos os planos, auxiliando aqueles que estão tanto na luz quanto nas sombras. Exu é o guardião da noite, é o que fala sobre amor, tolerância e respeito. Exu não é do mal, exu planta a caridade e a humildade.

Para cada pai, mãe e filho de santo Exu é a representação de algo, uma energia, um sentido, um sentimento. A potência dele se encontra nas lágrimas dos filhos quando o ouvem ou quando falam sobre ele.

## Ogum

Ogum, que conhecia o segredo do ferro, não tinha dito nada até então.  
Quando todos os outros orixás tinham fracassado,  
Ogum pegou seu facão, de ferro, foi até a mata e limpou o terreno.  
Os orixás, admirados, perguntaram a Ogum de que material era feito tão resistente  
facão,  
Ogum respondeu que era o ferro,  
um segredo recebido de Orunmilá  
(PRANDI, R, 2001, p. 86)

Figura 3- Ogum



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Ogum, é o masculino do guerreiro, aquele que para nós umbandistas abre os caminhos, o que nos guia e está ao nosso lado nos caminhos que escolhemos. Ele traz consigo a espada montado num cavalo branco, trazendo a bandeira da Umbanda e a força de Oxalá.

## Iansã

Oiá fez o sacrifício e teve nove filhos.  
Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia:  
“Lá vai Iansã”.  
Lá ia Iansã, que quer dizer mãe nove vezes,  
E lá ia ela orgulhosa ao mercado vender azeite-de-dendê.  
(PRANDI, R, 2001, p. 294)

Figura 4 - Iansã



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Oyá, também conhecida como Iansã, faz parte das Yabás da Umbanda, as orixás mães da Umbanda. A senhora dos ventos, trabalha na calunga<sup>4</sup> junto à Omulu, transportando para o outro plano aqueles que ficam perdidos. Diz a lenda, que Iansã é demasiado curiosa, e que por ser tão curiosa, com seus ventos um dia levantou as palhas de Omulu para ver o que se escondia, naquela lenda, todos os orixás se chocaram ao ver a beleza a qual ele escondia.

---

<sup>4</sup> Denominação dada ao cemitério pelos praticantes da umbanda

## Omulu

Curava os doentes e com o xaxará varria a peste para foda da casa, para que a praga não pegasse outras pessoas da família. Limpava casas e aldeias com a mágica vassoura de fibras de coqueiro, seu instrumento de cura, seu símbolo, o xaxará. (PRANDI, R, 2001, p. 206)

Figura 5 - Omulu



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Omulu, filho de Nanã, o senhor da cura e das doenças, coberto com suas palhas onde esconde tremendo mistério, por baixo de suas palhas se esconde a beleza ou as doenças? Não se sabe ao certo, mas o que se sabe é que no trabalho com as pipocas, Omulu cura qualquer doença.

## Nanã

(Nanã fornece a lama para a modelagem do homem)

Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro.  
Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma,  
e de lá retirou uma porção de lama.  
Nanã deu a porção de lama a Oxalá,  
o barro do fundo da lagoa onde morava ela,  
a lama sob as água, que é Nanã.  
Oxalá criou o homem. o modelou no barro.  
(PRANDI, R, 2001, p. 196)

Figura 6 - Nanã



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Nanã, considerada a mãe dos Orixás traz consigo a energia da renovação, da limpeza, Nanã o Orixá mais antigo do Céu, é cultuada na Umbanda como a que proporcionou as ferramentas para que Oxalá criasse os homens.

## Iemanjá

Na superfície do mar, junto à terra,  
ali tomou seu reino Iemanjá,  
com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas.  
Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumarê.  
(PRANDI, R, 2001, p. 380)

Figura 7 - Iemanjá



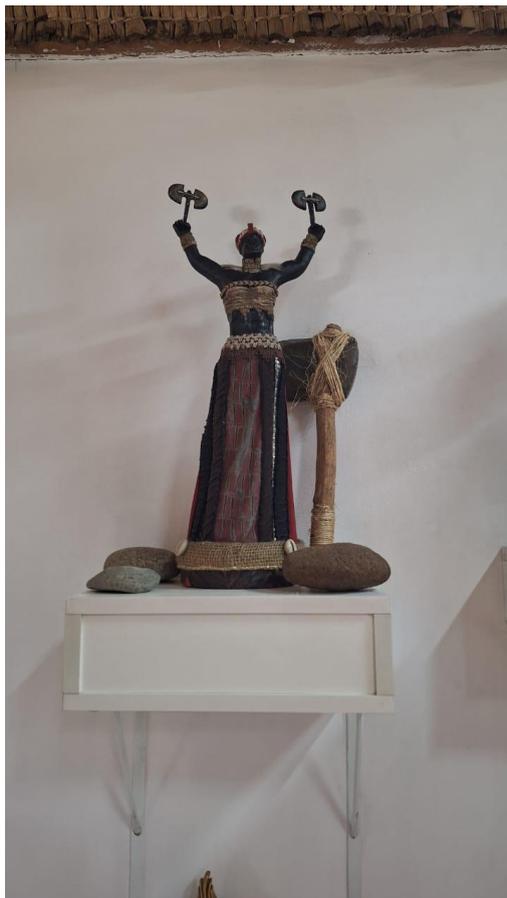
Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Iemanjá, rainha do mar, também uma das yabás, é a grande mãe. E a mãe que acolhe com aqueles filhos que precisam e que no seu colo limpa com suas águas sagradas. Ela, assim como Omulu vem na linha da geração, irradia a energia de dar vida e de criar.

## Xangô

Xangô e seus homens lutavam com um inimigo implacável  
Os guerreiros de Xangô, capturados pelo inimigo,  
eram mutilados e torturados até a morte, sem piedade ou compaixão  
As atrocidades já não tinham limites.  
O inimigo mandava entregar a Xangô seus homens em pedaços.  
Xangô estava desesperado e enfurecido.  
(PRANDI, R, 2001, p. 245)

Figura 8 - Xangô



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Xangô, o rei de Oió, é aquele para quem os Umbandista rezam para que a justiça seja feita, nas suas mãos carrega dois machados que pela lenda são os machados que traziam o medo aos seus inimigos. Trabalha no reino das pedreiras, sua rigidez e sua força vem de lá, das pedras.

## Oxum

Foi quando uma bela e frágil jovem veio a assembleia dos orixás  
e ofereceu-se a convencer Ogum a voltar à forja.  
Era Oxum a bela e jovem voluntária.  
Os outros orixás escarneceram dela,  
tão jovem, tão bela, tão frágil  
(PRANDI, R, 2001, p. 321)

Figura 9 - Oxum



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Mãe que vive nas águas doces das cachoeiras, junto às pedreiras de Xangô, ela nos proporciona a fertilidade e o ouro, mãe que planta os lindos lírios para trazer beleza para seus filhos. Tão bela e tão linda, Oxum chora por seus filhos do seu amor que tem por eles.

## Oxóssi

Ogum então ensinou Oxóssi a caçar,  
a abrir os caminhos pela floresta e matas cerradas.  
Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça,  
sem a qual a vida é muito mais difícil.  
Ogum ensinou Oxóssi a defender-se por si próprio  
e ensinou Oxóssi a cuidar da sua gente.  
Agora Ogum podia voltar tranquilo para a guerra.  
Ogum fez de Oxóssi o provedor.  
Oxóssi é irmão de Ogum  
(PRANDI, R, 2001, p. 112)

Figura 10 - Oxóssi



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Oxóssi, é o rei das matas, é o que comanda esse reino, popularmente conhecido como caboclo. É Oxóssi que ensina seus filhos sobre a magia e o poder das ervas, no seu cultivo, no seu preparo, e no seu manuseio para o preparo dos banhos de ervas. Ele traz a energia da sabedoria, dos saberes daqueles que já viveram nas matas e trazem consigo a simplicidade, a humildade e o respeito perante a natureza.

## Ibejis

São filhos de Iemanjá  
os dois meninos gêmeos, os Ibejis.  
Os Ibejis passavam e brincavam com Logum Edé  
e brincavam com Euá.  
Um dia brincavam na cachoeira  
e um deles se afogou.  
(PRANDI, R, 2001, p. 369)

Figura 11 - Ibejis



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Os Ibejis, popularmente conhecidos como Erês, são os orixás das crianças, que no terreiro são recebidos com muita festa, eles descem ao terreiro para trazer a alegria e a simplicidade da vida. Te lembra a infância, a inocência e a doçura que a vida pode ser.

Para além dos orixás, o terreiro TUACPIJA trabalha com entidades, que são espíritos que de alguma forma já viveram nesta terra.

## Pretos Velhos

Figura 12 - Preto Velho



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Entidades que vem no arquétipo de pretos que viveram na terra na época da escravidão, são representados como seres que conseguiram alcançar um grau elevado da espiritualidade por sua humildade e pelo perdão aos que os fizeram sofrer. Símbolo de luta, de amor e caridade, os pretos velhos descem na terra para ensinar aos seus filhos a tolerância através do amor.

## Povo do Oriente

Figura 13 - Povo do Oriente



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Este povo é considerado uma energia que foi trazida pelos pretos velhos para que trouxesse com eles os saberes do Oriente, representados como energias muito elevadas que trabalham na força do sol para trazer a cura.

## Ciganos

Figura 14 - Cigano



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Os ciganos, que como chamam o povo da rua, são as entidades que trabalham com a energia mais terrena, são eles que leem as cartas para os consulentes, vaidosos e materialistas, são negociadores, com eles também se aprende sobre sorrir nas dificuldades. Trazem o ouro, a abertura do profissional, mostrando que mesmo sendo de ruas, a riqueza deles não é só ouro, mas a felicidade de viver.

### 2.3 Educação na Umbanda (?)

Pensar um terreiro de Umbanda como um espaço potencialmente educador é desafiador, porque primeiro temos que dar um passo atrás e olhar para algo que popularmente está alvejado por muitos preconceitos. O que e como uma religião que sacrifica animais pode ensinar algo?! Será mesmo que a Umbanda é isso ou faz isso? E se fizer, já se perguntou o motivo? Dialogar sobre religião, preconceitos e moralidade não é o foco, mas falar sobre isso, também é essencial para entender o que rodeia a Umbanda. Por essa razão torna-se importante perguntar de que maneira podemos desconstruir pensamentos com pré-conceitos em relação a Umbanda. É por esse caminho que este trabalho busca seguir, te aproximar desta religião para compreender o que a contempla, dialogando com memórias, bibliografia e observações, apresentando um entendimento de educação nesse espaço considerado não-formal.

Não formal para quem mesmo? Quando entendemos a educação como um processo formal, nos remete a instituição escolar, currículo, objetivos, planejamento, produto final. Na Umbanda existirá este produto para se dizer e entender que ali existe um ensino e aprendizagem?

Num espaço não-escolarizado como destaca a citação abaixo, a intencionalidade não é em busca de educar, não se tem planejamentos, ou conteúdos específicos, a lógica que se segue é a lógica da ancestralidade dos povos, que no caso da Umbanda, se baseia em uma lógica de ensino e aprendizagem ancestral.

Rodrigo Lemos Soares, em sua pesquisa, traz que:

[...] os (as) dirigentes dos terreiros visitados expõem que não se trata de uma educação não-formal, mas sim, não escolarizada, embora estes espaços – os dos terreiros, possuem seus currículos, etapas e cronologias de avanço – desenvolvimento, dos(as) filhos(as) de santo. (SOARES et al, 2021. p.7)

A partir da citação, questionamos: que tipo de organização é essa que se tem como contexto uma religião e de que maneira ocorre o processo de educação dentro de um terreiro?

Dentro do Terreiro TUACPJA, um espaço não escolarizado como destaca Rodrigo, ocorre uma manifestação de culturas que mediam as relações dos sujeitos entre si e entre o meio, é uma relação de culturas com os conhecimentos dos povos africanos. (SOARES et al, 2021. p.8)

Por essa razão, contemplar a cultura Iorubá nesta pesquisa é de suma importância para auxiliar no contexto da compreensão do que é a Umbanda e suas características, já que a influência dos Iorubás na Umbanda é marcada desde as crenças até as relações possíveis de ensino-aprendizagem que possa encontrar nas vivências de terreiro.

Quando pensamos em ensino na cultura Iorubá, e suas origens, Anderson Ribeiro Oliva, destaca que:

Assim como outros grupos étnicos que habitaram (ou habitam) a região da atual Nigéria, os iorubás, pelo menos até o final do século XIX, tiveram uma tradição religiosa marcadamente oral, na qual os mitos e a memória coletiva desempenharam (ou desempenham) um papel-chave na explicação e compreensão de suas realidades e histórias. Esses elementos – a oralidade e a mitologia – acabaram por permear a construção das relações no âmbito da sociedade e dos contatos com o sagrado, além de conduzir a interpretação do mundo e as formas de viver de suas gentes. Com referência à criação da humanidade e do mundo, os mitos de origem, perdidos em um passado imemoriável, foram, durante séculos, repetidos e recontados, servindo não só de fundamento cosmológico, mas também como mecanismo de entendimento da estrutura de funcionamento da vida em seus mais diversos aspectos – o natural, o econômico, o político e o social. Além disso, por muito tempo, as explicações da tradição oral foram os principais referenciais de conhecimento sobre suas próprias trajetórias no tempo e no espaço. (OLIVA, 2005. P. 150)

Compreendendo também que a Umbanda se caracteriza não só pela oralidade, por suas influências do Iorubá, mas como forma de necessidade pelas condições desses povos, como Luziara Miranda Novae, discorre em seu texto:

Essa ausência de registros, embora explicada em parte pela oralidade, forma de transmissão de conhecimentos, das religiões de matriz africana, também é determinada pela condição social dos praticantes dessas religiões ao longo dos séculos. A condição de escravizados, ex-escravizados, e, já no século XX, de cidadão sem direitos, não permitia o acesso ao letramento. (NOVAE, 2016. p. 2)

Seguindo esta linha da oralidade, vemos que para o povo Iorubá, demonstrou uma grande potencialidade como precursor e transmissão dos conhecimentos, como fundo de contexto as mitologias dos Orixás, para a compreensão da realidade do mundo. Não somente para esta cultura, mas possivelmente para boa parte das civilizações africanas que sofreram nas mãos do colonialismo e tiveram como forma de permanecer e manter sua identidade cultural na oralidade.

Esse gancho histórico ao reencontro das características que algumas raízes se mantiveram na Umbanda, mesmo por todo o processo de embranquecimento a qual ela

vivencia e vivenciou, se pode identificar nos rituais, nas crenças, na mitologia, nas relações e até mesmo na sua estrutura física, rasgos de contextos das culturas dos povos africanos que aqui foram trazidos pela escravidão.

As influências do colonialismo sobre as religiões trazidas pelos negros escravizados, são fortemente presentes, já que “no imperativo de mesclar a cultura foi uma forma de sobrevivência e uma habilidade dos africanos em criar alianças sociais, que traduziam uma transformação e inter-relação cultural.”( NOVAE, 2016. p. 2).

Nessas mesclas que podemos entender a Umbanda como uma religião que para além da oralidade, as vivências, as experiências, as trocas do coletivo contemplam como processos de ensino para a constituição de uma cidadania, assim destaca Amurabi Oliveira sobre as religiões de matriz africana:

As religiões, mais especificamente, as de matriz africana, são responsáveis por estruturar a vida social que resulta em iniciativas no cotidiano pessoal e espiritual dos praticantes. Entende-se que o “terreiro”, um dos locais de prática da religião afro-brasileira tem uma função educativa, ainda mais na dimensão intercultural, normatizando hábitos e criando valores éticos junto a seus integrantes (OLIVEIRA, 2009. p, 2-3).

Essas manifestações culturais que pulsam dentro do terreiro e que permeiam as relações para os quais ali convivem, se expande para além da religiosidade, pensar o terreiro, é trazer elementos históricos que influenciaram sua constituição tornando espaços de encontros e de família. Espaços, que como o TUACPJA, se mantêm “discretos”, sem placas, ou formas de chamar pessoas para sua localização e que possibilitem identificar que ali é um terreiro. É como se estivessem escondidos, diferentes de outras instituições religiosas que se mostram presentes, o terreiro é apresentado para as pessoas de palavra a palavra para aqueles que a visitam, predominando até no seu âmbito físico.

Afastado, o TUACPJA, se encontra longe dos centros urbanos, construído por diversos tipos de pessoas, de etnias, gêneros, ideologias políticas, às vezes até mesmo de concepção do que é a Umbanda. Essa enorme diversidade dentro de um espaço que segue a fé aos guias os nossos e os da casa, tendo uma única hierarquia, a de pai de santo com seus filhos. Uma hierarquia baseada no respeito para aqueles que vivenciaram por mais tempo esta vida, a Umbanda e a espiritualidade. Palavra de Pai de santo não é lei, não é verdade, mas sim direções, caminhos e possibilidades.

A relação que se mantém é de Pai e filho, uma família que se transforma daqueles que vem, é assim que se constitui um terreiro, uma desconstrução da ideia de família, assim como foi se constituindo os Quilombos, fazendo um parâmetro para uma breve relação a partir do trabalho de Silva sobre o terreiro de Mãe Ana:

O quilombo no Brasil não atendeu somente à necessidade da resistência ao sistema escravista, mas tornou-se local de reelaboração das práticas e das representações culturais africanas. Ali se realizavam danças, eram reforçadas as religiosidades e os laços de solidariedade. Provavelmente, foi esse desenho de práticas culturais no terreiro de Mãe Ana que lhe permitiu revisar conhecimentos tradicionais, desenvolver seus conhecimentos de curandeira e conquistar respeitabilidade entre os outros escravos, ganhando a confiança até de brancos. Formavam-se, portanto, “comunidades quilombolas” dotadas não só de experiência de resistência, mas de construção alternativa ao sistema de relações sociais, laços familiares e identitários. (SILVA, 2003, p. 35 apud SANT’ANNA et al, 2020, p. 11)

Modelos estes que não proporcionam ampliar os discursos nos espaços formais de educação e que não pautam valores, narrativas, identidades e culturas que não sejam hegemônicas. É destacável perceber como o ponto de entender a localização do terreiro também parte de hegemonias como destaca Yuri , Cláudia e Mariana no seu texto:

Ao pautarem-se em suas referências culturais, estas experiências vêm subvertendo a ordem que diz ser a cultura ocidental a majoritária e dominante, enquanto que a cultura popular negra fica reduzida aos guetos e aos núcleos marginalizados. (MACEDO; MAIA; DOS SANTOS, 2019. p. 5)

Culturas essas marginalizadas que quando apresentadas nos espaços formais são representadas sempre do mesmo ponto de vista eurocêntrico. Assim, nos leva a pensar qual potencia seria identificar os discursos que vislumbraram esses espaços que se são denominados informais, porque se vem nos subúrbios das cidades na sua grande maioria, como no caso da casa TUACPJA, que se encontra num bairro de muitas fazendas, de poucas casas e movimento. Já que os discursos hegemônicos estão presentes nesses espaços formais, porque não adentrar nesses espaços pensando em um movimento de desconstrução individual e coletiva, não para o âmbito religioso, mas para olhar de mundo que também faz parte da cultura Brasileira, como destaca Yuri:

Pedagogia de Terreiro têm muito a contribuir para a formação do sujeito e de sua identidade. Por que não levar a Pedagogia de Terreiro para dentro dos espaços escolares? Estaríamos praticando o que preconiza as Leis. É uma forma de de(s)colonizar o saber escolar. (MACEDO; MAIA; DOS SANTOS, 2019. p. 6)

Sendo assim, estar no terreiro é buscar decolonizar o olhar de mundo que nos foi posto e que não tivemos escolha de ter, a hegemonia do discurso eurocêntrico é enraizado na nossa existência, se permitir pelo menos para esse processo através de toda a ritualística, narrativas e contexto que o terreiro se apresenta, é encontrar sem muitas vezes esperar um processo de decolonização entre os sujeitos. Assim,

A descolonização não se remete apenas à desocupação de territórios, mas à independência cultural, econômica e, sobretudo, à independência das mentalidades, o que privilegia outras formas de ser e de existir, diversas daquelas impostas pelo colonizador, buscando deslocar as relações de poder. Ou seja, prima por ressignificar e dissolver estereótipos e preconceitos, fortalecendo a auto capacidade de ação dos grupos marginalizados. Sua ação interroga o paradigma coercitivo e genocida que sustentou a própria invenção da modernidade. Isto abre o campo de pensamento para a possibilidade de reconstruir novas relações e formas díspares de racionalidade (FERNANDES, 2016, p. 170)

Essa decolonização permeia pelo meio mais íntimo do sujeito, vamos percorrer pelas entrevistas e perceber que na grande maioria, os entrevistados não iniciavam suas vidas na Umbanda, muito pelo contrário, eram de Igrejas Evangélicas, Cristãs, Kardecistas, vertentes que apresentam um discurso eurocêntrico potente, não que a Umbanda também não apresenta, porém, segundo Reginaldo (2011, p. 53), que “Seguindo o modelo católico, no qual se espelhava, a umbanda foi obrigada a ter em conta os dois lados: o do bem e o do mal. Incorporou a noção católica de mal, mas não se dispôs a combatê-lo necessariamente, nunca se cristianizou completamente.” E por esses limites que a constituição da Umbanda por diversas religiões foi caminhando. Ela permite acolher aqueles que foram e viveram totalmente inseridos numa concepção ocidental, e adentrar a um terreiro, que serve como uma pequena e mínima parcela de aproximação dos povos africanos, dos povos nativos e do oriente.

A decolonização é um efeito de deslumbre que para os entrevistados ocorre de maneira inconsciente, alguns relatam que o maior choque foi compreender o motivo do corte ao animal para os trabalhos. Ali na experiência, como o Pai de Santo relata, foi através da experiência, do se permitir ficar desconfortável, para assim se aproximar do conhecimento que ali está presente.

No campo do senso comum, é aquele discurso movido pelo medo, moralista e culposos, e o processo dentro dos limites do campo físico e teórico dos terreiros, o que se busca é o desconforto, na busca do autoconhecimento com a ancestralidade que nós, no ocidente aprendemos a demonizar.

O mesmo quando falamos de Exu, o mensageiro, o guardião para os Umbandistas, a sua figura é o alvo central dentro das Igrejas. Essa figura que lindamente relata, Prandi sobre exu é que proporciona trazer um olhar diferente do que se está acostumado popularmente:

Como mensageiro dos deuses, Exu tudo sabe; não há segredos para ele, tudo ele ouve e tudo ele transmite. E pode quase tudo, pois conhece todas as receitas, todas as fórmulas, todas as magias. Exu trabalha para todos, não faz distinção entre aqueles a quem deve prestar serviço por imposição de seu cargo, o que inclui todas as divindades, mais os antepassados e os humanos. Exu não pode ter preferência por esse ou aquele. Mas talvez o que o distingue de todos os outros deuses é seu caráter de transformador: Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a mudança. Não é, pois, de se estranhar que seja temido e considerado perigoso, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites. Assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. (PRANDI, 2001, p. 50)

Para os entrevistados, Exu era a figura do mal, e nos seus relatos iremos observar como está sendo esse processo de decolonização do pensamento em relação a toda uma mitologia muito antiga de povos que fazem parte da constituição do que é a cultura Brasileira atualmente, que vem sendo demonizada, atacada, desvalorizada e não reconhecida por seus fortes elementos que constituem e que existem dentro da história do Brasil, para além do olhar que temos do Ocidente desses povos como escravizados e como foi nos ensinado.

Assim, venho a destacar a importância de abriremos os debates para ampliar nosso repertório educacional, para encontrar o diálogo entre as pedagogias existentes para além das que dizem serem formais, mas se por formal é ter currículo, objetivos, uma estrutura pedagógica, foi mostrado que outras pedagogias também a tem, mas não na ótica ocidental hegemônica, mas em outra ótica, ocidentais também, mas que foram silenciadas, caladas, dizimadas, não se volta só pelas “religiões cristãs e nas escolas, onde existe uma pedagogia que é objetiva, que se pauta no racionalismo patriarcal do cristianismo” (SANTANA, 2005, p. 13 apud MACEDO; MAIA; DOS SANTOS, 2019. p. 4) mas também como discorre Macedo:

Uma pedagogia assentada e vigorada em seus domínios e potências, compreendida como um projeto político/epistemológico/educativo antirracista/decolonial por intermédio de múltiplas operações teórico-metodológicas busca-se expurgar o carrego do colonialismo para lançar parte da problemática dos conhecimentos e das educações nas encruzadas. (MACEDO, 2019. p. 7)

Uma pedagogia do sentir, do se permitir, do olhar e do trocar, onde não se encontra livros, mas se encontra vida e experiências, não se cabendo somente ao âmbito espiritual, mas de vida, de formação de caráter que busca educar e proporcionar para os pais, mães e filhos

de santo, de forma intencional ou não uma educação para a vida, onde nas trocas em comunidade se rege o que se é feito dentro do terreiro, junto ao Pai de santo, e do coletivo, como destaca Novaes:

A prática de umbanda é essencialmente coletiva. O processo educativo se efetiva coletivamente, seja a partir de diferentes estratégias de observação, de ação e por encorajamentos recíprocos, no qual o papel dos dirigentes é orientar e estimular as atividades de cunho religioso e de promoção social, pessoal e profissional [...] (NOVAES, 2016. p. 7)

Essas práticas regem o dia-dia dos Umbandista, na busca da evolução nos âmbitos da vida social, pessoal e profissional, o crescimento como trazido pela maioria das religiões é somente fazendo o bem, sendo humilde, fazendo a caridade, transmitindo amor e sendo tolerante, não diferente do que uma Igreja por exemplo poderia discursar. As diferenças entre o debate de uma educação do que é formal e o informal, se baseia em poderes, na disputa de espaço epistemológico que busca na sua hegemonia, a cultura predominante não potencializar, mas esses discursos “informais”, tem potência, tem saberes, tem história e ancestralidade, como Macedo mostra a importância desses saberes:

Os saberes envolvem ancestralidade e tradição, socializados por meio das gerações, valorizando-se as narrativas dos mais velhos detentores dos maiores segredos. É no convívio diário, por intermédio da oralidade, que as memórias coletivas da religião são transmitidas e o conhecimento compartilhado. É preciso estar presente. É uma religião que envolve coletividade e presença. Cada um tem uma atribuição, cada um tem uma participação e papel importante dentro de uma Roça de santo, e para aprender sobre essas atribuições, é preciso estar lá. Os saberes sobre a religião não estão nos livros e tampouco na internet. Os segredos estão com os mais velhos. Somente por meio da oralidade e do “ver fazer” é que se aprende. (MACEDO et al. 2019. p. 2)

Essa disputa de discursos se torna cada vez mais presente com os fatores sociais que vem acontecendo durante esses últimos anos, percebendo-se que o espaço teórico e físico de um espaço formal de educação já não é suficiente para abranger a multiculturalidade que ela deveria representar, e que baseado em um estilo de estrutura discurso eurocêntrico, já não é mais suficiente, se um dia chegou a ser, é uma crise, como GOHN (2010, p. 8 apud NOVAES p. 7) traz, uma “crise do modernismo traz novos campos de saberes, práticas pedagógicas e processos educativos, que reconhecem outras dimensões sociais como produtoras de conhecimento, nesse caso, a religião”, sendo uma dessas religiões, a Umbanda, que este trabalho traz para o debate apresentando características próprias que possibilitam a uma

Pedagogia de Terreiro, uma pedagogia que pode ser pautada em elementos que proporcionem uma educação anti-racista, multicultural, multidisciplinar, e que abrangem as diversas diversidades como ocorre no terreiro TUACPJA.

Sendo assim, retomar as origens e raízes que permeiam a história e constituição da Umbanda é registrar diariamente um pensar que possibilite, por meio das vivências, rituais, mitologias, oralidade e o que as culturas dos povos africanos deixaram como herança para a cultura brasileira através das religiões afro-descendentes um processo de ensino e aprendizagem que não se constitui nos moldes eurocêntricos, e que possibilite ser um espaço que propõe uma reforma íntima para uma constituição de saberes, de ser e de poder, para além do que estamos acostumados e que fomos sendo direcionados pelas instituições formais e pelo pensamento colonial.

Assim, durante esse processo de pesquisa que se possibilitou discorrer sobre o terreiro de umbanda Pai João das Águas, incentivando um olhar mais profundo para a ritualística, relações e constituição do terreiro, para que possa identificar elementos que proporciona um ensino e aprendizagem, por essa razão o próximo capítulo traz entrevistas de filhos de santos e do pai de santo da casa que vivem o terreiro e a umbanda a muitos anos, e que durante esses anos demonstram, defendem e se emocionam quando através de suas memórias que experienciaram com essa religião, possibilitou uma transformação de cosmovisão de vida, de mundo, de espiritualidade, de conceitos, pré-conceitos, identidade, natureza e de si mesmos.

## 3. CAPÍTULO 2

### 3.1 OS CONTOS DOS MAIS VELHOS

Neste capítulo é possível vivenciar um pouco do que ocorre no terreiro Pai João das Águas. A vivência dos mais velhos dentro de um terreiro nos permite experienciar momentos de muitas trocas, saberes e sentimentos que pela oralidade contemplada pela corporalidade, já que oralidade é corpo também, de expressarem o que é a umbanda para esses filhos e pais de santos que foram entrevistados, sendo guiados simplesmente por perguntas abertas que buscavam deles retomar memórias. E assim foi, recontam suas histórias e suas memórias.

Mas antes de adentrarmos a suas histórias, vamos contemplar um pouco do espaço do terreiro Pai João das Águas para nos aproximarmos desse mesmo sentimento dos entrevistados ao brilharem os olhos quando falam da sua casa.

Figura 15 - Entrada do terreiro



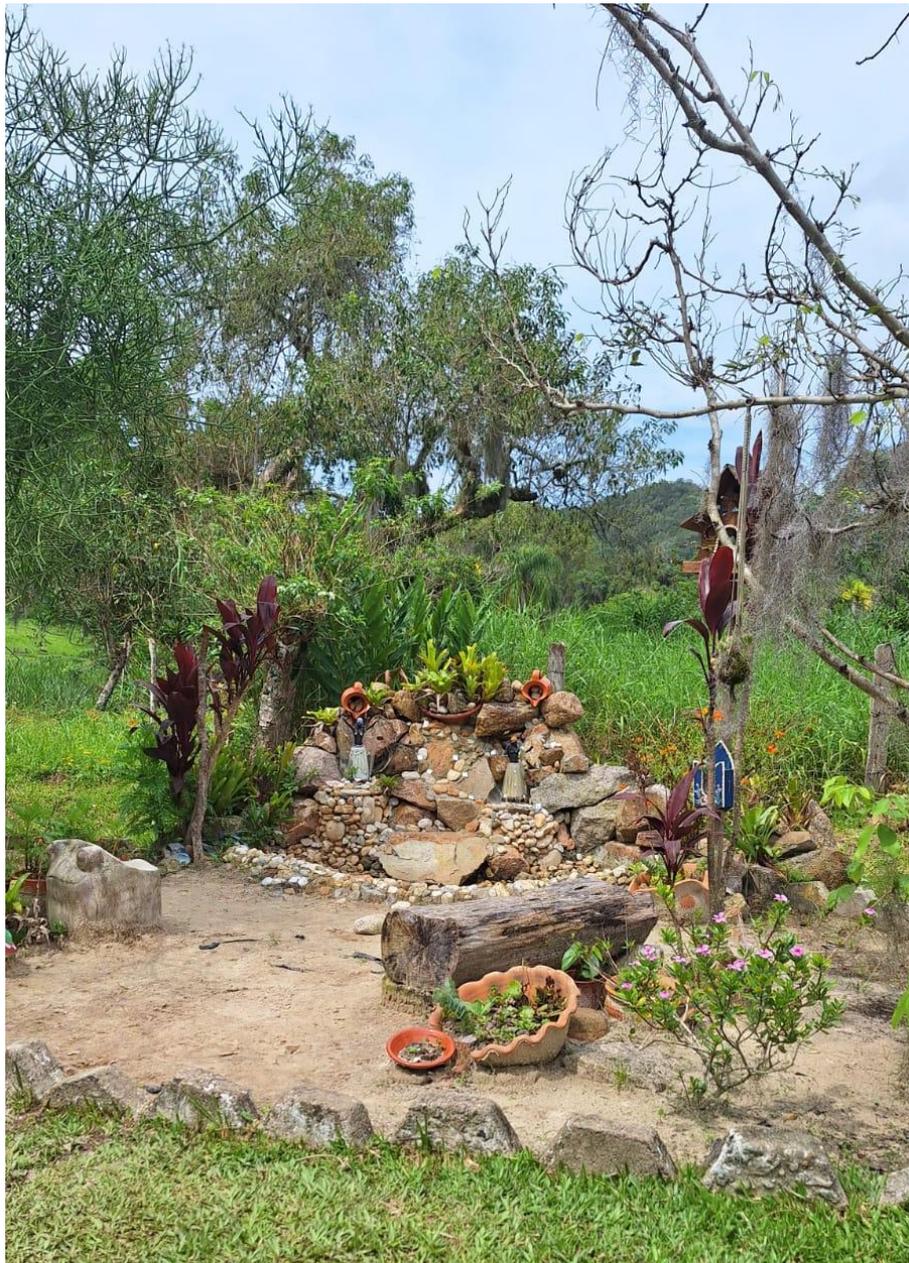
Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 16 - Local dos consulentes



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 17 - Lago com as imagens de Iemanjá e Oxum



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 18 - Canjira e Porteira: Local onde se localiza as imagens de Exu e Pomba Gira



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 19 - Nanã



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 20 - Entrada da área do Caboclo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 21 - Área do Caboclo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 22 - Altar do Caboclo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 23 - Espaço de Omulu



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 24 - Espaço de Omulu



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 25 - Espaço de Iansã



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 26 - Espaço de Xangô



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 27 - Espaço dos Pretos Velhos



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 28 - Imagens dos pretos velhos



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Cada espaço nestas imagens é história, é ensino e aprendizagem que ali ocorrem, é um ensino multidisciplinar que possibilita ampliar nossa cosmovisão em relação a natureza, a nós mesmos e a nossa espiritualidade.

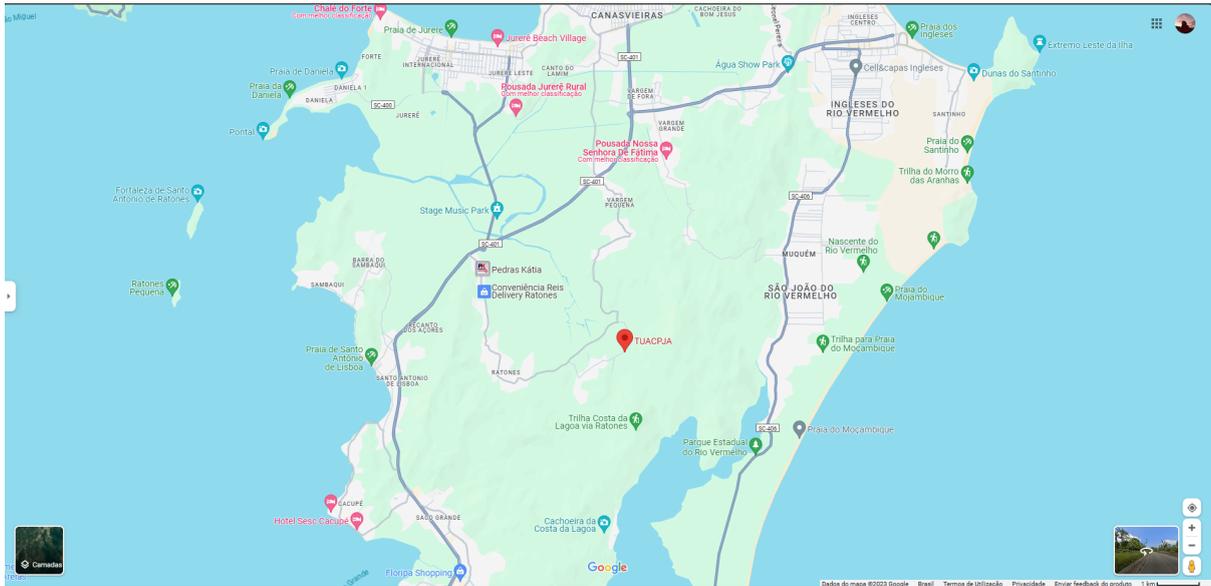
Quando retornamos a pensar na atualidade, nas dimensões dos terreiros, já chegamos a um ponto em que a religiões e suas práticas passaram por diversas influências, desde da sua criação, e depois sendo envolvida e praticada mais nos meios urbanos, a Umbanda ainda mantém traços fortemente de seus antepassados. Isso porque a Umbanda e os terreiros se mantêm pelas trocas entre os indivíduos, mantendo sempre a hierarquia de saberes e de lideranças que estruturam os espaços como são. A liderança religiosa em um terreiro é respeitada e considerada um “Pai”, uma figura de autoridade, liderança, um lugar de respeito, e seus "filhos", os médiuns, participantes da casa envolvem os sujeitos que estruturam um terreiro.

Nesse espaço do Terreiro, não podemos generalizar ao falarmos sobre suas estruturas, hierarquias, funções e regras. Por essa razão, o trabalho traz como pauta o Terreiro Templo de Umbanda Pai João das Águas que situada em um ambiente mais afastado de uma cidade, ele se mantém enraizado em cultos tradicionalmente Umbandistas, influenciada por sua corrente religiosa conhecida e representada como "Ameríndios".

O espaço do Terreiro TUAPJA é localizado no que é considerado o coração do município de Florianópolis, no bairro de Ratoles, numa casa feita de tijolos pelas mãos de seus filhos, suscitando o que no senso comum poderia lembrar uma senzala, em homenagem ao dono da casa, Pai João das Águas, um preto velho que viveu na escravidão. Essa pequena casa se encontra inserida no fim de uma longa via, onde atrás dela nos deslumbramos com uma bela paisagem, ao fim da via notamos uma casa branca e uma casa de tijolinhos, e em seu entorno podemos contemplar uma natureza viva, que respira e que para nós umbandista, se encontra o reino dos caboclos.

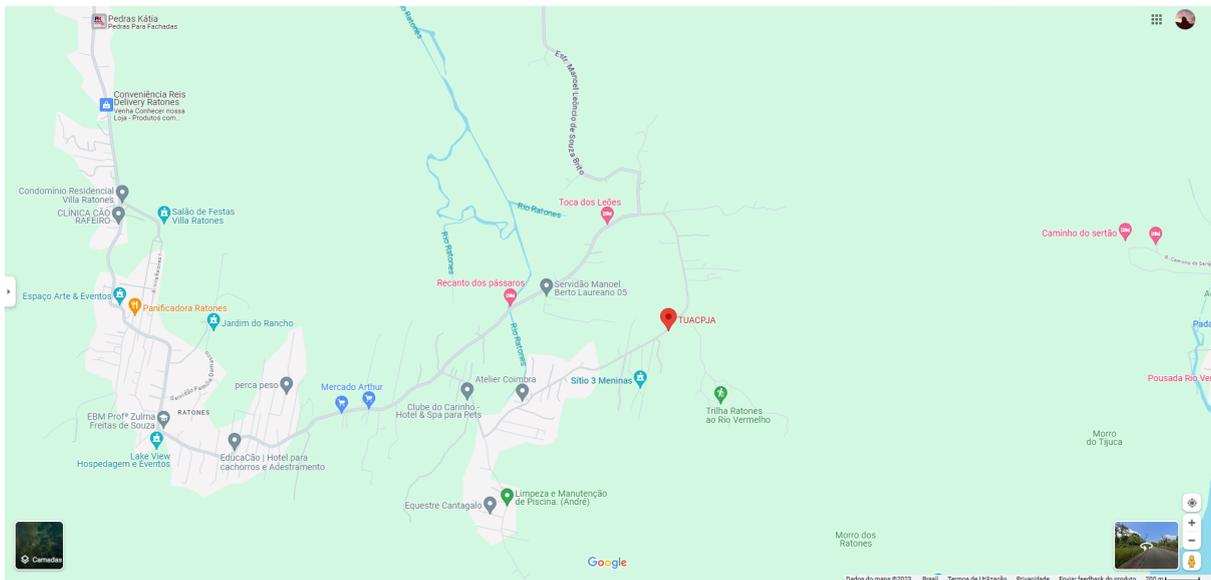
Abaixo podemos observar como a localização do terreiro na ilha de Santa Catarina, se encontra afastada dos centros urbanos, se mantendo isolada e perto da natureza.

Figura 29 - Localização do Terreiro



Fonte: Google Maps. Acesso:20:57 (21/11/2023)

Figura 30 - Localização do Terreiro



Fonte: Google Maps. Acesso:20:57 (21/11/2023)

O caminho até esse lugar é de paz, um lugar onde muitos vêm buscar uma palavra de consolo dos pretos velhos, sabedoria com os caboclos, força com Ogum e Iansã, Renovação com Iemanjá e Omolu, alegria com os Erês, justiça com Xangô, saúde com o Povo do Oriente, amor com Oxum, evolução com Naná e Fé com Oxalá, cada um representando nos

seus arquétipos características que o ser humano busca como ajuda para uma evolução espiritual, mas que na Umbanda primeiramente pregamos como evolução de caráter e consciência para com o intuito de autoconhecimento, buscando viver com amor, humildade e caridade.

Esse espaço de terreiro não é único como relato quando pensamos no contexto histórico da cultura de terreiros e do enfrentamentos das religiões de matrizes africanas quando pensamos em territorialidade, Castor destaca:

Percebe-se que a maioria dos Terreiros está situada às margens da cidade. Esse processo de afastamento do urbano aconteceu com as práticas religiosas de matriz africana, que foram sendo expulsas dos centros urbanos para os morros, concomitante ao processo de industrialização e urbanização que se expandia nas cidades, como ocorreu com a natureza. O deslocamento dessas práticas em consequência do progresso indica a tensão de forças que se instalavam nessa relação. (CASTOR, Katia Gonçalves, 2019 p. 9)

A casa do Pai João foi construída no ano de 2018 e traz consigo todo esse processo histórico e uma contextualização física, ritualística e espiritual baseada nos ensinamentos de um preto velho, notamos esses ensinamentos que são repassados ao pai de santo e aos seus filhos, ao vestirmos o branco, mulheres de saia, ojá e por baixo uma saia de filó para representar as baianas, contexto do Pai João. E os homens de calça e quepe. Os ensinamentos também se trazem nos rituais, que trazem responsabilidade, entrega, e fé aos guias da casa e com seus guias. Ensinamentos, que pela força que a Oralidade se mantém como ferramenta de percursos do conhecimento até hoje nos terreiros, traz na sua potência os saberes ancestrais. O ensinamento do ouvir, o de aprender pela experiência, e das trocas em busca da tolerância, e assim Silveira fala sobre a importância do silêncio:

[...] o silêncio ensina àqueles que têm o ato da escuta. E escutar constitui aprendizado. A aprendizagem tem relação direta com a escuta, um ouvir que tem a ver com o “outro”, com os outros membros do grupo, com seu ethos, com a memória ancestral” (SILVEIRA, 2004. apud MACEDO et al. 2019. p. 3)

Esses poucos ensinamentos que trago como exemplo comparados a muitos que existem, são exemplos que trazem consigo uma carga histórica-cultural, influenciadas por sujeitos ativos, assim como eu que vivem o terreiro. E neste capítulo é onde discursos que rodeiam as vivências do terreiro são compartilhados, trazendo o olhar daqueles que nasceram numa sociedade ocidental dominada por um discurso hegemônico, puderem encontrar outro espaço que diálogos com discursos negligenciados.

Assim, este capítulo traz três pontos centrais que surgiram no decorrer dos discursos dos entrevistados que possibilitam pensar em ferramentas de educação dentro do terreiro de Umbanda TUACPJA.

No “Exu é meu guardião, meu guardião da fé!” abordarei sobre como o acesso a uma educação contextualizada a partir de um discurso não hegemônico como o eurocentrismo, baseado numa cultura de uma religiosidade com aspectos de povos africanos com Ioruba e Bantu, proporcionam acesso a elementos para uma cosmovisão de mundo diferente a qual normalmente somos inseridos.

Já na parte de “Umbanda e Natureza” abordarei sobre a relação da Umbanda, principalmente focada no terreiro TUACPJA, com os rituais e a constituição das relações dos filhos deste terreiro em contato com a natureza.

E para finalizar, na parte de “Pais de Santos educadores (?)” irá permear sobre os possíveis educadores dos terreiros, trazendo como figura central os pais de santos da casa.

### **3.2 Exu é meu guardião, meu guardião da fé!**

Quando ouvir Exu, o medo todos sentem, principalmente aqueles que não o conhecem, a questão piora quando o medo se disfarça de intolerância e violência, que percorre por um processo histórico de perseguição ao que se considera minorias. E assim começaremos falando neste tópico, sobre Exu!

Exu, para Wilson José Motta Júnior, de 52 anos que gosta de ser chamado por Júnior, marido do Pai de Santo, que vem de Salvador, para o Sul, onde aqui enfrentou diversos desafios para se sentir acolhido, sente no seu coração a saudade do calor Baiano, foi neste chão de terreiro que conseguiu encontrar o calor que buscava a tantos anos. Ele conta que para ele “Exu antes de ir há um terreiro era considerado o capeta, o demônio” (JÚNIOR, 2023), isso ele relata na sua época de evangélico, quando na sua convivência da Igreja, ele nos relata que o que se ouvia de Exu era somente coisas negativas. Isso nos conta a partir da pergunta, “O que você sabia sobre a Umbanda antes de entrar no terreiro?”, ele percorre por toda sua história religiosa nos contando que seu primeiro contato com a espiritualidade e religiosidade foi de sua mãe, ele lembra disso emocionado, sentado no sofá onde a assistência, que são as pessoas que vão ser atendidas no terreiro ficam para serem acolhidas pelas palavras dos guias. Neste lugar confortável, Junior se permite nas suas inseguranças de ser entrevistado, contar como sua mãe lhe proporcionou desde pequeno uma conexão com

algo que lhe ajudasse a se sentir “completo” como ele destaca em um dos momentos das entrevistas.

Suas palavras sobre sua história percorrem um único sentido, o de encontrar o que poderia preencher o vazio que ele sempre sentiu. Nos conta, que passando pelo evangélico, pelo cristianismo, e diversas correntes, ele sempre seguiu sentindo esse vazio, mas que sabia que o seu papel nessa vida seria se tornar um pastor ou um conselheiro religioso, o que atualmente ele é, sendo pai de santo pequeno<sup>5</sup>

É importante destacar que no seu processo de vida, Júnior nos conta que pouco havia se questionado sobre sua sexualidade, mas que relacionava esse vazio a sua espiritualidade. Assim, após a alguns anos de se afirmar como bissexual, o que permitiu na sua relação com o pai de santo Júlio o levar para a Umbanda, de atualmente se sentir completo, e quando questionado para ele o que é Exu, ele nos fala, com lágrimas nos olhos, “Exu é movimento [...]” (JÚNIOR, 2023), essas lágrimas que interpreto como um alívio, alívio desse vazio ter se transformado, ter se movimentado, que no decorrer dos seus 8 anos de Umbanda, lhe permitiram através das vivências, transformar o seu olhar interior e exterior, e nesse movimento que para ele é Exu, o seu guardião, lhe ajudar a caminhar, a se sentir acolhido, por quem ele é, Exu não como figura material e representativa de alguma simbologia, mas para ele Exu é somente a energia que guiou seus passos para se movimentar para a transformação.

Na entrevista percebemos que a figura de Exu para o entrevistado é compreendido de formas distintas antes e depois de vivenciar um terreiro de Umbanda, compreendida anteriormente como uma figura, uma entidade que veste capa, tridente e chifres, uma figura que representa na sua estética uma simbologia propagada de maneira negativa. O que levou ao entrevistado após de vivenciar o terreiro, transformar o seu olhar ao ter contato com a Umbanda, ver Exu para além de uma figura central, única, e personificada, mas sim um ser, uma energia, uma força que se movimenta, que trabalha auxiliando aqueles espíritos que vivem no dualismo cristão da luz e da escuridão. Uma missão que na mitologia Ioruba, ele é um grande Orixá, o mensageiro, e que caminha ao nosso lado abrindo nossos caminhos. E de se questionar em como o único movimento pode se estar presente no terreiro TUACPJA, buscando os ensinamentos, para além do ensino que carregamos com a gente, conseguimos notar como destaca Macedo sobre as potencialidades dos discursos dentro do terreiro para esses sujeitos.

---

<sup>5</sup> Pai de Santo Pequeno é a denominação dada a um nível hierárquico da Umbanda. É o segundo maior grau, atrás do Pai de Santo.

De um lado temos o saber formal, escolar, de natureza baseada na escrita, avaliativo, em uma proposta curricular pré-estabelecida, desconectada da vida e da pluralidade de identidades, do outro lado, temos o saber tradicional dos terreiros, fundamentado na experiência, nas relações cotidianas, na experiência adquirida com o tempo, por meio da oralidade e ancestralidade, um conhecimento que é adquirido, mas que não é ensinado. Acontece no “ver fazer”. (MACEDO et al. 2019. p. 1)

Assim, falar sobre Exu é luta e resistência, aos gritos<sup>6</sup> de suas palavras, o entrevistado se emociona quando fala dele, assim como eu me emociono ao entrevistá-lo. Para eles, notamos que Exu é um dos causadores de um conflito, um conflito que os leva a um processo interno e externo. Interno aos movimentos que lhe causam os desconfortos a se aproximarem de uma cultura demonizada, atacada e silenciada, e de se permitir experienciar os conflitos, que como destaca Conceição “São conflitos que apontam diferenças entre o modelo pedagógico dominante na sociedade e a Pedagogia presente no culto aos orixás”. (CONCEIÇÃO, 2006, p. 12 *apud* MACEDO et al. 2019. p.4)

Quando Conceição se refere ao culto aos Orixás é exatamente o que os entrevistados trazem nos seus relatos, a partir do convívio com a Umbanda, que se potencializa no terreiro, o culto praticado traz consigo uma carga de autoconhecimento, o que se apresenta no caso do Junior Motta, que durante o seu vazio, nenhuma das respostas que encontrava nas igrejas o contemplava, porém, ao choque de experienciar o terreiro e ver que aquilo que falavam e ele imaginava, era muito mais do que ele naquela época conseguia entender.

Ao conhecer Exu, e a conhecer o seu Exu, o seu guia, ele pode desconstruir o seu olhar, que o possibilitou um olhar diferente da sua relação com o meio que o cerca. Nos elementos apresentados pelos entrevistados, notamos que Exu, para eles, não é só uma figura, um ser, mas sim uma forma de ressignificar elementos do seu carácter, das suas personalidades, das suas relações com outros, com a natureza, e consigo mesmo.

Exu, no contexto do terreiro faz parte desse “[...] conjunto de signos culturais produzidos, criados nos processos de ensino e de aprendizagem dentro do que chamamos de Pedagogia dos Terreiros, é legítimo, pois se constitui em seus saberes cotidianos” (MACEDO et al. 2019. p.1)

Assim, falar sobre signos culturais que se baseiam nos princípios da Umbanda e que proporcionaram para esses entrevistados um olhar para o mundo e para natureza que adentramos numa cultura centrada nas religiosidades predominantes da sociedade ocidental, o levam a transformar, a partir de um conflito, um olhar diferente.

---

<sup>6</sup> Grito como forma subjetiva e poética de luta, resistência e sentimentos.

Esse olhar se percebe nas falas dos entrevistados do TUACPJA, que rodeados de natureza, eles invocam nas suas palavras a fé dos Orixás que, como dizem, os sentem na Natureza. Para os Umbandistas o mundo é feito de Reinos, assim como a África Medieval, também era, e esse Reinos são cuidados pelos Orixás, então para os entrevistados, o TUACPJA é protegido pelo Caboclos, que cuidam da mata, por isso em um dos espaços físicos do Terreiro se tem um círculo de pedras e areia para fazer os rituais e as giras em contato com a natureza, e em cada canto que caminhar do terreiro as imagens e figuras dos Orixás, para além de estar onde se fazem a gira, essas imagens também estão contempladas no lado externo para proporcionar que durante as experiências ritualísticas, nunca esqueçamos que estamos rodeados por nossos pais e mães.

### **3.3 Umbanda e Natureza**

Os Orixás para a Umbanda, não vivem em um lugar o qual não os podemos alcançar, tão distante no qual teremos que evoluir para nos aproximar deles. Os Orixás para o Umbandista está à nossa volta, nos rodeando pulsando a vida que nos proporciona respirar. É um sentimento que muitos desconhecem, o simples ato de olhar para a Natureza que nos rodeia, e foi assim para o Tony Costa Ranieri de 47 anos, pai de santo coroado pela casa TUACPJA, pelo pai Júlio, que vem de São Paulo encontrar o seu lugar na espiritualidade na casa do Pai João em Florianópolis.

O entrevistado traz um olhar de transformação pelo encanto ao relatar sobre a natureza, elemento que é central para a Umbanda, onde traz esse forte vínculo através dos cultos africanos e de um olhar para a natureza completamente diferente do que a Igreja Cristã pregava de demonização da natureza. Entender o processo de demonização da natureza pela Igreja é entender o que o Tony, criado num ambiente Kardecista, no qual estudava o evangelho, e vivia numa cidade grande pensava em relação à natureza antes de conhecer a Umbanda.

O processo de demonização da natureza se perpetua desde da Idade Média pela necessidade de expandir a Igreja, onde centrada nas grandes cidades, tinha o desafio de se expandir através dos campos onde a população mantinha suas religiosidades voltadas a Deuses que viviam em prol da natureza, da sobrevivência e da relação entre o homem e o seu meio natural. Assim, demonizar esses Deuses, junto a natureza, proporcionou que a Igreja possa chegar a essas pessoas, os considerados politeístas.

Para Tony, foi “através da umbanda, do terreiro eu fui conhecendo, tendo um contato com a natureza. Tinha um contato, mas não era incluído toda semana na minha vida.” (TONY, 2023) essa religião que é politeísta, até hoje segue num processo de demonização aos Orixás, e junto a isso a natureza, o que volta a fortalecer o discurso mercantil e eurocêntrico de exploração dos recursos naturais. Esse afastamento do homem da natureza que é acompanhado por essa lógica do discurso hegemônico ocidental e eurocêntrico, é contemplado no pensamento comum das culturas que vivem nos grandes centros urbanos e para aqueles que não seguem essa lógica, como é o caso dos povos originários, são considerados tribais.

Tony, como destaca, “nasci e cresci numa travessa da avenida paulista, então nunca tive muito contato com a natureza.” (TONY, 2023). O pouco contato que ele teve, relata que era nas idas ao sítio da família, porém, essa compreensão de algo que é tão natural na nossa vida como a natureza, para Tony, se aproximar e compreender melhor sobre ela foi após a sua entrada na Umbanda.

Quando questionado sobre porque essa aproximação após sua entrada, ele relata:

Quando você se depara com os guias, que te trazem, informações, conhecimento, e falam pra gente entender o que, que é a natureza. Quanto é importante a natureza, e isso sempre você vai aprendendo no dia dia, vai conhecendo um pouquinho mais de ervas, porque nosso ritual trabalha com ervas. Então você acaba conhecendo um pouquinho por causa dos guias. Seja Preto Velho, seja Caboclo, seja Ogum, seja Exu, todos trabalham com as ervas. Então, isso me trouxe um contato com a Natureza que eu não tinha. (TONY, 2023)

Como Tony traz no seu relato, os guias são uma das formas de conexão entre os filhos da casa e suas interações com a sabedoria ancestral em relação à natureza, principalmente o cuidado e manejo das ervas. As ervas que para o ritual da casa TUACPJA é tão importante, já que sua corrente espiritual se baseia nos ameríndios, que na crença, é a corrente que traz a espiritualidade dos espíritos dos caboclos, indígenas que já viveram na terra. Más como Tony destaca, não é só os Caboclos que detém esse conhecimento. todos os guias também o tem, isso pensar fica mais claro quando conhecemos o Itan de “Ossaim dá uma folha para cada Orixá”, como destaca abaixo:

## OSSAIM DÁ UMA FOLHA PARA CADA ORIXÁ

Ossaim, filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluaê, era o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Todos os orixás recorriam a Ossaim para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Todos dependiam de Ossaim na luta contra a doença. Todos iam à casa de Ossaim oferecer seus sacrifícios. Em troca Ossaim lhe dava preparados mágicos: banhos, chás, infusões, pomadas, abô, beberagens. Curava as dores, as feridas, os sangramentos; as disenterias, os inchaços e fraturas; curava as pestes, febres, órgãos corrompidos; limpava a pele purulenta e o sangue pisado; livrava o corpo de todos os males. Um dia Xangô, que era o deus da justiça, julgou que todos os orixás deveriam compartilhar o poder de Ossaim, conhecendo o segredo das ervas e dom da cura. Xangô sentenciou que Ossaim dividisse suas folhas com os outros orixás. Más Ossaim negou-se a dividir suas folhas com os outros orixás. Xangô então ordenou que Iansã soltasse o vento e trouxesse ao seu palácio todas as folhas das matas de Ossaim para que fossem distribuídas aos orixás. Iansã fez o que Xangô determinou. Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas e o arrastou pelo ar em direção ao palácio de Xangô. Ossaim percebeu o que estava acontecendo e gritou: “Euê uassá!” “As folhas funcionam!” Ossaim ordenou às folhas que voltassem às suas matas e as folhas obedeceram às ordens de Ossaim. Quase todas as folhas retornaram para Ossaim. As que já estavam em poder de Xangô perderam o axé, perderam o poder da cura.

O orixá-rei, que era um orixá justo, admitiu a vitória de Ossaim. Entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de Ossaim e que assim devia permanecer através dos séculos. Ossaim, contudo, deu uma folha para cada orixá, deu uma euê para cada um deles. Cada folha com seus axés e seus ofôs, que são as cantigas de encantamento, sem as quais as folhas não funcionam. Ossaim distribuiu as folhas aos orixás para que eles não mais o invejassem. Eles também podiam realizar proezas com as ervas, mas os segredos mais profundos ele guardou para si. Ossaim não conta seus segredos para ninguém, Ossaim nem mesmo fala. Fala por ele seu criado Aroni. Os orixás ficaram gratos a Ossaim e sempre o reverenciam quando usam suas folhas. (PRANDI, R, 2001, p. 153)

No Itan de Ossaim, se traz um pouco da mitologia que rodeia um terreiro, as ervas, para os filhos de fé<sup>7</sup>, é composto pela energia de cada guia e Orixá. Aprender a reconhecer a erva, suas propriedades, seu cultivo, e para o seu preparo de banho, é essencial para vivenciar os rituais e oferendas que se fazem num terreiro de Umbanda. Na casa TUACPJA, contemplada pela sua vasta natureza, está enraizada por diversas ervas na horta da casa e pelas árvores que tem no terreno. Foi por essa aproximação tão forte é que Tony se encantou e está até hoje recatado, é onde relata que ali viu um lugar não só para ele, mas também para sua família:

Foi muito bom para os meus filhos que estão na Umbanda desde que nasceram. Tanto é que meu filho menor, os dois, o meu filho maior começou a frequentar, e também começou a desenvolver quando criança ainda lá na Dona Eudina, e os dois menores, desde pequenininho, um tinha dois e outro três, já tocavam atabaque na gira com seus atabaques pequenininhos. Uma de suas virtudes da nossa mãe de Santo (Dona Eudina), era que ela permitia que eles estivessem ali, porque ela já sabia que os dois seriam Ogãs. Então, nunca vou esquecer que meu filho tinha 3 aninhos, 4 aninhos, o pai Tomás que era o preto velho da nossa mãe, chegou pra mim e minha esposa e falou assim “Vou abençoar as mãos desse pequeno porque são mãos de Ogãs.” Então foi a primeira vez que a gente tava tendo esse contato, depois ele fez a primeira preparação lá para depois fazer a preparação de Ogã quando viemos para cá. E isso eles puderam viver com a Natureza, porque lá era natureza, e aqui é natureza. (TONY, 2023)

Essa relação que os guias trazem para seus trabalhos e atendimentos com as pessoas é sempre baseada na utilização das ervas, do que a mata proporciona. Por essa razão, a importância que o Tony dá para esse contato com a natureza, o auxílio no seu trabalho de caridade e na sua transformação como ser humano em contato com a natureza, é como ele relata sobre sua maior experiência já vivida na Umbanda quando se tornou pai de santo, onde ocorre uma obrigação de sete dias, onde ali, o filho que faz essa obrigação deve ficar no que se chama deitada<sup>8</sup>, que busca trazer um afastamento de todos os estímulos da sociedade, e uma aproximação de nós com nossos guias, permanecendo dentro do terreiro por sete dias seguidos. No caso do Tony foi um momento de muitas reviravoltas, iniciando no período do dia 24 de dezembro, no natal, ali se iniciaria o primeiro banho, na cachoeira do Amâncio em Biguaçu. A caminho de lá, Tony relata na entrevista o acidente que sofremos de carro, quando o carro que vinha a sua frente colidiu de frente com a gente, onde se encontrava, o Pai de Santo Júlio e o Tony atrás, o Cláudio, irmão de santo, no volante, e Eu no passageiro.

---

<sup>7</sup> São os chamados médiuns que frequentam um terreiro de Umbanda.

<sup>8</sup> É uma obrigação dos membros de um terreiro para a conexão com seus guias onde eles permanecem deitados dentro da casa do terreiro.

O importante desse relato e da emoção do Tony a contar é a fé que ele tanto fala na sua entrevista que aprendeu, nesse período da deitada foi um momento de muitos ensinamentos, assim como ele traz nesse relato:

Vou te dizer uma coisa que no dia da deitada, nos dias da deitada, principalmente, que quando a gente vem pra cá fala porque a gente tem que sair dali, porque tudo que a gente precisa tá aqui, não precisa de nada lá de fora. Mas especialmente na deitada foi algo assim surreal que a presença da natureza e muitas vezes nos terreiros, não vou falar no geral, porque quando se fala de Umbanda, de Candomblé, mas vamos falar mais da Umbanda. Mas assim, nos terreiros todo mundo que vai lá falar com Exu, Pomba Gira, os Ciganos e não vê e muitas vezes não percebe a importância dos caboclos. Não percebem, e a Umbanda foi criada por um caboclo, então assim, a raiz da Umbanda é um Caboclo. Então realmente, no dia, porque na deitada cada dia você se deita para um dos seus guias, e no dia do caboclo, aqui nesse espaço, amigo, vou te dizer que as coisas que eu vi, que eu senti foi assim eu me emociono só de lembrar e é isso, e a natureza e a energia que vem da natureza. (TONY, 2023)

Nessas fortes palavras, Tony expressa o sentimento de transformação que viveu através da Umbanda, não demonstrando só um processo de espiritualidade ou religiosidade, mas aspectos de mudança de concepção e cosmovisão de vida e de relação dele como sujeito com o meio que vive, de uma relação mais próxima com a natureza.

Esse processo se manifesta também através dos seus guias, como Tony relata, enquanto estávamos sentados em duas cadeiras de plásticos, no meio da natureza, no espaço de Xangô, o pai do Tony espiritual, pisando com os pés descalços na terra.

Eu já vi, eu já vi, alguns guias meus falando para as pessoas que vem ser atendidas, falando da importância de por no pé aqui assim ó, na terra, e sentir essa energia. Enquanto ela te cura, enquanto a alma, e na deitada eu pude perceber isso, com mais clareza, mais força, mais intensidade, porque você está totalmente entregue. Você fica uma semana sem contato nenhum com o mundo exterior, então você tá só direcionado aquilo, e foi algo muito forte, e principalmente com a natureza, principalmente com a natureza. Foi algo assim, a Umbanda ela te traz, todos os elementos, todos os elementos. (TONY, 2023)

Esses ensinamentos que os guias compartilham com os filhos da casa e também com as pessoas que buscam o atendimento, são exemplos de como a natureza é fortemente presente nas relações do terreiro, as ervas, um desses elementos que Tony traz em seus relatos, são os saberes da Umbanda, elementos com muita força e energia, como já destacado que cada erva traz uma energia do Orixá, cada uma tem suas funções. No terreiro TUACPJA os cuidados das ervas é de responsabilidade dos filhos, tendo lugar para diversos tipos que são usados para os trabalhos e oferendas.

Abaixo destaco algumas ervas que se encontram na horta do terreiro:

Figura 31 - Horta de ervas



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Figura 32 - Mirra



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixás:** Xangô e Povo do Oriente.

**Propriedades:** Limpeza espiritual e proteção.

Figura 33 - Boldo



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixá:** Oxalá.

**Propriedades:** Boas energias e conexão espiritual.

Figura 34 - Manjeriçao

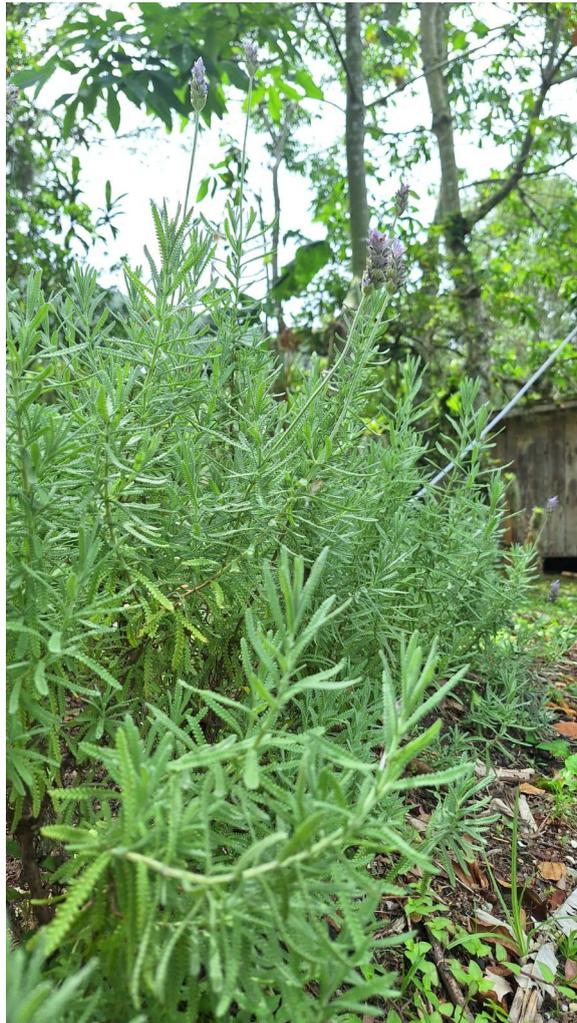


Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixás:** Iemanjá, Oxum e Oxalá.

**Propriedade:** Limpeza espiritual.

Figura 35 - Alfazema



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixás:** Oxóssi, Iemanjá e Oxum.

**Propriedades:** Alegria e Tranquilidade.

Figura 36 - Arruda



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixás:** Xangô e Pretos Velhos.

**Propriedade:** Limpeza Espiritual.

Figura 37 - Alecrim



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

**Orixá:** Oxalá, Iemanjá e Ogum.

**Propriedades:** Prosperidade e boas energias.

São estas algumas ervas que se encontram no espaço físico da casa do terreiro Pai João, onde cada uma com suas propriedades e doadas aos filhos e a aos consulentes para que se utilizem normalmente nos preparos de banhos. E é com essas ervas que Tony, também tem contato.

Assim, podemos perceber abaixo pela narrativa de Tony que a mitologia da Umbanda, as relações que ela contempla trazem uma maior aproximação de algo que as instituições de ensino formal conseguiram nos afastar através de suas estruturas físicas, e no âmbito ideológico. Assim,

Para um umbandista, a força que faz um rio correr é chamada de Oxum, e a força que faz uma árvore nascer é chamada de Ossaim. Assim, na lógica umbandista, cada um de nós é filho de alguma força ou de algum Orixá. Verificamos, então, que para diferentes cosmovisões há distintas compreensões de ser e estar no mundo e com o mundo, portanto, na fabricação deste mundo. As orixalidades em narrativas presentes na lógica dos Povos de Terreiros permitiu discutir com os professores estratégias de narrar experiências da Educação Ambiental em espaços não formais, como os espaços dos Terreiros da Umbanda, e também os espaços formais, como os da escola. Buscamos, então, compreender como novas lógicas potencializam práticas de resistência e de rebeldia para o campo da pesquisa em Educação Ambiental. (CASTOR, 2019 p. 10)

Esses vínculos tão fortes para um Umbandista como Tony desconstroem a relação que nos é tão impulsionada de consumismo, de mercado, de olhar a natureza com olhares predatórios. Se tem no discurso popular os trabalhos e oferendas que se fazem nas ruas, e sim, muitos terreiros permitem o chamado “despacho” deixando lugares com elementos que não fazem parte da natureza jogado. Porém, no terreiro TUACJPA, o Pai de Santo Júlio e os seus guias trazem como primordial a relação ancestral de respeito, humildade e amor com a natureza, e que a Umbanda prega, como destaca Castor:

O vínculo íntimo que tecem ancestralmente com os elementos da natureza, como a água, com as ervas da Jurema e com os incensos de benjoim e alecrim, com as festas no mar em homenagem a Iemanjá, com os rios e com as cachoeiras de Oxum integradas às matas de Oxóssi e dos caboclos, é imprescindível para os Povos de Santo. Aiyê para eles não é coisificada, muito menos mantêm com ela uma relação predatória de exploração. Ao contrário, esse vínculo na relação com a Terra é sagrado, comprometido, compartilhado e sentido não somente como parte da vida dos umbandistas, mas, principalmente, porque a Terra é a Umbanda viva e vivida em plenitude. Aiyê, para os umbandistas, é o ancestral mais próximo, atualizado em cada Gira vivida e manifestado nas orixalidades do código corporal dos médiuns. (CASTOR, 2019 p. 10)

Traçar esse discurso de cosmovisão é falar de uma Pedagogia de Terreiro, como já destacado anteriormente, é uma transformação através de elementos que proporcionam se

entender no mundo. O currículo, é experienciar os conteúdos a partir de uma multidisciplinaridade intencional e planejada, por aqueles que a vivem diariamente.

### **3.4 Pais De Santo Educadores (?)**

Os tópicos anteriores trazem consigo experiências que possibilitam nos aproximar do que realmente ocorre em um terreiro. As entrevistas feitas através da oralidade e da memórias dos entrevistados compartilham diversos elementos que constituem a cultura da Umbanda, de um terreiro, da mitologia e da espiritualidade.

E um dos elementos que vamos destacar neste tópico é o papel dos pais de santo num terreiro, o pai de santo que para se entender o seu papel, popularmente se diz que ele é o “pastor” do terreiro. Porém a terminologia do pastor se tem como vista aquele que guia as suas ovelhas, já que ovelhas precisam ser guiadas colocando aí uma hierarquia de poder e saberes entre seus fiéis. Já quando se pensa Pai de Santo, o nome pai traz consigo a figura do pai, o que também guia, mas ele tem o papel de guiar pelo ensino.

O pai de santo também está em processo de aprendizagem junto aos seus filhos, o processo de trocas na hierarquia estabelecida dentro de um terreiro, mesmo sendo ela vertical, onde o pai de santo é o que rege as regras, contextualiza os saberes do terreiro e da espiritualidade, o que constrói as diretrizes, ele não o faz sozinho, ele o faz junto aos seus guias e na troca com seus filhos. Mesmo nessas relações verticais, ela não se predomina como uma relação de hegemonia entre um ou outro, essa relação é influenciada pelas raízes da Umbanda dos povos africanos, onde a figura do “ancião”, neste caso o pai de santo, é estabelecida através do respeito por aquele que mantém a tradição e as memórias ancestrais. Assim, Filho e Alves resgatam a potencialidade da oralidade e da memória:

[...] os povos africanos trazidos para o Brasil, instalaram uma tradição que ainda é preservada e que mantém viva a memória dos antepassados . A tradição oral e sua apropriação, é com isso, uma construção metodológica de difusão e construção do conhecimento de alguns povos. Ela pode ser vista também como instrumento preponderante no campo religioso de matriz africana. (FILHO; ALVES, 2017, p. 52)

A tradição oral como trazida pelo autor, é um instrumento que dentro de um terreiro serve como mantenedor das culturas dos povos africanos, é um ato de resistência que se

estabeleceu nas religiões de matrizes africanas desde seu surgimento até hoje. A tradição oral é o que estabelece a transmissão do conhecimento dentro do terreiro entre os pais de santos, a espiritualidade e os filhos de santos. A transmissão do conhecimento pela oralidade é a ferramenta principal ao atendimentos aos consulentes, o ato da fala, já é um trabalho<sup>9</sup> feito para acolher aquelas pessoas que chegam ao terreiro. Esse conhecimento cultural estabelecido no terreiro não se vê em livros, ou registros da Umbanda, ela se vê nas trocas e nas vivências.

Esse cuidado e respeito com os saberes e aqueles que o detém está já intrínseco nos filhos que já vivenciam a Umbanda há muitos anos, como no caso do entrevistado Ricardo Rayol Braga, que vive a Umbanda a 32 anos passando por diversos tipos de Umbanda, e hoje há 5 anos na casa TUACPJA. Filho de uma mãe de santo, Ricardo vive a espiritualidade desde pequeno e mesmo passando por diversas casa, foi no TUACPJA que se estabeleceu.

Filho de preto velho, Ricardo é um homem de muitos estudos, crítico e que gosta de acolher os seus irmãos por meio das palavras. Durante a entrevista que durou cerca de uma hora e dez minutos ele compartilha muitos saberes que durante sua trajetória se tornaram pautas de muitas reflexões para ele. Ao falar sobre Oralidade ele destaca:

O que, que a Umbanda é? A Umbanda é conhecimento, e cada guia tem um conhecimento, e esse guia transmite conhecimento, deveria. Então você aprende a fazer uma firmeza, aprende a fazer uma oferenda, aprende a fazer um banho, tudo isso é conhecimento que vai adquirindo com os guias que trabalham contigo e com os guias dos mais velhos né, da gente da casa e das pessoas mais velhas. Então assim, tem que dar muito valor pra isso, as pessoas não dão valor, entendeu? (RICARDO, 2023)

Ricardo destaca que durante sua trajetória aprendeu muito com sua mãe e os guias dela, foi os primeiros ensinamentos que ele teve sobre espiritualidade, sobre vida e o mundo. Assim como a sua mãe de santo que tinha o papel de passar o saberes, o Ricardo como pai de santo pequeno. Atualmente na casa TUAPCJA exerce o mesmo papel, auxiliado pelo Pai da casa Júlio. Esse papel de transmissão dos saberes vem influenciado pelos povos africanos que mantiveram fortemente a potencialidade da oralidade dos mais velhos para os mais novos como Filho e Alves discorrem:

De geração em geração a oralidade vem perpetuando as experiências e conhecimentos dos povos africanos que dessa forma construiu e propagou sua cultura. As sociedades africanas valorizam a fala com tal intensidade que a

---

<sup>9</sup> O trabalho denominado neste caso para o terreiro de umbanda é a ação tanto física na terra que ocorre nos atendimentos quanto as ações feitas pelas entidades no âmbito espiritual

tornam sagrada, logo, esse instrumento comunicativo se faz primordial, pois está diretamente ligado ao Ser Divino da criação. (FILHO; ALVES, 2017, p. 55)

Essa oralidade é a que também se mantém tão presente nos terreiros e motivo pela figura do pai de santo ser tão valorizada e respeitada, como destaca Filho “[...] é dada indispensável atenção aos ancestrais e aos idosos, de forma a cultivar-lhe o conteúdo transmitido e guardar-lhe como tesouro, mas um tesouro aberto a ser compartilhado, uma herança transmitida entre as gerações.” (FILHO et al 2017, p. 55)

Essa herança que os mais velhos carregam, neste caso a figura do Pai de Santo, é o que influencia as relações dos seus filhos e no seu processo de educação dentro do terreiro, da Umbanda e com a espiritualidade. Por se seguir fielmente os processos que estabelecem as relações da casa através da oralidade, a compreensão e a cosmovisão que se constroem para a formação dos sujeitos de uma casa é diferente para cada terreiro.

É assim que o Pai Júlio César Di Stasio Malcenido inicia sua entrevista. Júlio, um ex-modelo, uruguaio, de 62 anos, vive em Florianópolis há 33 anos. Sua jornada com a espiritualidade não se inicia na Umbanda, antes disso, iniciou sua caminhada no que se chama mesa branca, ou Kardecista de Allan Kardec. Lá trabalhou por muitos anos desenvolvendo técnicas de apometria<sup>10</sup> e conhecendo sua espiritualidade. Após 17 anos, Júlio ouviu do seu guia, que naquele momento tinha outro arquétipo, de que deveria “pisar num chão” como Júlio relata. Tempo depois descobre que essa figura era o Pai João das Águas, o seu pai e guia de frente<sup>11</sup> e chefe do terreiro Templo de Umbanda e Caridade Pai João das Águas.

Durante a entrevista, nos encontrávamos no mesmo lugar que estive com Tony, sentados e de pés descalços tocando a terra e de frente a estátua do pai Xangô. Ali, junto há outro irmão de santo, Jonas Nascimento, ouvíamos atentamente a história de Júlio que no início já falava sobre o papel de cada terreiro,

Eu fui entender realmente a Umbanda, que realmente tu pode ler muitos livros de Umbanda, mas que cada casa de Umbanda tem seu ensinamento, tem suas firmezas, seus assentamentos, cada casa tem seu dirigente espiritual diferente, porque quem rege a casa é o guia de frente, o Orixá do pai de santo. Então pode ser vários pais de santos filhos de Iemanjá, sim existe, muitos pais de santo filhos de Iemanjá. Mas cada pai de santo tem uma Iemanjá diferente. (JULIO, 2023)

---

<sup>10</sup> Conjunto de práticas pseudocientíficas de tratamento espiritual

<sup>11</sup> A entidade que é considerada a mais próxima do filho de santo e que também é a primeira a se manifestar durante o desenvolvimento espiritual

Entender que cada terreiro é um terreiro traz a importância da figura do pai de santo como figura central sobre os saberes que permeiam o próprio terreiro e a espiritualidade, para cada terreiro o entendimento a partir do dirigente é único, claro, baseados nos mesmos princípios da doutrina da Umbanda, a mitologia, os Itans e a espiritualidade se mantém, junto delas a cultura oral, mas a forma que chega esse conhecimento, as palavras, a manifestação dessa cultura oral pela corporalidade é única. São saberes que também trazem como influência a essência do indivíduo que a está transmitindo, sujeitos que não são neutros e que é a partir da cultura oral, vai constituindo o coletivo do terreiro, como se constituíram os povos africanos, como desta Filho e Alves:

Num exercício constante de fala, escuta e memorização, os africanos se organizaram ao longo dos tempos e erigiram seus grupos familiares e comunitários. Conduzidos pela tradição oral edificaram suas famílias, religiões, associações e instituições diversas, e especialmente desta forma se educam. Orientados pela oralidade os indivíduos interligam-se uns com os outros e trocam conhecimentos e experiências relevantes para todos, num aprendizado coletivo. (FILHO; ALVES, 2017, p. 55)

O terreiro como espaço coletivo trouxe um grande aprendizado para o Pai Júlio, que compartilha na sua entrevista o seu aprendizado através da Umbanda só após virar pai de santo de entender e se compreender melhor em um coletivo e que agora busca ensinar através da sua experiência mas também do que se traz nos discursos das influências africanas na Umbanda para seus filhos.

No individual, eu sempre estive no individual, e não no coletivo. Eu, por exemplo, vou dizer que o coletivo está vivendo agora com minha casa e com meus filhos. Eu acho que o antes foi só no individual, hoje vou te dizer que me dou conta de que eu tive esse processo, eu era uma pessoa muito vaidosa, tá, por causa da minha carreira né, eu fui modelo durante 22 anos, vivia num mundo muito de fantasia, num mundo muito fútil, de muita vaidade, de muito luxo, então quando parei de trabalhar com isso, quando fui pro lado da educação física. E eu fui conhecendo pessoas, fui me relacionando com outras pessoas, fui conhecendo o ser humano na sua essência, certo? Que antes eu conhecia o ser humano como Luxo, todo bonito, que tinha que ter um bom corpo, um bom rosto, um bom cabelo, tu tem que ter uma boa roupa, tu tinha que frequentar certos lugares, escutar certos tipos de músicas. Então eu conheci um mundo fictício como sempre digo, quando voltei pra realidade do ser humano, eu vi como aquilo não era nada, era uma vida vazia, tá. Então foi uma coisa muito individual, foi uma coisa de muita reflexão. (JULIO, 2023)

Durante a entrevista Júlio compartilha como precisou viver um processo de desconstrução depois de estar já com 30 anos no decorrer da sua vida com a Umbanda e a espiritualidade. Processo que como relata foi individual e depois já mais em contato com sua

espiritualidade, foi aprendendo o caminho da Umbanda junto aos seus guias e principalmente ao Pai João das Águas.

Ele relata uma das suas maiores desconstrução dentro da Umbanda que é o ritual do Corte<sup>12</sup> ritual praticado em religiões de matriz africana que é popularmente questionada e atacada. Júlio relata no seu lugar de fala como indivíduo que foi criado numa educação tradicionalista e cristã, estudando toda sua vida numa escola católica.

No meu ritual, sem desmerecer nenhum ritual, eu respeito todo tipo de ritual, eu por exemplo antes criticava esse corte, do que a gente chama de corte, que era uma coisa, ai que absurdo, não sei o que. Hoje em dia eu participei de outros amigos meus de santos que trabalham com esses rituais, e eu participei de cortes e vou dizer que pra ti que o corte é uma coisa, não é uma coisa que o animal sofre, as pessoas rezam muito no momento para que esse animal não “sufra”, porque isso que se mata né, é o que depois servem para as pessoas comerem. Então, e a gente o que faz, é hipocrisia, porque a gente vai comprar já morto, é a mesma coisa, eles só têm o ritual de cortar. Tá!. (JULIO, 2023)

Esse entendimento para o Pai de Júlio que viveu desde pequeno numa ótica de um discurso hegemônico, se estabeleceram muitos preconceitos os quais ele relata que teve que desconstruir. Diferente do Ricardo que cresceu tendo contato com as religiões de matriz africana e que na sua entrevista relata sobre o corte com crítica de como deve ser feito, trazendo com naturalidade sobre o processo em momentos diferentes da entrevista.

Almas de Angola tem o tal do corte, você corta a criação em louvor ao Orixá ao guia e tal, isso tem um fundamento e tem a forma certa de fazer. Você tá cortando pra você, você tá cortando para a pessoa que tá deitada, porque esse corte é feito na obrigação de quem ta deitado, quem ta deitado não corta. Quem tá deitado só recebe o Axé. (RICARDO, 2023)

Na segunda parte o qual ele relata sobre o corte, comenta o porque acabou saindo das Almas de Angola.

O corte é um negócio que é complicado você está sacrificando um animal que é para uma pessoa. Então tem um processo ritualístico. E a gota da água foi quando em uma camarinha, na última campainha que eu estava participando. Que no dia do corte, na quarta-feira né, são vários dias, más quarta-feira é o dia do corte. Ela assim, “vamo vamo vamo tem horário, vamo embora vamo bora” então a pessoa cortava de qualquer jeito, fazia a entrega de qualquer jeito e ficava tudo de qualquer jeito. Cara, se é pra fazer de qualquer jeito, não faz. (RICARDO, 2023)

---

<sup>12</sup> Cerimônia de sacrifício e reza há um animal para a obrigação de uma deitada.

Compreender a ritualística da Umbanda é entender que cada elemento, cada reza, cada ensinamento é a partir de um fundamento, e que esses fundamentos são trazidos através da oralidade, da memória e das experiências, guiadas pelos pais de santos, pelas entidades da casa e pela entidade de cada médium e filho da casa.

Essa ritualística e sua importância é trazida pelo Pai de Santo Júlio, o chefe da casa TUACPJA, sentado na sua cadeira aos pés do pai Xangô, ele se demonstra um educador nesse processo de entrevista e oralidade, compartilhando para mim e seu outro filho de santo, os ensinamentos da Umbanda.

Qual é a importância do ritual dentro da Umbanda, para o crescimento do médium e para mim? O que acontece quando você entra numa casa de Umbanda, volto a dizer que cada um tem seus rituais, certo? E então o médium quando começa e está no desenvolvimento ele passa por vários rituais, certo? O primeiro ritual é o desenvolvimento, saber conhecer quem é o Orixá dele, certo? Mas também, eu te digo assim, volto a te dizer, não é o mais importante, não é mais importante saber quem, eu sou filho de quem? Quem é meu Exu? ou quem é minha Pomba Gira? Não, volto a dizer, o mais importante é a reforma íntima que tu vai fazer. Certo? Do teu crescimento, da tua tolerância, como a gente falou anteriormente. Então, eu que te digo assim, claro que consequentemente tu vai, tu tá no terreiro, tu vai saber que é teu Orixá, porque ninguém entra no terreiro porque ah to bem to cheio da grana, tá lindo e maravilhoso, mas to aí, não tem nada pra fazer aos sábados, por exemplo no meu caso, não tem nada pra fazer nos sábados e quero entrar num terreiro pra ver qual é. Não, ninguém vem num terreiro assim. Todo mundo vem porque tem problemas, ou sente espíritos, ou vê coisas, e quer se educar a nível espiritual. Então o que vou te dizer, aí você passa por esse processo, e porque os rituais são importantes para um filho? São importantes para que? Pra ele ter uma conexão melhor, tem rituais que servem para ter uma conexão melhor com seu guia, para abrir o Ori, o Ori é nossa cabeça, certo? Nós chamamos de Orí, então pra ele ter uma melhor conexão, pra ele escutar o seu guia, como eu escuto e falo ao meu grande guardião, tá. Pra ele escutar o guardião dele. Como eu sempre digo, tem o guardião da casa que cuida de todos os filhos, mas eu sempre falo para meus filhos, eles tem que confiar nos orixás deles, eles tem que conhecer, eles tem que fazer aquele esforço, agora como tu faz um esforço? Não adianta um dia da semana tu ficar em casa, acender um incenso, botar uma velhinha, ah vou meditar e perguntar, começa “ai ai ai onde é que tu tá? e quem é meu Exu” não adianta isso, não adianta, não adianta porque como digo, quando a gente raciocina uma coisa, a gente não escuta o espiritual, tá? O racional não combina com o espiritual. Isso vem sozinho, quando menos a gente espera, isso aparece. Então o que acontece, esses rituais, dentro da Umbanda, vão dando forças, para o filho, que tem aquele desenvolvimento, aquele caminho que ele quer, a casa dá força pra ele saber o que é a tolerância, o nosso objetivo, parece que a gente está sempre falando a mesma coisa né, mas a gente vai sempre para aquilo né que que é, é a nossa reforma íntima. (JULIO, 2023)

Ouvir, ou neste caso ler, esse discurso, esse olhar de um pai de santo, é o papel de um filho de santo, é o que aprendemos, e que nesse pedacinho de relato do Júlio, é apresentado uma parte da visão que ele como Pai de Santo ensina aos seus filhos, estando ele incorporado ou não. O ensinamento da reforma, do autoconhecimento, do se valorizar para a

transformação em busca da tolerância, do amor, da caridade e da humildade, para além de princípios básicos de convivência de coletivos a partir das grandes heranças que os povos africanos escravizados trazidos para o Brasil deixaram para as religiões de matrizes africanas.

A oralidade como resistência, como ato de fé, como ato de desconstrução e como ato de humildade.

#### 4. Fechando a Gira

Creio em Deus, no seu poder; na sua luz e no seu perdão.

Creio nos Orixás amparando as nossas vidas.

Na comunicação dos Guias, encaminhando-nos para a caridade e para a prática do bem.

Creio na reencarnação da alma, na Justiça Divina do retorno como doutrina espiritual.

Creio na invocação; na prece e na oferenda como atos de fé.

Creio na Umbanda como missão e caminho para seguir o pai Oxalá!

Assim seja!

Prece da Umbanda

Assim, fechamos a gira, afirmando nossa fé. E assim é que fecho este trabalho, que durante o processo da vida, precisei de muita fé para finalizar sua escrita.

A pesquisa chegando a sua conclusão tinha como maior intuito apresentar a Umbanda com outros olhos, outros discursos, os olhos de quem vive na Umbanda e daqueles que viveram um enorme processo de desconstrução em relação a sua visão de mundo e de si mesmo. Chegar aos sujeitos que foram inseridos desde do seu nascimento, em discursos hegemônicos, eurocêtricos, estabelecendo relações de poder que se tornam inconscientes.

Esses discursos que são apresentados nos espaços considerados “formais” e aqueles discursos que são negligenciados, considerados “informais”, “não-formal”, trazendo definições que já limitam a potencialidade e força de cada educação. Quando o ideal seria esses discursos dialogarem para uma decolonização dos saberes, e o que é isso? É o que foi apresentado nesta pesquisa, decolonizar o saber é o que os membros da casa TUACPIJA que foram entrevistados e muitos que não foram, vivenciam já após sua educação básica e “formal”, não como crianças, mas como adultos. Aqueles que cresceram num discurso de ódio, de preconceitos, de racismo, poderem, de forma sutil, serem educados através de um religião que se contextualiza e que conserva fortemente elementos culturais dos povos africanos que no Brasil foram escravizados. Essa cultura que se tem a força de não aceitar como pertencente à cultura brasileira, entender os processos dentro de um terreiro, é um processo de educação, que eu busco fazer através deste trabalho. Porque é preciso se permitir para se decolonizar!

E o que se vê no decorrer das entrevistas, é o que o trabalho tinha como objetivo, a partir de um único questionamento, que era “Ocorre um processo de ensino e aprendizagem dentro de um terreiro de Umbanda? Se ocorre, de que maneira ela se manifesta?”. Assim,

notamos que durante o primeiro capítulo, pudemos alcançar uma aproximação em diálogo com outros autores que falam de uma Pedagogia de Terreiro, que o papel do terreiro é totalmente formativo e que não é porque ela não é considerada “não-formal” ou “informal” que não apresente elementos para um processo de ensino e aprendizagem.

A figura do Pai de Santo e das relações que se estabelecem dentro do terreiro junto aos seus filhos e aos rituais foi destacável para compreender conceitos como oralidade, experiência e memória que possibilitam dizer a partir dessa pesquisa que são elementos que auxiliam no identificar um processo de ensino e aprendizagem. Um ensino que é oral, que é de geração, é ancestral e a partir do místico, da fé e da memória, um ensino que se utiliza da natureza e dos rituais para conscientizar. Uma aprendizagem que se torna crítica, de autoconhecimento, que não potencializa um discurso eurocêntrico e que nos aproxima de culturas que não temos tanto conhecimento.

Viver o terreiro se torna um processo de desconstrução, de decolonização, um espaço que tem como potencial fortalecer discursos antirracistas e uma educação antirracista. Isso se percebe na desconstrução do que é Exu, do que é corte, no que a oralidade, já que muitos desses elementos são demonizados, são negligenciados pela cultura hegemônica. E a partir das entrevistas podemos perceber que esses indivíduos que vivem o terreiro, homens, todos brancos, estão desconstruindo seus discursos a partir das suas relações com o terreiro de Umbanda.

Esse olhar para a desconstrução não como uma mudança radical de concepção desses indivíduos, mas pelo menos uma aproximação, pelo menos uma aproximação de mudança se percebe de indivíduos que se possibilita transformar a partir de uma religião que mesmo ainda nas suas influências eurocêntricas, se mantém fortemente o que se busca esquecer, que é a cultura desses povos africanos.

Que a Vó Benedita das Almas, minha mãe Iemanjá e meu Pai Omulu estejam comigo para o fechamento deste trabalho. Que assim seja!

AXÉ!

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, R. R. Entrevista concedida a Darío Nicolás Lanata. Florianópolis, 14 Out. 2023.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- CASTOR, K. G. A educação ambiental na umbanda. **S. X EPEA Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. VII ESEA Encontro Sergipano de Educação Ambiental**. [s.l: s.n.].
- CHIESA, G. R. “A sua religião é a Antropologia”: histórias e (des)caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. **Religião & Sociedade**. v. 40, n. 2, 2020.
- CUNHA, N. C. **Brinquedo De Tambor: Processo De Ensino-Aprendizagem Na Umbanda**.
- DOS SANTOS, V. M. NOTAS DESOBEDIENTES: DECOLONIALIDADE E A CONTRIBUIÇÃO PARA A CRÍTICA FEMINISTA À CIÊNCIA. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, n. 0, 3 dez. 2018.
- DUARTE, M. F. A teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus e a demonização das religiões afro-brasileiras. **Revista Maracanan, [S. l.]**, n. 20, p. 91–111, 2019.
- ESPOSITO, G. C. M.; BASTOS, S. R. A importância da mitologia dos orixás para a construção do imaginário umbandista. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, v. 19, n. 1, p. 7–22, 2022.
- FILHO, E. F. DOS S.; ALVES, J. B. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da associação brasileira de pesquisadores/as negros/as (abpn)**, v. 9, p. 50–76, 26 dez. 2017.
- "Intolerância religiosa"**; ESTADÃO CONTEÚDO, 13 DE NOVEMBRO DE 2017. Disponível em: [Brasil tem uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas | VEJA \(abril.com.br\)](https://www.veja.abril.com.br/brasil-tem-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas/) Último acesso: 05/04/2023
- DI STASIO, J. C. Entrevista concedida a Darío Nicolás Lanata. Florianópolis, 14 Out. 2023.
- MACEDO, Y. M.; MAIA, C. B.; DOS SANTOS, M. F. Pedagogia De Terreiro: Pela Decolonização Dos Saberes Escolares. **Vivências**, v. 15, n. 29, 2019.
- MAYER, S; FARIAS, H. **Coletivo denuncia intolerância religiosa após adolescente umbandista ser agredida em escola de Joinville**. G1 SC e NSC, 28/04/2022. Disponível em: Coletivo denuncia intolerância religiosa após adolescente umbandista ser agredida em escola de Joinville | Santa Catarina | G1 (globo.com). Acesso em: 26 jun. 2022.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: O Lado Mais Escuro Da Modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, n. 94, 2017.

NOVAES, L. M. **A Educação No Terreiro De Umbanda Centro Espírita Justiça E Amor: Projeto Sucursinho.** In: Anais do Encontro de História da Anpuh-Rio, 15., 2016. Nova Iguaçu: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

OLIVA, A. R. A invenção dos iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da tradição oral na construção da identidade étnica. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 27, n. 1-3, p. 141-79, jan./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.ucam.edu.br/institucional%5Cceaa%5Crevistas\\_todasssss.asp](http://www.ucam.edu.br/institucional%5Cceaa%5Crevistas_todasssss.asp)>. Acesso em: 21 dez. 2023.

OLIVEIRA, A. Narrativas escolares de alunos umbandistas no Ensino Superior em Santa Catarina. Equatorial – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 5, n. 8, 2018.

OLIVEIRA, L. F. DE; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 15–40, abr. 2010.

PAIM, E. A.; ARAÚJO, H. M. M. Memórias Outras, Patrimônios Outros e Decolonialidades: Contribuições Teórico-metodológicas para o Estudo de História da África e dos Afrodescendentes e de História dos Indígenas no Brasil. In: **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, n. 92, julho de 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, A. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005. p. 117-142.

PRANDI, R. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, v. 0, n. 50, p. 46, 30 ago. 2001.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RANIERI, Tony Costa. Entrevista concedida a Darío Nicolás Lanata. Florianópolis, 14 Out. 2023.

REIS, M. DE N.; ANDRADE, M. F. F. DE. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17, n. 202, p. 01-11, 10 mar. 2018.

SANT’ANNA, T.; CARVALHO, M.; OLIVEIRA, J. PRÁTICAS QUILOMBOLAS NO TERREIRO DE MÃE ANA. **Revista Temporis[ação]** (ISSN 2317-5516), v. 19, n. 2, p. 21, 14 fev. 2020.

SOARES, Rodrigo Lemos; BUSSOLETTI, Denise Marcos; SOUZA, Ariana; PEREIRA, Gustavo Henrique. Pedagogias dos terreiros: ações de ensino educativo-sociais. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 59, p. 1-16, e11601, out./dez. 2021.

ROCHA, M. S. Representações Sobre As Religiões Afro -Brasileiras E A Escola: A Escuta De Mestres Em Saberes Tradicionais, Pertencentes Ao Candomblé, Congado E Umbanda, Sobre A Educação. Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, 10., 2018. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

**WEBER, T. L. A umbanda na sala de aula: a relação de alunos umbandistas com a sua religiosidade dentro de uma turma do Primeiro Ano do Ensino Médio. TCC(especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia de Ciências Humanas. Gênero e Diversidade na Escola. 2016.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS  
ENTREVISTADOS

Prezado/a, convidamos você para participar da pesquisa de Darío Nicolás Lanata, estudante de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo do estudo é analisar e pontuar dentro das experiências do Terreiro de Umbanda Pai João das Águas os processos de ensino e aprendizagem e em como elas ocorrem dentro de um espaço considerado não-formal, para assim, compreender as relações que se estabelecem dentro de um terreiro de Umbanda. Por essa razão, a pesquisa dialoga com conceitos que se notam presentes dentro das vivências de um terreiro de Umbanda, como oralidade, experiências e memórias, e assim, se aproximar de métodos de ensino e conseqüentemente identificar a aprendizagem ali ocorrida ou não.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos, bem como publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, você decidirá como gostará de ser nomeado na pesquisa, garantindo o direito de preservar a sua identidade.

Durante a pesquisa você será entrevistado/a a respeito da sua trajetória e experiência profissional mediante o registro em áudio, para posterior transcrição. Salientamos que situações desagradáveis podem surgir durante a entrevista como cansaço ou aborrecimento, alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre compreensão da temática. No entanto, o pesquisador buscará minimizar ao máximo esses riscos e caso o pesquisado desejar se manter no anonimato este terá a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não há obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

**Endereço de Contato do Comitê de Ética:** Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: (48) 3721-6094. CEPSES – SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

O presente documento trata de uma norma instituída pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa). O sistema CEP-CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) foi instituído em 1996 para proceder a análise ética de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil. Este processo é baseado em uma série de resoluções e normativas deliberados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), órgão vinculado ao Ministério da Saúde.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui seu Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos desde 16 de junho de 1997, registrado junto ao CONEP. O CEP SH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado a Pró Reitoria de Pesquisa e de acordo com seu art. 2º: tem por finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Foram elaboradas duas vias deste documento, rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável (atendendo ao item IV.5.d da res. 466/12 e art. 32o. da res. 510/16). Guarde-a cuidadosamente, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada. Tendo em vista que as entrevistas serão conduzidas e custeadas por instrumentos adquiridos com a verba da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, não está prevista o ressarcimento por meio de compensação material, uma vez que não haverá despesas por parte do participante e seus acompanhantes, tais como transporte e alimentação. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido/a. Despesas de transporte e alimentação são de responsabilidade do pesquisador a fim de garantir que você não tenha nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa (conforme preconizados pelos itens II.21 e IV. 3.g da res. 466/12 e art. 2o., inc. XXIV, art. 9o., inc. VII, e art. 10o. da res. 510/16).

Eu, responsável pela pesquisa, estarei a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa pessoalmente, pelo telefone, WhatsApp ou e-mail.

Darío Nicolás Lanata

Telefone: (48) 999973997

E-mail: [dariolanata@hotmail.com](mailto:dariolanata@hotmail.com)

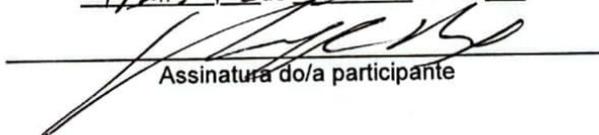
Você também poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH) por e-mail [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br), telefone (55) 48 3721-6094, Carta ou Pessoalmente, no **Endereço de Contato do Comitê de Ética: Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400.** E-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br). Telefone: (48) 3721-6094. **CEPSES - SC**  
[cepses@saude.sc.gov.br](mailto:cepses@saude.sc.gov.br). Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

Endereço Reitoria II R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar,  
sala 401 Trindade 88040-400 – Florianópolis – SC .

Eu, Darío Nicolás Lanata, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

  
Darío Nicolás Lanata  
Pesquisador Responsável

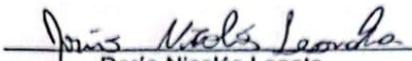
Eu, Ricardo Raya Braga, documento R63708765  
este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

14 de Dez de 2023.  
  
Assinatura do/a participante

Endereço de Contato do Comitê de Ética: Prédio Reitoriall (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: (48) 3721-6094. CEPSES – SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

Endereço Reitoria II R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar,  
sala 401 Trindade 88040-400 – Florianópolis – SC .

Eu, Darío Nicolás Lanata, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

  
Darío Nicolás Lanata  
Pesquisador Responsável

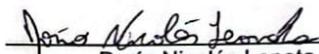
Eu, Yony Costa Raweri, documento 26576410-5, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

16 de Dezembro de 2023.  
  
Assinatura do/a participante

Endereço de Contato do Comitê de Ética: Prédio Reitoriall (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: (48) 3721-6094. CEPSES – SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

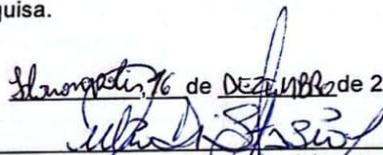
Endereço Reitoria II R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar,  
sala 401 Trindade 88040-400 – Florianópolis – SC .

Eu, Darío Nicolás Lanata, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

  
\_\_\_\_\_  
Darío Nicolás Lanata  
Pesquisador Responsável

Eu, Julio Cesar D. Stasio, documento 006.480.469-07 → CPF.  
este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

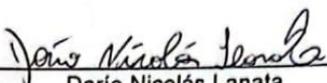
Assinatura de Julio Cesar D. Stasio de 26 de Dezembro de 2023.

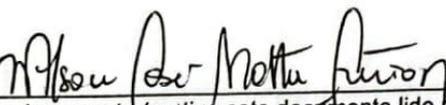
  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

Endereço de Contato do Comitê de Ética: Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: (48) 3721-6094. CEPSES – SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

Endereço Reitoria II R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar,  
sala 401 Trindade 88040-400 – Florianópolis – SC .

Eu, Darío Nicolás Lanata, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/08/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

  
\_\_\_\_\_  
Darío Nicolás Lanata  
Pesquisador Responsável

Eu  documento 627240965-4  
este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a participante

Endereço de Contato do Comitê de Ética: Prédio Reitoriall (Edifício Santa Clara). Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: (48) 3721-6094. CEPSES – SC cepses@saude.sc.gov.br. Telefone: (48) 3212-1644 / 3212-1660

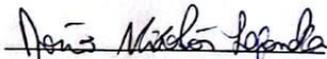
## TERMO DE COMPROMISSO

Pelo presente TERMO DE COMPROMISSO que celebram entre si: O pesquisador **Darío Nicolás Lanata**, graduando em pedagogia, argentino, solteiro, residente à rua Delminda Silveira, N.568, Apt. 305, Bairro Agrônômica na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, portador da cédula de identidade RNE nº V719968-Q, devidamente inscrito no CPF sob o nº 012.568.019-84, pesquisador do projeto de conclusão de curso "O ensino e aprendizagem entre pai de santo e seus filhos: Oralidade, experiências e memórias no Templo de Umbanda Amor e Caridade Pai João das Águas. ". O Terreiro **Templo de Umbanda Amor e Caridade Pai João das Águas**, sediada na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina neste ato, representado pelo Pai de Santo Júlio César.

As partes declaram que possuem acordo no desenvolvimento da pesquisa em entrevistas com médiuns adultos e jovens da casa, (nestes casos será buscada pelo pesquisador a autorização junto aos seus responsáveis).

Por estarem de acordo, as partes, inicialmente nomeadas, firmam o presente TERMO DE COMPROMISSO.

Florianópolis 05 de abril de 2023

  
Pesquisador

  
Representante da instituição parceira

## ENTREVISTA RICARDO

**Darío:** Seguinte as perguntas. Não precisa responder exatamente o que eu te perguntei, tu pode ir contando livremente a partir da pergunta que eu fiz tu vai contando tua história o que eu quero saber mais é sobre a tua história com terreiro de umbanda então quero saber de princípio. Como é que a umbanda apareceu na tua vida assim, como que tu conheceu?

**Ricardo:** A minha história na umbanda, né? É o seguinte eu venho de uma família de umbandista. A minha mãe era umbandista, espírita na verdade ela se iniciou no candomblé. Sei lá, não lembro direito. E desde pequeno, eu tenho contato com umbanda, perdi cinco, quatro, cinco anos me lembro assim é o mais longe que eu me lembro. Tá ligado, tem bastante tempo, mas eu não era praticante porque lá em casa era uma o meu pai não tinha religião, a minha mãe era umbandista e os três filhos, né? Eu, meu irmão, minha irmã. E bem então passou-se um tempo ali quando eu tava pelos 15 anos, 15 para 16 mesmo já tava 14 para 15 anos. A minha mãe já tava no terreiro no Rio de Janeiro, o templo de Espírita A Caminho da Luz que já umbanda esotérica, ela já tava ali desde 76, eu acho e ali em 79, se não falha a memória meu irmão começou a cambonar a minha mãe a minha mãe trabalhava na gíria de atendimento. Então cada médium lá tinha, cada médium de atendimento lá tinha seu cambone, e aí o meu irmão ficava cambonando minha mãe.

E ficou assim durante anos e eu não ia eu só ia lá para, aí eu comecei a ter contato com mais a fundo, né? Mas eu ia só para fazer um ritual que eles chamavam um ritual de imantação que era um era um sábado que você tava deitado algumas horas e em volta de uma mesa de vegetais e flores e tal e mantado e você recebia uma pedra chamado que era o otá e você tinha que manter essa pedra ao longo de tanto tempo e anualmente eu fazia esse ritual quando precisava, tomar banho eu tomava por aí vai, mas não tinha muito contato. E assim foi passando o tempo, ou seja os 15 até uns 15 e 16 até uns 27 anos eu fiquei nesse esquema, só que a partir de um determinado ano.

Eu comecei a agenda de atendimento às segundas-feiras, então eu comecei no começo do meu pai aqui buscava e depois eu comecei a alternar com meu pai, depois eu comecei a ir. Eu ia buscar segunda-feira na gira e então chegava para o atendimento, então fazia o atendimento com os guias da minha mãe.

E lá na umbanda esotérica, eles não trabalhavam, só trabalhavam com Caboclo, Exu, Pomba Gira, Erê e preto velho, só essas quatro linhas assim, né? E a gente ficava nesse esquema de ir lá para o atendimento da segunda-feira e tal e a gente ia levando a vida sim.

Cara, só que é o seguinte como eu dava carona para para minha mãe e para o meu irmão de volta. Então eles iam conversando que a minha mãe ela não se lembrava muito dos atendimentos, não vou dizer que ela era inconsciente porque eu não tenho certeza, mas eu acredito que ela seja, ela era né? E ele mesmo. Ah, o fulano de tal teve aqui veio agradecer que aconteceu aqui a graça tal. Passou um emprego, curou a doença dele e ia com alguém apontando e aquilo foi ficando na minha cabeça.

**Dario:** Qual é o nome de sua mãe?

**Ricardo:** minha mãe é a Jurema. Minha mãe é a Jurema e meu irmão é Robson e eles conversavam conversavam conversavam e eu comecei a ficar meio que ligado naquilo e um dia eu cheguei para o caboclo que trabalhava com a minha mãe. Caboclo girassol que era o guia chefe da minha mãe e perdão eu não sei também se era o guia chefe, mas ele era o caboclo que que mandava, porque lá diferentemente de alguns outros lugares trabalhava com mais de um guia na mesma linha então por exemplo, minha mãe trabalhava com dois exus e duas pomba gira, eu não vou lembrar agora era Tranca Rua, Maria Mulambo, Maria Padilha e mais o outro lá que eu não vou lembrar. E trabalhava com o Caboclo girassol, trabalhava com preto velho com a preta velha e o caboclo Girassol.. Acabou com ele tava pensando em entrar e tal e ele falou um negócio para mim que para mim virou lei assim, cara quer entrar para Umbanda não tem problema, mas é o seguinte, cara. Tu botou o pé aqui cara. Tá lascado é até o fim da tua vida, vai arrumar um compromisso com os guias que te acompanham e com a religião, entendeu? Então eu comecei a pensar nisso, eu comecei meu desenvolvimento em 90, 91 é 91, aliás fazem 32 anos esse mês , 32 anos e 91 e eu comecei a fazer o desenvolvimento aos domingos era mais era uma gira de desenvolvimento lá desenvolvia todas as linhas só esse negócio de orixá de frente não existia essa ideia, né? Você sabia que você tinha os orixás, mas não tinha esse tipo de visão era uma visão voltada para atendimento de guia. Então eu fazia atendimento com Exu atendimento com preto velho e fazia desenvolvimento.

O preto velho João Luiz já tinha me dado o nome.

O Erê já tinha me dado o nome dele, o Pedrinho.

A pomba gira o nome dela, as Sete Velas.

O Exu já tinha me dado o nome dele, Sete Voltas.

E o único guia que eu não tinha o nome de confiança era o caboclo que era caboclo cobra coral e ele falou para mim, pô, mas não pode ser eu não sei eu cismeie com ele e ela foi confirmar aqui, né? Depois de 3 anos então comecei a desenvolver claro então em 94 eu vim pra cá pra Florianópolis, não tinha nada parecido com umbanda de lá então eu fiquei um tempo fora, mas eu fazia minhas obrigações, fazia as minhas firmezas e tal. E basicamente foi isso.

**Dario:** Ai depois tu encontra essa casa?

**Ricardo:** Não, depois eu fui pra almas de angola, daí mudei pra Barreiros, lá perto da minha casa tinha muita almas de angola. aqui almas de angola mudou muito, lá perto de casa, eu descobri por acaso através porque tinha uma uma moça que trabalhava no prédio que eu trabalhava que era secretária da Kathe e uma vez eu cheguei ela tava com a cabeça coberta de branco, né? Tava fazendo uma obrigação.

Não sei nem porque perguntei isso. Falei pra ela que queria conhecer a casa. Então, eu fui lá conversei com o pai de santo, eu já tava sentindo muita necessidade de voltar a trabalhar, né? A gente acaba desenvolvendo e começa a trabalhar então lá eu entrei lá na almas em Angola, continuei meu desenvolvimento, só que almas de angola depois de você depois que você faz a primeira obrigação que é bori você passa atender então comecei a trabalhar já eu já tinha meus guias, né? Que eu já conhecia sobre, mas é Angola não sabia nada sabia de nada, sabia que tinha corte e assim ó, eu depois eu vou fazer um resumo do que eu acho disso, mas só para você entender e aí fiquei lá um tempo 13 anos lá e já estava ali pelos 10 anos de terreiro. E estava um pouco incomodado com isso porque o ritual todo o ritual tem a sua fundamento, mas se você faz do jeito certo, se você faz do jeito errado não tem fundamento perde o sentido.

**Dario:** O que é o jeito certo para você?

**Ricardo:** Assim, ó, o que que acontece. Então vamos lá, então vou explicar. Então vou antecipar almas em Angola tem o tal do corte você corta faz e corta o animal em louvor ao

Orixá, o Guia e tal isso tem o seu fundamento tem a forma certa de fazer você tá cortando não é para você, está cortando para a pessoa que tá deitada, porque isso esse corte é feito na obrigação de quem tá deitado. Quem tá deitado não corta só recebe o axé.

Vou explicar, você imagina o seguinte, então vamos lá, então vou falar sobre a umbanda esotérica, ela trabalha muito com formas geométricas os pontos de formas geométrica, ela trabalha com a só com as quatro linhas. Apesar de que uma evolução eu sei que tem umbanda esotérico que trabalha com outras linhas que não tem orixá, não tem corte é tudo voltado a é vegetal e Flores, ó almas em Angola, umbanda de almas de Angola é um ritual, que é que na verdade aí tem uma história tem toda uma história que vai chegar lá que é a umbandização do candomblé de Angola, né? Porque eu falo isso porque o Candomblé, como Umbanda lá no começo do século 20, Candomblé era meio assim, mas o ficou muito pior na época do getulismo?

Existia no começo que a umbanda e começou a formar e começou aquele oba oba do espiritismo do de algum espiritismo afro, né religiões afro não quer Umbanda seja afro, mas nem um candomblé afro, mas é essas religiões que existiam manifestação de espíritos, exceto o kardecismo por que o kardecismo tem outra pegada, mas essa manifestação ela era muito combatida pela igreja católica tanto é verdade, que é o que você for olhar algumas coisas que são resquícios daquela época, por exemplo a Semana Santa durante a quaresma, né? A quaresma os terreiros ficavam fechados de respeito até hoje, né? Até hoje tem até que fecha e ou fecha o altar caixas de imagens para não aparecer alguma coisa é uma baboseira. Olha aquela época fazia sentido, hoje em dia não faz mais, que é uma das coisas que eu acho um absurdo, mas enfim.

E com isso almas de Angola ela penetrou nessa pegada e porque que candomblé abriu o Candomblé de almas Angola? porque diz a história que uma pessoa de ia proximidade do país Zélio que é o fundador da Umbanda e ele chegou assim o pai Zélio, ele tinha uma pessoa do conhecimento do ciclo dele que era muito amigo do Getúlio Vargas, então ele fez uma aproximação então um Getúlio varga meio que tirou o pé da repressão contra aí, o que que o pessoal das outras religiões afro fizeram. Opa, eu vou virar umbandista, entendeu? Então eu tenho umbanda de almas de angola pegou esse viés ali, entendeu? Tudo bem que deveria ter antes você aproveitou e botou umbanda lá, entendeu? E como outros outros rituais . Então isso ignorou o problema da repressão, né? Muito bem agora então todo continuando, as almas de angola tem um processo todo diferente.

Não é só o corte ele tem a capitulação que é você cortar unha corta cabelo para fazer um um patuá, você tem, um culto ao Orixá, o guia. Você tem o guia ali, mas você cultua, tem um culto ao orixá, você cultua o orixá como se fosse uma divindade não é como se fosse um guia, mas não é porque você é da umbanda, acredita que o orixá nada mais é do que uma uma parte do Poder de Deus, então você não pode como é que você pode dizer que o poder de Deus encarnou, entendeu? É então Jesus Cristo, não é Oxalá, não, Jesus Cristo se convencionou por causa do sincretismo, mas o Jesus Cristo não é o Oxalá, Jesus Cristo é um guia elevado de elevação, provavelmente na linha na linha de Oxalá, que seria um caboclo de Oxalá, como a gente trabalha aqui com Caboclo de Ogum, Caboclo de Iemanjá e por aí vai ser um caboclo de Oxalá, vai ser um caboclo top, né? Caboclo, né? É o que manda.

**Dário:** Nas almas de Angola tu viu que tu aprendeu muito que não tinha a mesma coisa na umbanda esotérica certo?

**Ricardo:** Não, são muito diferentes, mas na essência eu tava ali para trabalhar. Eu não tô, eu não tava muito preocupado com o ritual, estava preocupado em fazer o meu trabalho e lá só que é o seguinte começou, o entorno começou a ficar muito complicado então por exemplo. A relação das pessoas com as guias que botava no pescoço, existe uma fixação quase maluca assim de louca de uma pessoa tinha que fazer obrigação para ficar para ser pai pequeno para ser Babalorixá para fazer reforço para isso para isso para isso cada vez mais guia no pescoço aí o cara fazia uma obrigação lá botava uma guia que parecia um cabo de âncora, entendeu? O cara não consegue nem andar com aquele negócio e isso era então assim, essa vaidade era uma vaidade muito forte assim era uma coisa que me irritava, né?

Não porque você não era obrigado, por exemplo, meu irmão, meu irmão mesmo voltando ao Caçula do meu irmão, meu irmão, cambona minha mãe fez a obrigação dele de médium que é uma obrigação que faz para poder trabalhar em terreiro e só e trabalha há 40 anos, entendeu? Então assim não tem necessidade. Ah é lá minha mãe fez babalorixá fez porque ela quis. Uma questão dela.

**Dário:** É que talvez na umbanda esotérica se tem essa ideia de progresso, que na umbanda de almas de Angola que tem uma ideia de toda hora tem um progresso pra seguir pra conquistar coisa.

**Ricardo:** Mas esse é um progresso fantasioso, né? É uma fantasia que criaram na cabeça da pessoa é uma fantasia que tem um impacto financeiro tem uma obrigação não é barato, você

tem uma ideia na época que eu fiz pai pequeno que eu sou feito pai pequeno, né? Em almas de Angola, gastei R\$4.000. Acho que gastei pouco, entendeu? Hoje cedo eu duvido se você tem 10 anos, eu duvido que alguém gaste menos de oito, só que é o seguinte, cara. O nível social, cara. R\$8.000 para uma pessoa eu não tenho 8 mil reais para fazer uma obrigação, entendeu? Tem gente que fica ali juntando dinheiro a vida inteira, vive naquele mundo e não vê outra coisa, entendeu? Então a pessoa fica aquela maluquice de querer fazer a obrigação, isso é bom porque tem pai de santo que cobra para fazer obrigação tem pai de santo que vende que eh a obrigação então fica um negócio esquisito, né?

**Dario:** E aí depois tu sai de almas de Angola, tu veio para o pai o João?

**Ricardo:** Sim, mas eu saí porque por causa dessa vaidade, eu saí por causa da falta de educação das pessoas, não existia assim, pô, eu não quero, não quero generalizar mas assim algumas pessoas se valiam do fato de ser graduado para espezinhar os outros. É coisa do ser humano não tem a ver exatamente com as almas de Angola não tem a ver vai ser assim, mas se não existe uma uma correção do processo. Se você não fala assim, cara, você não pode desrespeitar o teu irmão e lá nesse terreiro que eu trabalhava não tinha doutrinação existia assim, vamos lá para trabalhar todo mundo fazendo obrigação e é isso, aí tem que ir lá. Teve ano que teve oito camarinhas, cara. Faz uma camadinha por mês, entendeu? E tem todo um processo que você aí tem que aí você recolhe o Exu. Exu fica 90 dias.

**Dario:** Era quanto filhos?

**Ricardo:** Cento e poucos filhos e sendo isso o dele, mas tem outro terreiro maior e isso foi me incomodando e o corte como eu tava falando que o corte é um negócio que é complicado. Você está fazendo essa oferenda de um animal para outra pessoa, então você tem que ter um processo ritualístico e a gota d'água foi numa camarinha aqui a última camarinha que eu estava participando que no dia do corte lá que é quarta-feira, né que são vários dias, mas quarta-feira dia no corte era assim não vamos vamos vamos tem horário tem horário vamos embora, vamos embora, então assim a pessoa cortava de qualquer jeito fazia entrega de qualquer jeito e tá tudo de qualquer jeito, cara. Se é para fazer de qualquer jeito não faz ou então muda o esquema. Então vamos fazer só o corte só para os orixá da cabeça do cara e o Exu e Pomba Gira.

**Dario:** E pra ti antes, já tinha ouvido falar sobre corte?

**Ricardo:** Nunca tinha ouvido falar, fui ouvir lá dentro. E não me impressionei, por causa que eu entendia que tinha um fundamento. E aí um defeito meu, eu acreditava que se eu estudasse muito, se tivesse conhecimento, estava trapaceando. Então o que eu fazia, evitava de ler sobre qualquer coisa para que na hora do atendimento, na hora da consulta eu não achasse que estava trapaceando.

Até o dia que eu estava conversando com meu irmão, e meu irmão nunca falávamos. Ai meu irmão, tu tá maluco cara? Aí eu falei não cara. Ai ele, como é que você vai entender o que o guia tá te falando se você não conhece, a analogia que eu peguei depois de uma outra pessoa falando é muito boa, você imagina o seguinte, você é um chefe de cozinha cinco estrelas Michelin, 10 estrelas Michelin, você é o maior cara do mundo. Aí chega numa cozinha para fazer uma comida e só tem sal.

Você vai fazer o melhor comida do mundo com sal agora se você tem um monte de tempero, tu vai fazer a melhor comida do mundo, então se você não tem o conhecimento a informação vai chegar para você e você não vai saber decodificar é como se fosse chegar essa pessoa falando japonês que você não sabe falar japonês, não adianta nada. Não precisa ficar falando japonês não vai aparecer um monte de palavra maluca e a ideia é exatamente essa você estudar para poder traduzir aquilo então, eu sou muito fã do conhecimento, entendeu? E por um lado é isso e por outro lado como eu já tinha muito tempo de estrada. Eu aprendi a filtrar. Porque infelizmente da mesma forma toda a religião tem a gente tem um monte de espertalhão que fica vendendo um monte de ideia maluca, entendeu? E a internet é um problema.

Porque ela cria ela cria factóides, né criar coisas que não existem e as pessoas , infelizmente o ser humano, o cara que vai atrás de um terreiro, não vai atrás de uma religião qualquer não vou abstrair entendeu? O cara que vai na igreja rezar o cara se ele vai lá para rezar para quê? Porque ele tá na merda, entendeu? Ele tá na merda. Vou lá rezar ele até tem uns que acreditam que participam do processo vão lá e tal. Mas o cara que vai lá rezar. Uma vez como o cara

que vem aqui o cara tá na merda precisa resolver a vida dele, só que o cara não entende que ele tem para mudar a vida dele, tem que mudar ele entendeu?

A gente está aqui para prestar caridade a umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da caridade. Qualquer coisa diferente disso não é umbanda a manifestação do espírito é o que a incorporação de um morto um espírito que uma pessoa que morreu. Então você está incorporando uma pessoa que morreu para falar para uma pessoa viva um monte de coisa que ela tem que ouvir e a pessoa ouve ouve. Ah eu cara eu perdi a conta das vezes que eu já ouvi essa expressão. Aí eu precisava ter ouvido isso, só que a pessoa sai daqui dá um passo para fora do terreiro, ele esquece completamente tudo aquilo que ela tinha que fazer então mas assim a gente está aqui para isso.

E a religião de forma geral ela tem esse negócio então, você tem que tomar cuidado, quando vai fazer o atendimento tem todo esse processo e na almas de Angola o negócio estava complicado e por tudo que eu já falei cara aquilo foi me incomodando me incomodando esse evento aí, cara. E aí bateu e quer saber enchi o saco aí pedi minhas contas, né? Fui lá falar com o pai de santo e falei que tava saindo do terreiro. Peguei minhas coisas que tinha que despachar.

E fiquei assim veio só que foi em abril março abril de 2018 que sai do terreiro. Só que o seguinte, um dos motivadores de eu ter saído do terreiro foi que uma irmã de Santo minha que também tinha o seu terreiro, e um dia conversando com ela com a preta velha dela. E ela falou para mim assim eu falei para Poxa, como é que eu faço para entrar aqui? Porque o esquema lá do trabalho dela era muito parecido com o que a gente tem aqui hoje no Pai João, né? E apesar de trabalhar com poucas linhas e ela falou assim, olha filho, eu não posso te acolher porque quando a minha filha vir para cá abrir a terreira dela o pai de santo lá de vocês falou para ela não trazer ninguém de lá para cá, como é que é? então assim eu não podia tirar do meu livre arbítrio, então isso me deixou puto puto aí mas cara tudo bem porque a minha vida então quando eu sair de lá até a época que eu vi a primeira vez aqui. Eu de vez em quando ia lá na gira de preto velho lá para trabalhar.

E é porque cara lá era o negócio era punk porque eram sempre tantas pessoas para ser atendida e pouco médium para atender então. Então e o pessoal muito bacana, eu já tinha amizade com eles todos né? Então foi uma coisa bacana, experiência interessante, eu ia para atender. E me escorei no conhecimento. Porque pô eu não tinha terreiro, como é que eu vou

trabalhar em um terreiro que não é meu é? Como é que se faz isso? É muito fácil, porque ter fé. Fé que vai dar certo que você tá indo lá fazer o que é correto e que vai dar certo, então o que que eu fiz?

Firmava meu anjo de guarda em casa. Firmava meus guias Ogum e Iemanjá, firmava o Preto Velho e firmava Exu. Sai de casa firmava e ia para o trabalho voltava agradecia e tá tudo certo. Nunca me aconteceu absolutamente nada. Ah, você vai sair do terreiro tua vida vai virar de cabeça para baixo baboseira, balela porque eu saí de lá uma aura lá de maldição que quem sai de lá se fodia, cara, minha vida, só foi para frente.

**Dario:** Se tem muito discurso assim do Medo dentro do terreiro?

**Ricardo:** Criasse então tem uma série de coisas que tem que tomar cuidado então assim ó. Por que as pessoas falam que a vida vai para trás quando você sai do terreiro porque acontece é o seguinte quando você tá no você entra no terreiro. A vibração é aqui aí você vai. Vai melhorando vai melhorando vai tomando banho vai então vai fazendo vai vai trabalhando vai trabalhando aí tu vai chegando vai melhorando se você sai do terreiro e você esquece tudo aquilo que você aprendeu. Você vai voltar para o mesmo lugar que você estava. Ah, voltou para trás não você voltou para o meu lugar que estava, agora se você continuar praticando tudo que você aprendeu. Você não volta para trás, tu fica ali em cima então para você assim, quando tu diz que você saiu, mas tinha aprendido muita coisa.

**Dario:** Que você aprendeu que notou que te ajudou a manter essa fé sem a ti te transformar de tudo sobre o medo?

**Ricardo:** O medo e a vaidade são os maiores inimigos do médium ponto final então cara. Não saia Não. Tenha medo faz não tem medo porque nada vai te acontecer. Eu acreditei nisso e nada me aconteceu. O que que me aconteceu em outubro de 2018? Tinha homenagem ao cigano Igor Cigano aqui da casa e naquela semana eu cruzei com a Nice, que é a medium daqui e ela é minha vizinha de prédio e ela tava de branco saindo para cá na semana anterior. Eu acho ela e falou assim, foi 2018, setembro ou outubro.

Ai eu virei pra ela e falei assim, olha aqui a pergunta que eu fiz para ela falar assim porque ela também era de almas de Angola com terreiro lá do do Clóvis. Eu falei você ainda tá lá no pai Clóvis? Você ainda está lá no pai Clóvis, ela tava saindo de branco. Eu não perguntei. Ah tá indo para o terreiro não tá indo você ainda tá lá, ela falou não eu tô lá no ratones. Ah é pá

pá pá pá, pá, você não queria ter homenagem do Cigano lá, aí eu vim eu e a Valéria minha mulher veio aqui.

**Dario:** Você já conhecia o pai Júlio?

**Ricardo:** Nada, quem conhecia o pai Júlio era a Valéria que ela conhecia o pai Júlio porque na academia logo quando a gente morava aqui ele era professor na academia que a gente malhava lembrava dele, nem lembrava não tinha ideia cara. Fiquei maravilhado, a gira de Cigano é mais homenagem pra pessoa vir aqui se a pessoa já tá com uma tendência. Cai dentro é bem fácil a gente faz.

**Dario:** o que tu viu o que te fez mexer em gira de Cigano que tu fala que pode mexer bastante assim para entrar?

**Ricardo:** Não é a causa da Alegria, entendeu? É uma alegria você vê uma coisa Alegre não vê uma coisa Sutra porque assim ó aí começa aquelas lendas, né o negócio de exu da Pomba Gira da esquerda direito blá blá, em almas de Angola por exemplo Cigano e malandro vem junto da linha de Exu. Eles não vem, não tem gira a patada. Na umbanda esotérica, não é? Nem se fala nisso. Apesar de que hoje o meu irmão trabalha numa gíria. Eu não sei nem qual umbanda que ele tá hoje. Que ele quis trabalhar com essa linha toda mas malandro e eu e o malandro e o cigano acho que vem na linha da esquerda também. E aqui não, aqui são linhas separadas e Pô você vê aquela alegria o exu, tem uma aura de sinistro, sou do mal, eu sou diabo que não é nada disso, né? Na verdade o exu, ele só mostra quem você é se você é um pilantra, ele vai mostrar que você é um pilantra. Aí você vai ter que ver que tu é um pilantra e acreditar que é um pilantra tem que mudar e pensar sobre isso.

**Dario:** O que você pensava sobre sobre exu?

**Ricardo:** sobre o exu, não é nenhuma opinião porque na verdade eu não tinha mesmo, entendeu? não, eu não conhecia nada. Eu conhecia de modo era conversando com um guia da minha mãe isso entendeu? E aí me passava lá me dava um banho e daí tu vai aprendendo sozinho e realmente o conhecimento que eu tenho hoje eu comecei a estudar a umbanda deve ter 13 ou 14 anos atrás por conta própria.

**Dario:** O terreiro proporcionou alguma coisa de aprendizagem ali na prática?

**Ricardo:** Nada. o próprio pai de santo lá, ele falava que não tinha estudo nenhum

**Darío:** Estudo tu diz de teórico ou na prática?

**Ricardo:** Aí vamos lá agora, vou falar da oralidade é que esse é o grande. Esse é um grande problema, porque em almas de Angola. Umbanda o que que é umbanda? é um conhecimento e cada dia tem um conhecimento e esse guia transmite conhecimento, deveria. Então você aprende a fazer um uma firmeza, aprende a fazer uma oferenda, aprende a fazer um banho tudo isso é conhecimento que você vai adquirindo com Os guias que trabalha contigo e com Os guias dos mais velhos, né? Então assim tem que dar muito valor para isso as pessoas não dão valor, entendeu?

Tem uma mirunga para fazer. Se você faz, acreditar que aquilo vai dar certo não interessa se você tem teu exu ou teu marinheiro não interessa não interessa que se eu te ensinei uma coisa é porque eu sei e se você se eu tô te falando é porque foi permitido falar, entendeu? Eu não tô afrontando o guia de trabalho com a pessoa, né? Tudo bem eu não vou falar do consulado é só um conhecimento. Então oralidade da Umbanda. Tem muita coisa que você não vai saber nunca porque ficou na cabeça do dirigente que morreu, ou lá, por exemplo ou ficou dentro da cabeça do dirigente que não quer passar porque ele não pode, não pode compartilhar o segredos porque ele não pode fazer isso porque se todo mundo souber que ele faz vai todo mundo virar igual a ele. Mas agora tem muito disso, tá? É a como se chama vamos vamos Ah eu tinha esse discurso, né? Ah eu mostro tudo mas não mostra aí pode ouvir outra coisa sabe então. Ah, você botava uma mesa para o na obrigação lá na na com a camarinha, eu vou fazer vou botar lá porque aqui a gente não trabalha com a casa das Almas lá, mas de Angola você tem a canjira que é a casa de Exu e tem a casa das almas que é a casa das Almas. Por que a casa das almas? Porque ele tem um egun ali. Esse é egun ele foi buscado no cemitério.

E ali dentro tem um fundamento ali desse negócio, então vou falar porque não sei se eu posso falar então não vou falar, mas existe um fundamento ali. Então assim não é a casa das almas, não tem nada a ver com a casa de Preto Velho. Apesar de preto, não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Então, você vê que tem essa está aqui é diferente e cada umbanda é diferente, então esses segredos. Então você ariar um negócio lá dentro então o cara botava lá a toalha botar o charuto para fora, por que que tem charuto que para dentro é para fora, porque é sete marafos não tem três, tem as suas explicação tem o seu fundamento, mas se você olha, então tá aqui para todo mundo ver, como você não explica o cara vai ver ele vai entender porra nenhuma,

não adianta porque não tem documentos, livros, não tem nada escrito é tudo oral. É tudo oral, entendeu? Muita coisa escrita, hoje. Eh tem, graças ao Rubens Saraceni, que o Rubens Saraceni aí a umbanda sagrada entende que a pessoa não precisa de terreiro, é uma ideia meio maluca. Na cabeça dele você não precisa ter pai de santo, não precisa ter nada você simplesmente você aprende e você é o seu próprio terreiro, entendeu? Então, tem validade isso? Talvez mas eu não vejo porque cara porque tem um processo você tá dentro do terreiro. Tem um processo tem um fundamento a gente tá aqui essa casa ela tem uma série de fundamentos uma série de assentamentos para segurar uma gira de descarrego, imagina a pessoa que vem aqui, cara. Ela vem carregada de tudo. Qualquer coisa nem imaginava e chega aqui dentro a pessoa vai ser tratada, entendeu? Então assim você imagina isso uma pessoa que não tem um terreiro que vai fazer isso em casa. Como é que ela vai segurar? Ah, não vou fazer aqui uma tranqueira dentro de casa a vida deve ficar vai ficar cheia de de treco aí dentro e não vai fazer nada na vida dele mais sim bom mas enfim, né? Cada um com a sua ideia então cara. O conhecimento é importante.

E a oralidade, ela é importante porque se você não tem como passar isso por escrito, por exemplo a minha mãe ela a ela anotava tudo então, eu tenho um caderno na minha casa e tem vários cadernos da minha mãe que ta com meu irmão que tem um monte de coisa escrito e eu peguei o hábito de escrever algumas coisas também. Então fica, e aí ficou registro, mas não é publicado né? E o Rubens Saraceni publicou isso é ele que criou essa cultura da publicação. Ele tem muito livro publicado, mas assim, se você for aí começou a aparecer, né? Aí o seu Exu meia noite. O Guardiã da meia-noite que é o Exu da casa né? Por acaso. E tem uma história lá do do Exu daquele Exu daquele daquele espírito que virou meia-noite. Diz a lenda lá no livro que ele foi que criou a Falange da meia-noite.

**Dario:** E assim como o meia-noite o conto do meia-noite tu percebe que ele é algum contexto, uma forma de introduzir alguns ensinamentos?

**Ricardo:** Então assim o que acontece se você ler alguns livros é você extrai uma informação ali, entendeu? Tem algumas informações tem alguns processos tem como mostra mais ou menos como é que funciona? O problema é quando você começa a ter muita fantasia, porque é uma espécie de ficção, né? Ah, mas foi psicografado.

Mas se você for pegar a história é tudo parecido uma com a outra, todos eles eram de um jeito aí foram não sei o que. Passaram por um processo e viraram um exu e agora sou Exu, não sei

das quantas todos eles. Meio esquisito né? Eu não acredito em coincidências, eu acho que é muita é muita história parecida para ser muito tudo muito igual para ser verdade, eu acho minha opinião, mas você tirar algum conhecimento dali, por exemplo é tem um livro sobre o boiadeiro Zé do laço.

Fantástico! ali mostra ali tem conhecimento para cacete, fala de como é a gira, então ele explica como é que começa a preparação da gira, como é, como é que é feito? Por que que é feito então a gente está aqui a gente chega hoje lá no sábado que é gira, vamos lá vai ter gira de Exu e tal então aí essa aqui tá sendo preparado desde quarta, quinta-feira, já sabe o que que vai acontecer aqui, cara que já imaginou cara. Que coisa louca você saber que uns dias já sabe que vão chegar que vai chegar aqui, como é que vai ser, como é que vai ser então eu não sei se você já teve esse tipo de intuição, olha se prepara que hoje vai ser complicado. Ah, até hoje vai ser tranquilo, entendeu? Então esse tipo de coisa a gente acaba aprendendo, você chega aqui e sente que tem alguém te falando. Olha é tu vai pegar cara separa tal coisa porque esse tipo de coisa que tu vai usar por causa aí, você sabe que aquela coisa aí por estudar é voltado para algum tipo de magia então aquele tipo de coisa você vai usar para alguém que você sabe com essa pessoa chega, você sabe o que era aquela pessoa que você tava esperando para poder fazer aquilo, entendeu? Não é um negócio muito maluco, entendeu? Isso é um dos ensinamentos que teve em algum dos livros, tu percebe que também de alguma forma.

**Dario:** Tu conseguiu para além do digamos conhecimentos teóricos e práticos e terreiro algo que esses conhecimentos de alguma forma te transformou sobre caráter sobre personalidade?

**Ricardo:** E vamos lá então, vamos lá com duas coisas primeiro. Primeira coisa é o seguinte: o conhecimento é importante, mas você é um tradutor, o conhecimento serve como um tradutor do que teu guia quer te falar, o teu diz que te acompanha que a gente fala primeira coisa, ótimo. E aí você vai saber se é o guia que tá falando ou é Kiumba que tá falando, se é espírito obsessor que tá falando é esse também é uma coisa. Que você tem que entender que isso acontece, não somos a prova de obsessão, entendeu? Eu sei porque eu passei por uma experiência recente que foi horrível. A Valéria estava no hospital ali no cepon e eu tava na porta do hospital. Estava Eu e minha mulher tal e esse, veio um pensamento na minha cabeça esquisito foi um negócio horroroso assim, entendeu? E eu não sou um cara eu não sabia só vi aquele negócio na minha cabeça aquele horror, né.

Eu estava falando do sofrimento, para se tornar uma pessoa melhor, a umbanda é a manifestação do Espírito para a prática da caridade. Você vai encarnar você vai incorporar um espírito morto.

Se você não for uma boa pessoa, que tipo de espírito você acha que vai incorporar?

Não pode ser coisa boa, entendeu? Então isso é uma das coisas que a gente tem que entender, que não é porque você vai virar um santo, porque nós ninguém que tá aqui dentro casa é santo. Quem tá aqui é porque precisa, o lugar um pouco dos pecados que cometeu nessa vida e nas outras para quando desencarnar, apanhar pouco, todos nós vamos apanhar, mas a ideia é apanhar pouco. Por que que a gente trabalha pela caridade? É para evitar o pior, porque você não trabalha para nada, eu poderia ser uma boa pessoa.

Mas eu não eu não transformei em nada, eu ser boa pessoa não fazer caridade absolutamente porra nenhuma serve para nada.

**Dario:** O que quer ser uma boa pessoa para você?

**Ricardo:** Porra, bicho é uma coisa lá, acho que aí é meio meio filosófico, né? aqui dentro eu pratico o que eu tenho que fazer lá fora, então eu aprendo lá fora e venho praticar aqui dentro. Tento ser uma pessoa boa, tento não ter mal, não ser fofoqueiro. Eu tento não ter ódio das pessoas, eu tento não fazer maldade com ninguém. Eu tento não causar um problema para ninguém, entendeu? Tento ser uma pessoa equilibrada, aquela pessoa é de bom coração, quando eu falo bom coração não é só aí é uma diferença entre doar e a caridade, né? Não adianta você dar dinheiro para a pessoa.

É você fazer, quando você faz quando eu vou fazer a caridade o seguinte é se interessar realmente pela pessoa, o cara tá passando e ajudar ela naquele sentido, então isso eu pratico lá fora e venho para cá dentro. Mas por que mas lá fora eu fui porque aqui dentro, eu sou obrigado a fazer isso.

**Dario:** Você acha que aqui na casa do pai João eles conseguem trazer de alguma forma a caridade?

**Ricardo:** Você não tem como não ver a caridade você vê a pessoa que você vê uma pessoa alcançando uma graça aqui, entendeu? Você acha que uma pessoa que vem aqui com um consulente vai ser atendido por um guia vai ser abençoado vai sair daqui com por uma uma

um problema resolvido porque o guia é um guia ruim ou um guia bom? Bom, que eu digo não é porque alguém é o melhor guia, não é o fodão, não é isso? Tô falando que é um guia que tem luz, entendeu? E esse guia só pode ter luz se você tiver luz, entendeu? Então você é obrigado então você vê quando você vê alguém eh recebendo uma graça você vê que a pessoa sai daqui de outra pessoa, para você, porra esse negócio aí tem que fazer sentido, entendeu? Então por isso que o terreiro te traz ser melhor? Não é a tua vida que tem que se você tem que transformar tua vida, mas você é porque eu eu não acho que nós estamos aqui para sermos pessoas melhores. Eu não tenho nenhuma dúvida disso. A gente não tá aqui para ser a gente melhor, nós estamos aqui para praticar a caridade. Mas só posso fazer caridade sendo luz. É a ordem invertida, então assim se você entrar no terreiro achando que você vai se transformar numa pessoa melhor. Para quê?

Pra ser melhor? Então vem na consulencia, não precisa se matar aqui toda semana, tem que ter disciplina mental e física, só tem que ter entender o que que ela precisa fazer, entendeu? Agora se a pessoa não acredita que você, quero só ser uma pessoa melhor, vem na consulencia, segue o que o guia fala. Não vai precisar ficar de branco, ficar ouvindo esporro de pai de santo, não vai precisar fazer faxina toda semana, entendeu?

Algo que eu aprendi na minha caminhada é que se você não, você não vai manifestar o espírito para praticar a caridade. Aí é uma opinião minha, eu sei que tem gente que não concorda e não vou entrar nessa discussão. Mas é uma opinião minha, tá? Tá dentro do contexto, cara. Se você não quer fazer caridade, não quer incorporar um guia para trabalhar, para atender uma pessoa não entrava na umbanda, né? Vá numa igreja católica, vai sei lá qualquer lugar, entendeu? Porque aqui é outra coisa, se você não tá aqui pra incorporar você não tá aqui para fazer nada, entendeu? Se você não quer não sei o quê me tornar uma pessoa melhor bacana pra quê? Qual é o objetivo? Qual objetivo? Você pode se tornar uma pessoa melhor em qualquer lugar, você fica em casa, entendeu?

E eu aprendi muito aqui com isso, me tornei uma pessoa melhor aqui, vendo o que tava sendo feito, porque o trabalho que eu faço aqui como médium eu não fazia lá na alma de Angola, como não fazia lá na umbanda esotérica, não tinha nem oportunidade, mas almas em Angola com certeza não.

**Darío:** O que diferenciou esse espaço para você conseguir fazer esse trabalho e perceber esse trabalho e você se tornar uma pessoa melhor do que nas outras casas?

**Ricardo:** Ah, a orientação do Pai João, é a formação doutrinária da casa. É que ele sabe ,nós temos que trabalhar atendendo as pessoas e que isso tem que ter uma disciplina para você ter disciplina, você tem que realmente mudar, então você vai incorporar tem que ter disciplina para ter disciplina tem que melhorar porque você não consegue se disciplinar se for uma pessoa desequilibrada, é impossível.

**Dário:** Você acha que essas orientações vem só do Pai João ou vem de outros guias ou até de irmãos ou do próprio pai Julio?

**Ricardo:** Cara, é um somatório, porque todos os guias tem alguma coisa para falar, eu sou contra, por exemplo é a centralização de tudo nos guias do pai Júlio. Por exemplo, não só quem resolve e o seu meia-noite, pô, será que ninguém se tocou ainda que o meia-noite ele é o Comandante e que todo mundo qualquer coisa que você falar com qualquer guia, ele vai saber ele vai orientar sendo que se seu guia não souber resolver ele vai ajudar a resolver. Será que ninguém entendeu isso ainda? Parece que ninguém entendeu, não tem, se eu não conversar à meia-noite meu deus do céu não vai resolver minha vida, se você não conversar com a rosa vermelha não vai resolver minha vida. Se não conversar com cigano igor não vai resolver a minha vida. Cara, meu Deus do céu, tem guias aqui maravilhosos que você vê estão ,trabalhando, assim, , é impressionante. E todos eles conversam, eles conversam, tudo aqui tudo é um trabalho conjunto é um trabalho de equipe. Você pode falar com sei lá, quem é mais novo aí, que tá entendendo, né, Amanda? Você vai conversar com os guias da Amanda? Eu nunca conversei mas eu tô te falando, eu imagino que é isso, qualquer coisa que você falar com os guias da Amanda, ela vai ter a capacidade de dar orientação. Porque se ela não sabe , alguém vai saber, isso vai chegar nos ouvidos de quem tá aqui dentro e vai transmitir. Olha é assim, entendeu? Ah não, eu não sei resolver, cara, não existe, outra coisa também que eu acho uma bobagem. Essa história do arquétipo. eu sou aqui o velhinho assim, ela te abençoe você filhinho, você vai ser feliz. Pelo amor de Deus, eu não consigo falar desse jeito. Nenhum guia meu fala assim, entendeu? O Pedrinho, meu Deus do céu, ele falando às vezes eu fico até sem jeito, porque parece um mentor elevado, ele fala com uma empolgação na voz que Deus livre, mas mas é o arquétipo. Uma pessoa, se não vê uma pessoa desse jeito, tem gente que não acredita que está incorporando um velho. Entendeu? Então é isso uma coisa engraçada. Isso não tem sentido, entendeu? Então ah, não sei. Ah, não sei ele não fala daquele jeito.

Eu já trabalho de uma forma diferente, não precisa ser daquele jeito. Um exemplo, o caboclo ninguém entende o que o caboclo fala, o caboclo não fala, como assim? Caboclo que não fala comigo. Todos falam, mas só fala quando necessário. Só falam para a pessoa quando necessário, o mestre do oriente a mesma coisa, não fala, fala sim, mas que só vai falar o que foi necessário, falar pouco, não vai ser um no discurso, entendeu? Então tem que começar desmistificar um pouco isso na cabeça e as pessoas que vem aqui, elas têm que acreditar porque tá aqui para ser curado, então o fato da pessoa não tá falando daquele jeito não quer dizer que a gente não tá trabalhando.

**Dario:** Então seria que como os conhecimentos, as histórias que vem nos livros, os arquétipos tudo isso é pra criar um contexto para conseguir dar algum ensinamento para conseguir fazer aqui as pessoas acreditarem?

**Ricardo:** Exatamente porque a pessoa tem que ver, entendeu? E a pessoa por exemplo aí tem os exageros, né? Mas vamos lá é Exu com cartola e capa. É um arquétipo, mas só que a cartola e a capa tem um fundamento. Agora o cara chega aqui com plumas e paetês, Exu com 45 lanças, 12 milhões de garfos e fundamentos? isso aí é coisa do médium, entendeu?

É uma linha tênue entre a vaidade, e o ensinamento fala muito bem cara, a umbanda, traz um monte de coisa para o médium, mas o que mais traz é a vaidade. Uma vez eu tava numa gira de Cigano aqui foi bem engraçado, eu estava ali e três ou quatro no meu lado. Todos os quatro com baralho cigano com pedra de cristal e um incenso todos, e eu aí fiquei olhando, assim, eu falei, mas meu Deus do céu, será que todos jogam um baralho. Será que Todos usam pedra de cristal é isso na cabeça do cara, entendeu? Cara? Com certeza não tem sentido. Eu já caí nessa tá, no passado, e eu cortei isso porque o conhecimento eu aprendi que isso aí é coisa do médium. Então quer ver? Vou dar um exemplo. Médium nenhum e guia que trabalha comigo, bebe aqui você pode ver é água. Suco, água de coco, porque o Ricardo não sei o que. Não, porque se eu pegar uma blitz ali eu vou explicar como? Vou cair na lei seca, e falar o que? Que eu tava incorporado com Exu. Então você vê que ele faz um trabalho maravilhoso para fazer um descarrego, mas ele não bebe.

**Dario:** Você percebeu que durante todo esse processo que você vivenciou a umbanda, alguma concepção mudou na sua vida ?

**Ricardo:** Sim. Foi desmistificando assim sobre entender o que que é corte, o que que é um terreiro, que aqui é um trabalho, tudo isso foi se transformando ao longo do tempo.

**Dario:** Percebe o conhecimento adquirido ao longo do tempo tanto por oralidade, por leitura ou por vivência?

**Ricardo:** Principalmente por vivência, ou por oralidade. Cara assim a oralidade te traz o quê? Ela te traz a mironga, o que é mironga? A mironga é um é o que você faz para um determinado trabalho, qual é a magia que você vai fazer? Quais são os elementos que você vai usar para alcançar a coisa, por exemplo a mironga do Marinheiro.

Isso é uma mironga, entendeu? Isso aí não vi em lugar nenhum. Foi ele que me contou, ele que me trouxe e ele ensina isso para qualquer um que quiser, entendeu?E a realidade tu traz tu vê que não é só do pai de santo para os filhos é dos médiuns que incorporaram também, para as pessoas ensinarem o processo não existe uma linha, ela é um plano porque cada um tem uma forma de atuação. A pessoa acha que só Exu resolve as coisas, hoje em dia a gente tem essa mistificação de que isso só Pomba Gira resolve as coisas, mas por quê será? Mas isso foi criado na cabeça das pessoas aqui na umbanda, entendeu? Que é outra coisa nada a ver com a umbanda.

Preto velho, você acha preto velho não sabe desfazer feitiço, você acha que preto velho não sabe te dar uma paulada não sabe fazer um trabalho de obsessão. Ele não faz porque às vezes não precisa, entendeu? Ele faz uma mironga ali e resolve.

Mas pare pra pensar que nem todo preto velho é preto e nem velho, né, mas vamos pensar quantos pretos velhos escravos vieram para o Brasil que vieram aqui que não eram feiticeiros, não eram senhores da Guerra, não era um monte de coisa e vieram do lado de lá da África, vieram para cá e hoje trabalham pela luz, mas eles sabem as coisas, eles conhecem os Paranauê, né, então.O Caboclo, o caboclo é desobsessão, ele faz trabalho de desobsessão melhor que exu, entendeu?

Esse tipo de coisa você vai ter que acabar, porque todos eles, cada um tem uma forma de atuar, entendeu? Porém, todos sabem tudo.Então, eu não posso por exemplo. Tô com problema, um problema mais material, eu só vou resolver com Exu, então só vou na gira de Exu. Entendeu?

**Dario:** E durante todo o seu processo, o que tu percebeu que te ajudou a se transformar?

**Ricardo:** Eu foi um processo, eu sou uma pessoa melhor, eu assim com certeza, porque eu sei que você não foi uma pessoa melhor, não consigo fazer um bom trabalho, não quer dizer que sou perfeito, né? Nunca vou ser, mas eu melhorei muito, então muita coisa que eu sabia que fazia errado, eu já não faço mais, entendeu? Eu venho aqui para fazer meu trabalho, né? Então espero por muito tempo e quando desencarnar que eu não viva tanto no inferno, né? Então dou uma queimadinha, mas de leve entendeu, mas a vida no terreiro no final das contas, ela é uma vida de transformação sempre vai ser, sempre transformação.

Mas a transformação ela vem de dentro, mas não porque você vai ser uma pessoa melhor que o objetivo não é assim, você vai ser você, tem que ser uma pessoa melhor para poder fazer a caridade com um espírito incorporado. É isso aí.

## ENTREVISTA TONY

**Darío:** Qual foi a tua aproximação com a Umbanda? Como foi conhecendo, qual era a tua percepção antes sobre a Umbanda sobre?

**Tony:** É eu acho que como a maior parte das pessoas a gente começa, eu comecei, fui batizado na igreja católica, fiz crisma, tudo isso, só que assim, minha família não, a gente ia na igreja muito raramente. E num momento da nossa vida, da minha mãe e do meu pai, a gente começou a conhecer um pouquinho de um Centro Espírita lá em São Paulo que chama-se Casa Espírita Perseverança.

Ele é o maior centro espírita, acho que é o maior centro espírita do mundo e comecei a frequentar lá. E lá toma passe e tal e isso já tava com uns que uns 17 anos 16 para 17 anos para mais né? A gente tomava passe, vi as palestras, eram palestras muito bacanas falando de espiritualidade, falando de religiosidade, é muito falando da história da casa deles, né? Então eram palestras também religiosas, porém motivacionais também, né? E muita gente e conforme a gente foi conhecendo aí surgiu a oportunidade de fazer o Pro Bem na verdade. Não, antes disso a gente tava com um problema em casa, um problema. Aí a gente passou pela triagem, lá funciona assim, tem uma triagem, daí você toma passe e tem vários tipos de trabalho, a cromoterapia é bem bem bacana. E tinha um trabalho que era na estrela da paz, que me encaminharam para o estrela da paz, eu não sabia o que que era a estrela da paz, mas quando eu cheguei no estrela da paz, você chega, era uma casa de apoio, é uma casa de apoio, no centro espírita, que o centro espírita naquela época tinha cinco mil trabalhadores. São dois prédios muito grandes, ativos. Tem um trabalho do Amigos do Bem, esse Amigos do Bem que já indiquei para você, apareceu na televisão no Luciano Huck, todo mundo falando, surgiu lá. Lya e eu, nós começamos lá e é um trabalho que surgiu através de caridade, a dona Guiomar que é a presidente do centro.

E ali a gente acabou conhecendo a estrela da paz, eu acabei indo pro estrela da paz e eu e a Lya, a gente já tava namorando. A gente já começou a frequentar juntos e eu fui para o tal do estrela da paz. É uma casa de apoio que nada mais é do que a umbanda, sério meu primeiro, você entrava num lugar assim, tomava um leitezinho com canela, assim, tinha numa imagem linda, assim na parede, ficava ali bem quietinho tal e só com uma musiquinha de fundo, incenso e ficava ali se concentrando e depois ele te chamavam para o trabalho.

Diferente do que a nossa casa, do que é os guias, eles incorporam na frente da assistência, tudo lá é um trabalho totalmente diferente, então a gente subiu uma escada, subi uma escada e cheguei lá tinha muitas esteiras e eu deitei numa das esteiras. E de repente subiu os índios. Foi a primeira vez que eu vi mesmo, sabe de subir os índios e os caboclos ali. Nossa mas é muito lindo, trabalho muito lindo, então, eu fiz o trabalho ali dos caboclos fez o trabalho da vovó Madalena. Foi um trabalho de cura, trabalho de cura espiritual de direcionamento, né, para te colocar no eixo, né? Como as casas de umbanda fazem né? E o estrela, foi aí que eu conheci a primeira parte da Umbanda, porque ali eu já tava começando a fazer o pro bem que é o estudo do Evangelho, estudo de quatro anos de pro bem, você faz lá no centro espírita, é eu acho que fiz, acho que dois anos, eu Lya fizemos dois anos. Depois a gente saiu porque a gente veio embora, né? A gente veio embora para cá.

Mas foi ali, exatamente ali que eu conheci o primeiro contato, o primeiro contato com umbanda efetivamente com guias, né? Foi ali naquela casa estrela da paz. Por isso, é um lugar que me emociona e é muito importante para mim. Quando eu fui para São Paulo, eu queria ter ido ao perseverança. Não deu, eu eu quero voltar lá, porque minha mãe trabalha lá, meu irmão, trabalha, minha família, praticamente todos trabalham no centro espírita, meu irmão comprou uma casa a uma quadra do centro espírita para que a minha sobrinha seja criada dentro desse núcleo, então assim, é um negócio muito bacana que eu sugiro que você também conheça o perseverança e o Amigos do Bem, Amigos do Bem é um projeto que a gente participou que a gente fez As feiras com roupas de R\$ 1 e R\$ 2 nas comunidades para trazer verba, para que o perseverança, através da dona Guiomar E da filha dela fossem desenvolver o projeto no nordeste, que era para acabar com a seca do nordeste das regiões mais críticas do Nordeste, né. E foi feito, eles construíram uma cidade praticamente lá e hoje as pessoas, as crianças que eles pegaram que estavam ficando desnutridas, hoje estão se formando profissionais e trabalhando no projeto, é lindo é emocionante é uma das coisas mais lindas que eu vi, ou tanto é, que graças a Deus tem muitos empresários, muita gente, muitas pessoas importantes ajudam e divulgam hoje, tem propaganda no metrô tem tudo do Amigos do Bem porque esse Amigos do Bem hoje você compra um medicamento, um arroz, alguma coisa no supermercado tem um selinho dos Amigos do Bem, uma uma parte daquela vai para o projeto e é um projeto que mudou a vida de muita gente, muita gente, e fico feliz de ter conhecido a umbanda através desse Centro Espírita,

**Dario:** Tu não sabia que era a umbanda tu descobriu ali na hora.

**Tony:** Sim, a gente começou a frequentar, quando a gente começou a frequentar quando comecei a passar pelos trabalhos que eram direcionados, porque você chega daí lá mesmo eles falam. Olha, tem um trabalho dos caboclos, da vovó Madalena. Você chega lá e tem um lugar de assistência. Eles não chamam. Eu não tive muito acesso. Eu tive mais acesso como assistência. Nesse local. Não tive ainda depois que eu, conheci mais a fundo a umbanda, eu não voltei mas eu lembro que tinha o espaço dos atabaques, né? Onde eles deixavam os atabaques, e lá era muito bacana que tinha o Osni, me lembro, não vou esquecer desse cara, numa voz assim fora do normal que ficava com o violão tocando junto com os atabaques. E hoje pelo que eu entendi está na mesma casa, no mesmo, só ampliou né? Tá mais, tá maior né? E daí fui conhecendo sobre ser médium, porque daí a gente começou a trabalhar na perseverança, né? É trabalhar, trabalhar incorporando, a gente fazia que nem é a escola de ensino médio, né? Onde você estuda e também tem a partir do segundo ou terceiro ano, tem aulas de incorporação, é muito interessante.

E a partir de um momento você começa a fazer, trabalhar na parte da lanchonete, trabalhar na organização das filas porque é muita gente que vai, isso funciona praticamente todos os dias. Então você começa a trabalhar ali e ali mesmo tem a reunião dos trabalhadores todo mês, um domingo do mês tem reunião dos trabalhadores, nós íamos nas nossas reuniões dos trabalhadores e muitas vezes a Alcione a filha da dona Guiomar, a Alcione que muitas vezes recebi a Madalena, e às vezes com João da Mata é que e falava na reunião, então assim cara. É lindo. Eu tô falando pra você e to me emocionado. Porque eu tô lembrando de tudo, né.

E ali eu conheci Umbanda e eu vou te dizer que quando eu entrei naquele lugar. Cara, meu corpo se estremeceu tudo assim, ó. Foi um, foi uma coisa assim maravilhosa. Assim que eu senti uma energia na hora que aqueles eu não sei se eles já tinham subido. Mas eu senti os caboclos, senti os caboclos e os índios todos assim chegando. Ah, aquele barulheira, que eu deitado ali eu via eu de olho fechado, eu via os índios assim muito muito lindo, muito lindo o trabalho, aquele lugar assim, meu Deus, foi mágico. Mágico mesmo, aí o meu segundo trabalho foi com o João da Mata. Que daí você passa, conversar um pouquinho com ele, ele te dá orientações e você ganha, também ganhei uma foto de Jesus com alguns dizeres atrás me lembro como se fosse hoje e então eu comecei com o trabalho com dos índios, depois foi o João da Mata e depois teve o trabalho da vovó Madalena. E aí eu participei desses trabalhos, né. É um tratamento. Daí nós não continuamos, como nós viemos embora, aí a gente veio para Florianópolis e a gente procurou vários lugares aqui assim, a gente procurou é casas

como a nossa lá, né? Eu não fui procurar umbanda, então digo que não fui procurar umbanda porque efetivamente eu não sabia o que que era umbanda, né? Eu era apaixonado pela estrela da paz. Eu queria a todo momento estar no estrela da paz, não que eu não gostasse do perseverança, não pelo contrário, mas a união, eu achei muito lindo, porque assim é a união, a força de duas casas, né. É vinha uma quantidade de gente muito grande aí se você passava pela triagem era direcionado aos trabalhos. Aí você acaba chegando no estrela da paz para algum trabalho específico, então é era muito muito lindo. Eu não procurei em Umbanda, quando a gente foi para cá, a gente começou procurar algum Centro Espírita. A gente foi em um. Ah bacana legal, mas não era uma coisa assim, que me chamava sabe que aquela coisa que te trazia te induzia, né? E a gente foi inclusive no que o pai, que o pai Júlio trabalhava com o seu Raul, na a Serte, foi o lugar que a gente mais tempo ficou ali, né de conhecer de ver palestras de passar pelos passe e como a mãe da minha esposa, o falecido sogro, ele era médium e trabalhava. E algumas casas de vez em quando ela levava a agente para algum lugar, até o momento que a gente, a Sandra, a Sandrinha, nossa irmã de fé, trabalhava com o seu Joel na procuradoria e nos levou na casa da dona Edna.

E era uma edícula, bem pequenininho e a gente chegou e a hora que eu entrei ali, eu sentia a mesma coisa que eu senti lá no estrela da paz e depois mais para frente a mãe me falou que quando eu entrei pela primeira vez naquela casa, meu guia se apresentou a ela. E ela já sabia que eu era o povo do oriente já e foi uma coisa assim, eu já conhecia sobre o povo do oriente. O meu guia se apresentou, então aí eu comecei a ir como né? Frequentar como assistência, tudo e chegou um momento que ela fazia o desenvolvimento aí tocava para povo e me estremecia tudo e tal e quando ela me chamou para ir lá quando ela tocava o “adja” tinha um desenvolvimento ali dos médiuns, né? Era um espaço muito pequeno, aí eu comecei, aí foi quando eu efetivamente entrei e conversei com ela e tal e acabei entrando.

Mas eu não sabia muita coisa, não sabia de nada. Eu assim, eu nunca fui, diferente do que é na no espiritismo, que eu passei lá no espiritismo no perseverança com os estudos o evangelho a gente sempre fazia em casam sempre estudava, né, mas eu nunca fui assim de estudar, principalmente a umbanda, porque na minha visão a vida toda, desde de preparar um banho, é uma falha que eu tenho, mas também é uma proteção que eu tenho minha, de aprender, eu sei que eu tenho que buscar algumas coisas e algumas coisas têm que ser buscado, assim realmente, mas foi uma coisa que eu tive comigo, assim, eu quero, eu quero aprender na prática.

**Dario:** E o que que é aprender na prática para você?

**Tony:** Aprender na prática é exatamente o que acontece nas nossas giras em todas as gírias. O que os guias vem, quando os guias vêm e falam de como o com o que, e o que é a espiritualidade, como funciona a espiritualidade, qual é o objetivo de tudo isso de todo esse trabalho que são desenvolvidos?

Voltando um pouquinho lá atrás lá na casa da dona Edna, ainda para fazer a analogia certa ali. Eh, eu fiquei, eu fiquei muitos anos ali em desenvolvimento, mas muitos anos nunca tive pressa de nada, de nada, era uma coisa que eu sempre gostei muito, do desenvolvimento, né? Eu nunca tive facilidade para ouvir, mas quando se incorpora, eu, a única coisa que eu pedia desde o início, me apaga geral. Não é apagar geral como é o nosso pai de santo, que ele realmente apaga, totalmente. Mas é uma coisa que eu não tenho domínio de nada e eu sempre pedi para que não ficasse nada comigo de lembrança. Então quando você tá realmente, extremamente com teu guia, tá extremamente encaixadinho, direitinho contigo, as coisas acontecem da forma que eu sempre pedi. Então tudo que eu fui aprendendo da Umbanda foi aprendendo lá na prática. A gente tinha lá em casa o dia do Evangelho onde a gente estudava, onde a mãe de santo a dona Eldna passava algumas informações para a gente.

**Dario:** Que tipo de informações ela trazia?

**Tony:** A gente sempre, a gente tinha um livro do evangelho e o livro do evangelho é o livro segundo o espiritismo. E o evangelho segundo o espiritismo, sempre se trazia as informações do que a gente lia no momento, com a realidade do que a gente vivia na umbanda. Então isso era uma coisa que foi muito bacana, sabe? Então quando eu digo que eu nunca estudei a umbanda, é que existem muitas informações.. Mas na minha opinião, na minha visão, cada casa tem a sua própria verdade, tem a sua própria essência, tem a sua própria diretriz, direção, e aqui a nossa casa, casa do preto velho, se você for na casa de um caboclo, vai ser diferente. Se for na casa de um ogum vai ser diferente. Além das várias ramificações que tenha umbanda,. É Almas de Angola, todas essas linhas, né?

Quando a gente conhece a Umbanda. A gente sempre tem aquele receio, né? Que é quando a gente vai ao encontro de alguma casa, tem um receio porque assim, é uma coisa muito negativa em volta que se fala das casas de Umbanda de Candomblé.

**Dario:** Como que foi esse processo para ti, que tu tinha, porque tu foi educado dentro de outra religião, né?

**Tony:** Assim na verdade, até mesmo quando eu comecei na umbanda aqui na casa, até a minha própria família muitas vezes pergunta. O que eram, que são do espiritismo conhecem lá o estrela da paz, sabem como que é, e perguntavam pra mim, tá mas como que é e assim com um certo receio de né? Porque querendo ou não, é o que eu sempre falei, às pessoas que dirigem as casas, é que a casa é do preto velho, do Caboclo, mas as pessoas que dirigem a casa é que vão dar a direção de ser o bem ou não né? Infelizmente, existem casas que não praticam, que não estão ali, eu tenho uma verdade comigo, porque assim, é uma casa de fé ponto, e de que forma que ela trabalha, cada um tem a sua forma de trabalhar. Desde que faça o bem para o crescimento das pessoas, de todos e da própria religião.

**Dario:** Você percebe que esse crescimento começou ali na Eldna sobre o conhecimento da umbanda?

**Tony:** O meu primeiro contato mesmo aprendendo, perguntava muitas coisas para ela para entender um pouquinho. Assim, a questão da incorporação. Porque como eu fiquei, olha, acho quase 10 anos em desenvolvimento. Olha, só eu fiquei quase 10 anos ali desenvolvendo, vendo gira após gira. Nunca tive pressa de nada.

**Dario:** E ali, para além da incorporação, tu notava outras formas que a casa a umbanda te proporcionava para você se transformar, para se educar?

**Tony:** O fato de que você, bom primeiro é você, quando você faz parte da corrente você consegue ver, é muito das pessoas que estão chegando e buscando auxílio. Que tipo de auxílio? Que é de você conversar com os guias, é algo assim, é fora de um aprendizado único. Essa é a verdade, né? Porque te falar, eles vão falar, aí a essência mesmo, o que que eles trazem assim, para que te marcaram também. Coloca muito claro, o amor, o que se prega aqui o amor é humildade, né? E o crescimento que tu tens que ter como pessoa, né? O cuidado que você tem que ter com pessoa com você com os próximos.

Que mais que assim que vem na minha cabeça, é mais ou menos isso, não consigo lembrar, mas sentar com um preto velho e conversar com preto velho é uma história de uma vida e de muitos ensinamentos de sofrimentos que eles passaram, e para a gente olhar para dentro da gente também. Fala assim, caramba, eu não soffro. É muita gente reclama, muitas vezes de

coisas que são muito fúteis, né? E que na verdade não é isso, é então de que forma, você muda radicalmente? A forma de pensar para caminhar para tua caminhada.

Que tem várias coisas ao seu redor, várias coisas boas, várias coisas ruins e todos nós somos seres humanos. Erramos, sim, o fato de falar alto, é aquela coisa falar alto com uma pessoa já é uma, já é uma forma de agressão, então isso, todos nós cometemos né? É além de outras coisas que a gente acaba se perdendo, né? Mas a questão, é estar dentro de uma casa de santo, estar dentro de uma religião como umbanda e ter a oportunidade de ouvir e sentir. Uma energia como dos caboclos, ou dos exus, ou das pomba giras, de conversar de tirar aquele mito que existe que Exu é mal que pomba gira é mal, né? Que é aquela coisa que não é, volto a dizer, o ser humano é que direciona as coisas boas ou não boas, mas assim olha, quem tem oportunidade de conhecer a nossa casa vai ver Exu e Pomba Gira falando de amor, falando de paz, da vida de uma forma diferente, de respeito, que as pessoas imaginam, que isso imaginam que ele é o contrário, que Exu é um mal, que não sei não, não é essa a verdade. Que acontece se prega, que se prega e que realmente é então.

É mais ou menos isso sim. Eu assim, eu sei que a minha história dentro da umbanda ela começa quando eu entrei na casa da dona Eldna, mas sim quando eu pisei ali naquela casa chamada estrela da paz, porque é um trabalho de umbanda, só que de um um formato diferente de um terreiro, né? É que é um trabalho de apoio a uma casa espírita e depois quando entrei na casa da Eldna, eu praticamente ali, a gente começou lá naquela edícula lá embaixo. Aí a gente foi para uma outra casa, eu acabei construindo junto com ela foram duas ou três casas, então no período que a gente que, que eu passei lá com ela, e que eu cometi o erro de sair da Umbanda. Por causa de um atrito com uma pessoa, então assim, eu abandonei todos os meus guias e orixás, toda a espiritualidade que sempre me acompanhou, por causa de um desafeto com um irmão de fé que nem deveria existir, né? É isso aí.

E aí depois quando o pai Júlio que se coroou e se formou o pai de santo, ele falou que ia abrir a casa dele, eu falei, então agora é hora de retomar. Mas me arrependo amargamente de ter feito isso, me arrependo porque não é o que deve ser feito. É aquela coisa, quer dizer, são feitas de pessoas, as pessoas estão à frente. A forma que você vai lidar, então a gente erra. Eu errei, então isso aí errei, isso aí não deveria ter deixado uma espiritualidade abandonada. É a minha espiritualidade abandonada por causa de um atrito de um desafeto com com uma pessoa não deveria, não deveria, então foram alguns anos que a gente ficou afastado e depois

tomamos aí, estamos aí até hoje na casa do pai João e eu nunca tive a pretensão de ser pai de santo, não era algo assim que eu queria

**Dario:** O que é ser pai de santo para você?

**Tony:** É isso. Eu sempre tive, eu tinha eu tinha o medo, não é bem um medo, é que assim, eu nunca tive a pretensão de ter uma casa, né? E na minha opinião o pai de santo tem que ter. Para ser pai de santo você e a espiritualidade trabalham para tudo isso, para que você dê continuidade. Desde a casa da dona Eldna, a dona Eldna falava, você precisa fazer sua coroação, não pode ser, não, eu sempre falei não tô preparado, a gente nunca vai estar preparado, porque principalmente, eu que sou muito metódico, muito, eu gosto das coisas muito milimetricamente assim, tentar mais perfeito possível, então para mim assim. Ah, eu não, eu sentia que não era, minha hora eu não estava preparado para isso. E ela falou, vamos fazer, vamos fazer e eu sempre me esquivando um pouquinho aqui um pouquinho ali aí aconteceu da gente sair e quando a gente montou a casa aqui que eu tive o privilégio de poder participar desde o início aqui da casa do do Pai João, onde eu vi o pai Júlio sem o apoio da mãe de santo dele para fazer os fundamentos da casa tudo que era necessário, onde eu vi, a gente apoiou ele aqui, porque aqui todo o período com ele, eu o Júnior, onde ele teve que aprender na marra e foi aprendendo com os guias dele e assim olha, eu vou te dizer que não ouço e não vejo. É um momento de você 100% de conectar-se, concentrar que não é que vai chegar alguém vai falar para você, olha, não é isso, cada um sente, tem uma mediunidade de uma forma diferente do outro, mas você vê no teu mental o que você quer, o que você precisa fazer, o que você tem que fazer, e para ti ali na construção da casa, que você construiu junto comigo, foi muita diferença isso na questão de Fé. Depois, quando a gente começou tudo daí, os próprios guias e o pai também falaram que eu tinha que fazer a coroação e tal, mas eu também me esquivava, mas assim, eu senti coisas muito diferentes aqui. Mas eu falei que eu não quero ter uma casa, eu não quero, se eu pudesse ficar aqui e apoiar. Aí tudo bem. Aí quando o pai João falou, não você pode ficar aqui, não precisa ter uma casa, aí eu fui começando a tomar um pouquinho mais de coragem para fazer, mas eu vou te dizer assim, é um momento muito especial, muito especial mesmo. Você pode participar e você viu? Como foi um pouquinho conturbado no início, mas é um momento muito especial mesmo e eu acho que com toda dificuldade que eu tinha de deitar para pai de santo, medo, receio, medo não é medo dos guias, dos orixá, não, medo de eu não conseguir entregar o que eu preciso entregar. Então a cada dia e a forma que foi feito, tudo foi feito de forma diferente. Tinha que ser um

pouco diferente até pelo que tinha acontecido, que aconteceu um acidente quando a gente tava indo pra cachoeira, daí ficou aquela coisa conturbada. Vamos parar, não, não vamos parar não, porque eu falei pai, se você precisar a gente para, por mim eu toco em frente, então. é o primeiro dia de sete dias que ficaríamos isolados no terreiro, mas que estávamos num hospital por causa do que aconteceu, no caminho, tal e voltamos para o terreiro e fizemos, eu falei nã, não é isso que vai me tirar, eu resolvi, eu vou fazer, se o pai puder pelas condições físicas e emocionais puder vamos embora e foi aí que eu fiquei deitado. Foi um momento, um auge, tipo um momento de muita transformação, mas tu pode ver mais ou menos como foi essa experiência. O que os guias falaram. Primeiro, você fica praticamente 24 horas em contato somente com o seus guias, eu tinha o contato com as pessoas da casa, você era uma delas. Ficar em um lugar como esse que aqui é um sítio onde você tem a natureza onde você vê, você vê vida, hoje você naturalmente você olha a planta e fala, e olha e tu sabe que está viva. Mas naqueles dias você olha de uma forma muito diferente, você vê a vida mesmo nela. É muito diferente, porque a tua conexão é tão grande com a espiritualidade, com você dentro de você mesmo, sabe é uma junção das duas coisas é espiritualidade os seus guias que vem te trazer muita coisa, né? E de você se conhece um pouquinho mais.

Entender quem você é. Então, foi um dos pontos, mais eu estava nervoso, porque dos sete guias que tinham que ter o ponto eu não tinha ponto de dois e era nos dois primeiros dias, então tinha acontecido o acidente no primeiro dia, então já, eu já vim para cá, já é bom, depois o que eu passei eu não vou ter mais medo de nada. É onde eu 100% me entreguei mesmo. E aí pude ter uns dias e noites maravilhosos e conversando com eles e eles mostrando muitas coisas. Como eram, como faziam e como trabalhavam.

Então isso para mim foi muito mágico, muito sensacional e sensacional mesmo. É um aprendizado muito grande é o que eu falo, isso eu não vou encontrar num livro, eu não vou encontrar num livro, o livro ele te traz experiências que alguns vivenciaram e ele consegue traduzir dentro do livro, mas não significa que vai ser a minha verdade, porque isso aconteceu comigo e é isso que eu vejo que assim que é umbanda, ela traz muito isso do ser individual, cada indivíduo é um, porque o que aconteceu comigo, não vai acontecer com você, vai ser de uma forma diferente, a gente vai ter o mesmo processo. Porque você vai deitar para pai de santo. Cumprindo as mesmas obrigações sim, né? As mesmas etapas que tem que ser cumprida para ter a coroação de pai de santo, mas não existe uma fórmula clara e objetiva que vai ser assim. Cada um vai viver de uma forma diferente, então é isso que eu vejo, só que a

umbanda ela te traz assim esse ser individual. E aquela coisa, você tem livre arbítrio, quanto mais você se entregar mais você vai crescer, quanto mais você se complicar somente mais você vai lutar para conseguir crescer e é verdade, é a verdade, é a pura verdade de tudo, então a umbanda eu me apaixonei por umbanda muito em função disso. De que tudo é tudo, porque eu sou sensitivo, então eu sinto tudo, eu sinto tudo, eu sinto que cada passinho que eu dou, é um ganho. Porque a gente, volto a dizer, nós somos seres humanos, então dão um passinho pra frente, muitas vezes, eu dou três para trás, mas eu dou três para trás e depois dou cinco para frente. O ideal seria que a gente fizesse só o passinho pra frente. Mas em todo o passinho para trás também tem os seus aprendizados e a forma O que diferencia tudo é como que o que você vai aprender nas dificuldades que você passa, e o pai João sempre fala, né? Você aprende com o amor, você aprende com a dor. E é muito claro isso, porque você pode aprender no amor se entregando com aquela fé com aquele amor, esse é o caminho do amor. Caminho da Fé te ajudar o outro de né e o caminho da dor é aquele que você e

**Dario:** Como tu acha que o amor que o aprendizado é um dos ensinamentos que são diretrizes do terreiro se apresentam aqui no terreiro?

**Tony:** É através da oralidade dos guias, é nas relações em tudo. Ah, bom na semana passada, um exemplo muito claro na semana passada, essa semana nós tivemos uma das preparações que o médium tem que ter aqui, né? E quando você olha para as pessoas. Eu vou dizer de mim, você tá me entrevistando, vou dizer de mim, eu não parava de chorar, eu não parava, porque a energia, a energia do amor você sente. Sabe aquela coisa, as pessoas falam, ah, mas eu não consigo, não é energia do Amor, você sente, porque quando você tá cansado, aquela coisa pesada, não fala ah essas energias pesadas e tal e esquecem que a energia do amor também se sente, então o amor ele não é só um bate-papo com preto velho com qualquer guia que for ou com um passe que tu receba do Caboclo de qualquer guia, mas é quando você tá dentro da casa ou quando você está ao redor dela cuidando do nosso espaço e que você vê as pessoas felizes todas elas juntas, olhando para o mesmo objetivo sabe de um ajudando o outro e quando você sente em uma gira. A energia de amor a energia de emoção sabe, de você, podia olhar para todo mundo, a maior parte das pessoas estavam chorando. Por quê? Esse é o amor, esse é o amor, é que vem de dentro que vem da mente que vem. Mas assim, é aquela coisa assim aqui. Ó, você sente, é uma energia muito clara, muito limpa e que te faz muito bem, então não é só no atendimento. Mas é também num evento onde era uma preparação de alguns filhos, eu estava sentindo amor por aquelas pessoas que estavam ali, pelo Caboclo que

estava ali, pelos guias de cada um que estavam ali, e pelo guia das pessoas que estavam na nossa corrente. Então essa é a materialização do amor dentro do terreiro, e eu vejo dessa forma.

**Dario:** E tu falou antes que quando tu tava deitado, tu olhou muito para a natureza, né? Como ser vivo, você vê que esse contato a umbanda trouxe algo que ela apresentou para você assim de você se relacionar com a natureza de uma outra forma, de um outro olhar? d

**Tony:** Eu nasci e cresci numa travessa da Avenida Paulista. Então eu nunca tive muito contato com a natureza. Nunca tive. Lógico que a gente ia para o sítio de vez em quando, mas não é uma questão natural minha né? Então muito é da cidade e desde que eu comecei a frequentar a umbanda. É todas as casas que eu estive por exemplo, eu só tive em duas casas todo esse tempo, da mãe Eldna, Em 2000 deve ter uns 20 anos de umbanda, mais ou menos e que eu comecei lá na dona Eldna e a casa dela era num sítio praticamente também, né? Então através do terreiro de Umbanda, eu fui conhecendo um pouquinho, foi começando a ter acesso à natureza, coisa que eu não tinha muito. Não tinha, mas não era uma coisa que eu estava toda semana incluído na natureza e isso fisicamente falando, fisicamente então eu comecei a ter esse contato, a conhecer um pouquinho mais, a vivenciar coisas que eu nunca tinha vivenciado. E aí quando você se depara com os guias que te trazem informações, conhecimento e falo é pra gente entender o que que é a natureza, o que que é a natureza. Quanto é importante a natureza, e isso sempre você vai aprendendo no dia dia, vai conhecendo um pouquinho mais de ervas, porque nosso ritual trabalha com ervas. Então você acaba conhecendo um pouquinho por causa dos guias. Seja Preto Velho, seja Caboclo, seja Ogum, seja Exu, todos trabalham com as ervas. Então, isso me trouxe um contato com a Natureza que eu não tinha e foi muito bom para os meus filhos que estão na Umbanda desde que nasceram. Tanto é que meu filho menor, os dois, o meu filho maior começou a frequentar, e também começou a desenvolver quando criança ainda lá na Dona Eudina, e os dois menores, desde pequenininho, um tinha dois e outro três, já tocavam atabaque na gira com seus atabaques pequenininhos. Uma de suas virtudes da nossa mãe de Santo (Dona Eudina), era que ela permitia que eles estivessem ali, porque ela já sabia que os dois seriam Ogãs. Então, nunca vou esquecer que meu filho tinha 3 aninhos, 4 aninhos, o pai Tomás que era o preto velho da nossa mãe, chegou pra mim e minha esposa e falou assim “Vou abençoar as mãos desse pequeno porque são mãos de Ogãs.” Então foi a primeira vez que a gente tava tendo esse contato, depois ele fez a primeira preparação lá para depois fazer a preparação de Ogã

quando viemos para cá. E isso eles puderam viver com a Natureza, porque lá era natureza, e aqui é natureza.

Vou te dizer uma coisa que no dia da deitada, nos dias da deitada, principalmente, que quando a gente vem pra cá fala porque que a gente tem que sair dali, porque tudo que a gente precisa tá aqui, não precisa de nada lá de fora. Mas especialmente na deitada foi algo assim surreal que a presença da natureza e muitas vezes nos terreiros, não vou falar no geral, porque quando se fala de Umbanda, de Candomblé, mas vamos falar mais da Umbanda. Mas assim, nos terreiros todo mundo que vai lá falar com Exu, Pomba Gira, os Ciganos e não vê e muitas vezes não percebe a importância dos caboclos. Não percebem, e a Umbanda foi criada por um caboclo, então assim, a raiz da Umbanda é um Caboclo. Então realmente, no dia, porque na deitada cada dia você se deita para um dos seus guias, e no dia do caboclo, aqui nesse espaço, amigo, vou te dizer que as coisas que eu vi, que eu senti foi assim eu me emociono só de lembrar e é isso, e a natureza e a energia que vem da natureza. Eu já vi, eu já vi, alguns guias meus falando para as pessoas que vem ser atendidas, falando da importância de por no pé aqui assim ó, na terra, e sentir essa energia. Enquanto ela te cura, enquanto a alma, e na deitada eu pude perceber isso, com mais clareza, mais força, mais intensidade, porque você está totalmente entregue. Você fica uma semana sem contato nenhum com o mundo exterior, então você tá só direcionado aquilo, e foi algo muito forte, e principalmente com a natureza, principalmente com a natureza. Foi algo assim, a Umbanda ela te traz, todos os elementos, todos os elementos. Elementos que se servem para você se transformar, se educar para a gente caminhar, caminhar para transformação.

**Darío:** Que elementos você percebe para além do que destacou que a Umbanda te proporciona para acontecer alguma transformação?

**Tony:** Ah, eu sinto isso que a fé é algo que te transforma,. E você ter fé. Vamos lá, o que que é a fé, o que, esse é o ponto de interrogação. É o que que é fé, o que que é você acreditar em algo que você não vê, não toca. Mas você coloca todo o seu amor e sua mente na direção dela. Então, eu acho que a maior transformação que você tem é essa, é de você a todo momento ter fé. É o mais poderoso e o mais difícil de você conseguir deixar, ela a todo momento acesa. Que essa é a verdadeira transformação, de você, você sabe que existe um Deus, você não toca, você não toca independente da religião, agora falando num contexto geral, mas na minha opinião é a maior transformação que tu tens com umbanda, ela consegue

te trazer, ela consegue fazer com que a tua fé floresça de uma forma muito diferente, que não é só oração, a fé não é só louvar um Deus, louvar sim. A fé é muito ampla. Em tudo, em todos, em todos os guias, na natureza, nos irmãos, porque é você ter fé em um pai de santo, você ter fé em um irmão de santo, você ter é acreditar, como que eu vou te explicar? É compartilhar energia de amor e de força de Sabedoria, de prosperidade com cada um deles, então assim, a fé não é só num Deus, ela tá em tudo em tudo. Então eu vejo que o maior ponto é de transformação é o da fé, porque se você tem a fé, e eu vou te dizer Todos nós temos a fé, só que a fé ela é muito ampla. E você tem que alimentar ela todo momento e cuidar dela, se você não cuida dela você enfraquece, você vai esquecendo um pouco, apesar de saber o que é, como que , que ela está todo o seu redor. Mas você tem que alimentar ela, é por isso que a gente tem aquele ditado, né? Oraí e vigiai. Que é justamente isso orar pela sua fé e vigiar a sua fé. E aí, você consegue uma transformação. Em transformação, não é uma transformação brusca. Mas é uma transformação consciente, quando você consegue, e a fé ela a todo momento, ela é testada, por isso que eu vejo que é o ponto principal porque se você e ela é testada. E você tem fé. Você caminha, entende? Então é para mim e eu vejo que assim a umbanda.

O rito da Umbanda, ela te traz, com que a fé ela se materializa um pouco, né? O simples fato de você chegar e pedir licença para entrar numa casa, de você saudar uma casa, de você se deitar para entregar sua cabeça, colocar sua cabeça para bater cabeça no seu altar os assentamentos da sua casa. Isso é fé isso, é humildade e seu amor, o rito da umbanda, o ritual da umbanda é um ritual que ele consegue alimentar muito a sua fé. Apesar de que nosso pai sempre fala, né? Que é umbanda, ela te envaidece muito, né? Por causa do contexto como ela é, uma gira de Pomba por exemplo, gostam de dar um show? Mas é das coisas que os guias gostam de utilizar, querem utilizar, mas ela é pura, ela é humilde, ela é simples. Ela é aquela coisa assim é esse ato esse rito que você tem ela te traz por uma posição, muito humilde e de entrega, então eu vejo que é a minha religião, não é melhor do que a de ninguém, sim todas as religiões são importantes e te levam para o mesmo lugar ,as a forma que cada um faz é que vai diferenciar, só que eu escolhi uma que dita com a minha verdade, a minha essência.

Eu assim, me arrependo só de ter ficado um bom tempo afastado dela e lógico, como eu falei, não é um objetivo ter uma casa, mas eu estou aqui para estar junto com a casa onde a casa vai eu vou, onde a casa precisa, eu vou estar aqui, então mais ou menos isso.

**Dario:** Tu falou bastante sobre Exus e Pomba Giras. Você poderia me contar um pouquinho o que é exu para você?

**Tony:** Assim, o que que é o pai sempre, o pai Júlio sempre falava, né? E a partir do momento que você conhecer bem o seu Exu, que você se entregar bem para você, você vai ver assim, nossa, você vai querer todo momento estar com com seu Exu, né? O que, que é Exu? É o guardião da minha fé. Não existe explicação melhor do que essa, não existe na minha opinião, não existe que Exu e Pomba Gira são guardiões da minha fé. Só isso.

Falar de Exu, o nosso guardião e falar do meu Exu o meu Guardião e falar do seu Exu o seu Guardião, da minha pomba gira da minha e assim é não tem muito que p que explicar porque é uma coisa, eu espero o dia para estar com eles, sabe de sentir, não que eu não esteja todos os dias, mas tenho na minha casa as firmezas, firmeza deles. Força de pai de santo, converso todos os dias, mas eu vou sempre me lembrar.

Assim, volto a dizer, não está no livro, tá na prática. Eu não tô aqui denegrindo os livros não, pelo contrário tudo é uma junção, mas eu não ia aprender. E estar e talvez até eu vou te explicar o que por que que eu falo isso? Porque não tá no livro, não, tá no agora, não é nem livros, é essa caixa aí que o pai João fala né, mas essas essa montoeira de informações que vem assim, eu não quero influências. Eu não quero influências, eu quero a raiz. E a raiz eu vou ter no meu dia a dia aqui. Aprendendo, vou tomar tapa, eu tenho fé no meu peito, eu confio no meu pai, então ele é o meu livro.

Existem hoje muitas informações, só que com a visão e com a energia de cada direcionamento de cada caso, então o que tá lá não vai se aplicar para mim aqui, né? Existe um contexto geral volta a dizer que os ritos vão ser iguais, né? E o rito melhor eu quero aprender a trabalhar com eles. Não é porque eu vi que o Exu Tiriri trabalha como não sei o quê, trabalha com não sei o que, eu quero aprender com ele que ele trabalha com isso e que ele me fale. Olha filho, eu trabalho com isso eu faço isso eu faço aquilo. Eu sou apaixonado pela Umbanda por causa disso. Entendeu? Eu não vou, é uma coisa única, é único e outra se eu abro uma casa, um dia sou filho do povo do oriente, é um povo diferente que veio para Umbanda. Pouco se fala.

Dario: Pouco explorado.

Toy: Falasse muito bem, pouco explorado que eu digo assim de conhecimentos, né? Ele é um povo de muito conhecimento, de muita energia, que trabalha muito forte com saúde. Imagina se eu fosse depender de buscar externamente informações sobre esse povo. Eu não conseguiria, eu não iria diante, eu prefiro sentir e ir aprendendo no meu tempo, vai ser diferente, vai ser mais valioso, vai, mas eu não tenho pressa não. Eu quero aprender na essência e a minha transformação ela tem que ser na essência e eu te digo o mais difícil de tudo é a transformação.

E e olha que eu sou Filho Meu Pai Xangô e minha mãe é Oxum, só que de frente é Oxumaré. Que é que trabalham muito forte com a transformação, então é a transformação. Então é o que fica mais latente em mim é aquela coisa a transformação, às vezes até eu pego me cobrando na transformação e quando cai alguma coisa, meu Deus eu desabo eu desabo mas é assim, é assim, a gente tá aqui para aprender para evoluir, para evoluir como pessoa. Então é isso agora como você me perguntou Exu, Exu Guardiã da Minha Fé. O Guardiã da minha fé é quem me põe para cima, me faz caminhar, me protege. Não tenho uma explicação, cada um vai dar uma explicação diferente, mas na minha concepção a melhor que tem o Exu e Pomba Gira são os guardiões da minha fé, ponto. São aqueles que não vão permitir que a minha fé não se afaste de mim.

E é isso, muito bom.

## ENTREVISTA JÚLIO

**Darío:** Como iniciou sua jornada espiritual até conhecer a umbanda?

**Júlio:** Seguinte, minha história na umbanda, eu comecei a entender o que era a espiritualidade. Eu sou uruguaio, então eu venho com essa cultura. Então, para mim tudo que espírito e tudo era coisa meio tipo macumba, coisa do mal, e eu vim morar aqui e eu fazia um curso de conversação de inglês e me roubaram os documentos e aí uma pessoa que tava no curso, a mãe dela era Espírita, incorporava uma cigana e me falou pra ir conversar com a mãe. Só que quando eu fui conversar com a mãe, eu tinha medo tá, de conversar. Porque me falaram que vai ser espírito. E aí eu tinha medo que vai acontecer, mas quando eu cheguei lá era uma mesa branca e um monte de pessoas sentados em volta da mesa e contra a parede tinha as cadeiras que as pessoas se sentavam ali. Quando eu entrei e supostamente a mãe para mim era a mãe da minha companheira de estudo e falou assim para mim, “É seu putinho, chegaste e contigo que queria falar” para mim era a mãe que falava, eu não sabia que tinha um espírito incorporado nessa pessoa e eu fiquei muito constrangido assim, né? Porque eu sou homossexual e quando ela me falou putinho eu fiquei meio assim. Ah nossa essa pessoa, como que sabe que eu sou uma pessoa, tenho essa tendência. Aí fiquei meio constrangido na hora, aí fui falei com ela e ela falou que acharam os documentos. Ela falou que fazia tempo que tava me esperando e que aos poucos que eu ia começar a trabalhar com a espiritualidade, tudo bem. Até esse momento foi tudo bem. Me falou umas coisas da minha vida e aí toda assim.

Aí quando eu saí no outro dia que teve inglês aí eu falei. Ah, eu falei com tua mãe, não sei o quê aí mas tua mãe me falou uma coisa assim, né? Não, Júlio, tu não falou com minha mãe, tu falou com a cigana da minha mãe. Aí eu falei. Como assim cara, ele era um espírito. Ai que horrível. Aí não sei o quê aí fiquei meio assim, mas ao mesmo tempo eu gostei disso aí eu fui umas três, quatro vezes mais eu continuei ainda porque eu gostava da conversa, ela me orientava.

Mas aí quando um dia ela me falou assim. Ah, eh você está bem? Eh sempre perguntava isso, mas isso seria específico, né? Aí eu falei sim, estou bem, disse tem certeza? Aí eu falei bom, eu vou contar uma coisa para senhora, agora eu sei que você é um espírito. Eu tenho visto uns vultos passar e aí escutava umas vozes e isso me tem assustado um pouco. “Aí eu não falei

para ti a primeira vez que tu ia trabalhar com a espiritualidade. É isso aí isso não te preocupa, porque eu vou te pedir pra tu fazer algum curso na espiritualidade, porque tu vai começar realmente a sentir várias coisas depois dessa conversa” foi pior ainda porque comecei a ver a enxergar coisas e me assustava. Aí eu pensava que tava virado louco que tava ficando doido, né? Eu falei com uma aluna da academia que eu trabalhava. E ela falou. Ah, tem uma a Serte, disse aqui em Florianópolis que eles dão cursos e tudo mais aí nós fomos na Serte. E esse eu já era lá para novembro e o curso estava terminando e começava em março, e aí tudo bem? Me anotei e em março eu comecei a fazer os cursos.

Aí eu comecei. E aí já eu comecei a sentir e ver o espírito e vinham falar comigo e foi uma coisa muito muito doida assim, né? E até me acostumar a tudo isso foram cinco anos de curso mais um ano de aprimoramento onde a gente, eles te aprimoram para começar a atender em uma, eu trabalhei numa mesa de obsessão. As pessoas iam se tratar e aquela pessoa que tem o obsessor na vida deles e a gente tratava, gente com vários tipos de problemas, mas que vinha, a nível espiritual. Antes de chegarem ao nosso grupo eles passavam por uma entrevista. Mas aí fiquei trabalhando durante dezessete anos com eles até quando em um certo momento em certo momento, meu, eu sou filho de preto velho, falou pra mim que eu tinha que procurar um chão, aí eu não sabia que que era um chão, aí o chão que era ? Era justamente a umbanda. Eu não, eu não sabia, aí eu perguntei e foi quando me falaram, não o chão é um terreiro de umbanda. E aí eu me assustei todo e falei não, eu não vou nessas coisas, são galinha morta, e eu tenho medo dessas coisas. Não gosto tá até que meu próprio dirigente lá da Serte, ele me levou e num terreiro aí porque durante eu fiquei dois anos e meio conhecendo e depois comecei a gostar tudo isso, só que eu não queria saber como era os bastidores, só vê aí ao lado aí das pombas giras e dos exus dançando aquele atabaque tocando, todo mundo cantando batendo palma, sai aquele era uma coisa muito envolvente para mim e eu via muita coisa lá também. Então é aquilo, para mim era bonito, mas só que eu tinha medo e se falavam, Ah, você tem que entrar, todos os espíritos, né? Essas entidades, né? como a gente fala, naquela época já sabia que era entidades, espírito que desce na terra para ajudar. Então aí me avisaram, você tem que entrar, você tem que entrar, mas você sempre fica um pouco medo porque a maioria também eram rituais que tinha corte, o corte, o que que é que, eles fazem sacrifício animal, é então isso eu não gostava muito não então aí eu fiquei meio assim.

**Dário:** E no Uruguai você teve alguma aproximação com a espiritualidade?

**Júlio:** Não, nunca, a única coisa que é no Uruguai, o que eu fazia sempre que era eu adorava ir a todo tipo de cartomante, tá? Era uma coisa que sempre me envolvia muito, é uma coisa que me deixava muito muito bem, tá? Então aquilo era uma coisa que eu adorava, aí ia muitos cartomantes e que eu gostava tudo que era místico eu gostava, isso me atraía muito durante minha adolescência. E eu vou dizer uma coisa para ti, eu acho que eu conheci todas as cartomantes do Uruguai, eu conheci. E quando vim a Florianópolis também, tá, eu frequento todas as cartomantes de Florianópolis. E só tinha uma coisa que eles sempre me falaram. E que eu ficava meio assim, que diziam assim “você é bruxo” todas as cartomantes, eu acho que, eu vou dizer uns 98% das cartomante que foi sempre me falaram que eu era bruxo, tá louca, essa pessoa tá louca, não entende nada, mas eu né? Isso aí não me afetou nunca. Ah, não nunca associei essas coisas com outras não, nunca associei. Aí quando eu comecei a frequentar, meu conceito mudou como estava falando da Umbanda mas o que aconteceu eu conheci um terreiro que não era não tinha corte e quando entrei eu já me tremi todo, comecei a tremer e foi engraçado porque foi uma gira de ciganos também e a cigana da casa da mãe de santo do terreiro me chamou pelo nome de putinho também e eu estava na assistência e foi uma coisa que na hora e eu meu Deus, mais um que descobriu hahaha mas é foi legal. Foi bom, me atendeu super bem e falou que realmente eu tinha que começar a trabalhar com isso, aí comecei a trabalhar nessa casa e aí foi que comecei a entender um pouco mais sobre o que é umbanda, conhecer o que é os guias e o que é orixá. E, o que eles vêm fazer aqui na terra.

**Dario:** Tudo isso tu percebeu que foi aprendendo de que maneira ali dentro do terreiro?

**Júlio:** Depois buscando eu vou explicar uma coisa para ti a umbanda se aprende na prática tá? É que acontece como eu tinha facilidade de enxergar os espíritos como até hoje tenho. E escutar eles para mim foi um processo muito mais fácil, tá que aquela pessoa que aquele médium tá que entra no terreiro. Não enxerga não vê, então, mas eu fui entender realmente a umbanda que realmente tu tem muitos livros, por exemplo, mas cada casa tem sua Umbanda, tem seu ensinamento ou tem suas firmezas tem seus assentamentos, e cada casa tem um dirigente espiritual diferente, tá? Porque só quem rege a casa é o guia de frente, o orixá do pai de santo, então pode ser vários pais de santos filhos de iemanjá, sim, mas são muitos filhos de iemanjá, mas só que cada pai de santo tem uma iemanjá diferente, é como a gente, quantos Júlio existem no mundo 400 mil Júlios, mas todo Júlio é diferente, não são iguais. Então é a mesma coisa acontecendo no mundo espiritual, tem muita filho de xangô, tem

muito filho de preto velho, de povo do oriente, de iansã, de oxum, e oxalá que é o pai maior, mas cada um tem sua particularidade? Então aí fui entender realmente como era esse processo. E que realmente se aprende na prática, você aprende praticando, tu praticar num desenvolvimento tu praticando e entendendo. Porque no meu ritual sem desmerecendo nenhum ritual, eu respeito todo tipo ritual, é porque hoje em diante eu criticava esse corte que a gente chama de corte, era uma coisa que a gente acha absurdo, não sei o quê, hoje em dia eu já participei no terreiro de meus outros amigos e pai de santo que trabalha nesses rituais, e eu participei de cortes e vou falar para ti que o corte é uma coisa não é uma coisa que o animal sofre. A pessoa reza muito no momento para que esse animal não sofra porque essa comida é o que depois serve para as pessoas comerem, então a gente, o que faz é hipocrisia, porque a gente vai e compra e já morto é a mesma coisa. Ele só tem o ritual de cortar a respeito. É mas tem outro tipo de coisas que eles fazem também que isso não vem ao caso. E essa desconstrução do corte de entender como ele é importante, foi vivenciando, foi uma coisa que eu aprendi que hoje em dia eu respeito muito isso porque o rituais dessas casas precisam disso, então meu ritual não precisa, mas o meu ritual vem das ervas das matas, certo é um ritual amerindio . Que ele vem dá matas, foi feita por um caboclo, que a Umbanda em si, não leva cortes, porque quem fez a umbanda, foi fundada a umbanda como quem disse, né? que não é africana a umbanda, a umbanda é brasileira, que foi feita pelo caboclo sete encruzilhadas. Então o caboclo ele vem da natureza, das matas como todos os orixás, cada um no seu reino, mas são da natureza e não precisa realmente esse tipo de sacrificio. Agora por que tem umbanda que tem sacrificios? Porque são misturas com candomblé que realmente é uma religião exclusivamente africana, com todos os rituais, com toda a sua essência realmente Africana e por que existe o corte? E por exemplo, no candomblé tem corte não só de galinha? Tem corte de animal de quatro patas, tá tipo boi. E, tipo carneiro, essas coisas assim, segundo o orixá. Mas por que isso, como que é absurdo isso não, não é um absurdo, que como é uma uma religião de muitos e muitos séculos atrás da África na época dos escravos. Então eles tinham que agradecer de uma maneira aos Deuses. Então como que como que agradava os Deuses? O que eles tinham para agradar os deuses? Só os animais, ele matavam os animais e ofereciam aos deuses algo fantástico. Então eu acho isso muito bonito que tem ainda casas que fazem esse tipo ritual. Que conservem essas coisas ancestrais. Isso então é eu acho muito bonito isso, mas como se fala também, cada macaco no seu galho. Então, graças a Deus eu entrei numa umbanda aqui que pertence a raiz dos caboclos. Então a gente não precisa desse tipo de coisa.

**Darío:** Você pensa que se não existe esse tipo de umbanda com corte iria interferir na tua escolha?

**Júlio:** Eu vou falar uma coisa para ti, eu não te poderia responder essa pergunta porque a espiritualidade quando realmente quer uma coisa ele vai te levar para um caminho, por outro, ele, o que eu sempre falo a espiritualidade só quer de nós o que? Ele quer que a gente trabalhe, quer que a gente seja pessoas do bem na terra, que a gente possa fazer a famosa caridade. Então não te poderia falar. Talvez hoje em dia não existisse a umbanda, fosse só Candomblé, talvez eu estaria no candomblé.

**Darío.** Você sendo homossexual, como foi o processo de vivenciar a espiritualidade na umbanda e se tornar pai de santo?

**Júlio:** Ah é engraçado isso eu não sei porquê, né, mas sempre dizem que os homossexuais são muito mais sensíveis. E não tô dizendo que os 100% pai de santo sejam homossexuais não, mas eu vou te dizer que tenham 50% de pai de santos que são homossexuais, como mães de santo também. Não sei se é realmente isso ou ou que que eles eh, como é que eles fazem, né? Como assim tem muito líder religioso, eu acho que é homossexual, é como eu sempre falo, a homossexualidade não é uma coisa que atrapalha na tua vida fazer alguma. Esse é meu critério. Graças a Deus minha homossexualidade quando eu me descobri homossexual, nunca, minha família me apoiou também, nunca tive nenhum problema em absolutamente nada com respeito por ser homossexual e por ser pai de santo também não porque quando entrei no na umbanda como filho de santo da minha mãe, era médium e todo mundo sabia que eu era homossexual e tinha também outros irmão de santo também homossexuais e quando eu me tornei pai de santo quando eu fui coroado o pai de santo, todo mundo sabia que era homossexual e depois quando abri, minha casa, minha casa de santo, as pessoas que vinha, eu nunca nas entrevista que eu faço, pra ver se a pessoa realmente tem que entrar não tem que entrar, eu nunca falo pra pra pessoa, a uma coisa é certa eu sou homossexual, sei lá, eu não falo. Mas como te falo, nunca me atrapalhou isso nem para chegar a pensar.

Bom, se tu vai numa religião tu vai numa igreja católica, são os santos. São Pedro, Virgem Maria e eu acho que a espiritualidade, o santo e o que tu queira chamar, não tão preocupado se tu é homossexua, estão preocupados que tu sejas um trabalhador da seara deles levando a palavra de Deus, fazendo a caridade, enfim, cada um no seu seu sedimento. Então eu acho

que é isso, seria uma coisa muito preconceituosa, existem religiões que condenam, sim existe mas aí cada um com a sua cabeça.

**Dario:** Tu trouxe também que tu se tornasse um pai de santo. E aí criou a sua própria casa, que a gente falou, como foi esse processo de se tornar pai de santo, criar uma casa desde a construção dela?

**Júlio:** Eu sempre falo que eu fui enganado, né? Porque eu acho que se eu soubesse o que é ser pai de santo eu não queria ser um pai de santo hoje em dia hehehe. Como que foi? Eu me tornei pai de santo, eu fui coroado na casa da minha mãe e pai de santo e fiquei trabalhando na casa da minha mãe como o pai de santo e começando a ter meus filhos de santo. Que é um ser um filho de santo? Filho de santo e quando o pai de santo, é porque se tu tem coroas pai de santo é tu te coroa pai de santo chefe de terreiro. Então até tu não ter filhos de santo, tu não é pai de santo, tu é chefe de terreiro, você passa a ser pai de santo quando começa a ter filhos. Ah, então quando tu tem filhos é como um casal se casa é marido e mulher, mas não é pai porque não tem filhos, só vai ser pai quando tem filhos. Então aqui fiz essa comparação para ficar mais claro. Aí que aconteceu, aí minha mãe de santo falou “Júlio, porque tu não pega um dia na semana e abre uma gira, uma sessão pra ti, disse a mãe. Mas eu não tenho filhos de santo, mas vai vir e realmente quando eu falei que ia abrir uma gira para mim até irmão de santo da minha mãe de que tava com a minha mãe pediram para ser meus filhos. Aí minha mãe falou que quem quiser pode ir com o Júlio, eu não tenho problema nenhum, aí tá, aí eu me tornei e comecei a tocar uma gira e comecei a tocar a gira e comecei com 17 filhos de santo no primeiro ano, só que como tudo né? Que acontece? Quando a gente, tu tá tendo uma casa, sempre tem aquela coisa, ele tá muito mais, um pouco de ciúmes. Tá e eu acho que qualquer tipo de religião acontece isso.

Bom aí então, meus filhos de Santo falaram “pai, vamos a achar uma casa para ter nossa casa.” Aí eu falei gente, mas assim, é tudo ainda foi muito rápido, foram 8 meses de pais de santo com meus filhos, terminou o ano e eu fui férias para Salvador e ele falaram para mim, meus filhos, “a gente vai achar uma casa ali” gente eu não tenho nem casa própria onde que eu vou tirar dinheiro para alugar um espaço. Aí falei, e eles “não pai a gente se vira. Não se preocupe, vai de férias” quando eu voltei de férias, ficaram esse tempo procurando casas aqui para nós para alugar que não é fácil também alugar um espaço para abrir um terreiro as pessoas não querem, tem medo. Enfim, tudo é mais por causa dos assentamentos.

É mas se eles acharam o lugar em ratones, um sítio e quando me mostraram eu fiquei surpreso. Isso pai, não se preocupa que a gente vai arrumar tudo, dito e feito isso foi meados depois do dia 15 de Janeiro por aí foi e no dia 26 de Março de 2017 a gente abriu a casa e foi uma coisa muito louca muito rápida e como eu falei é cada um tem seu ritual e isso era meu medo tá? Porque uma casa de umbanda precisa de força da natureza que a gente chama de assentamentos, então o que que são os assentamentos? Assentamentos são firmezas que se faz que você faz em casa.

**Dario:** Qual é a importância do ritual da Umbanda?

**Júlio:** Vamos lá, qual a importância do ritual dentro da Umbanda para o crescimento do médium e para mim. O que acontece quando tu entras em uma casa de umbanda volta a dizer, cada um tem o seu ritual. Então o mesmo quando começa e tá no desenvolvimento ele passa por vários rituais certo é o primeiro ritual esse movimento é descobrir quem é o orixá dele.

Mais também eu te digo, volto a te dizer, não é o mais importante saber sou filho quem, quem é meu Exu, quem a minha pomba gira, não, volta a dizer, o mais importante é a reforma íntima que tu vai fazer, e de ter o crescimento, da tolerância como a gente já falou anteriormente, então eu que te digo assim. Ah, claro que conseqüentemente tu vai tu tá num terreiro, tu tu vai saber quem é teu orixá, porque ninguém entra num terreiro porque aí tô bem cheio da grana, estou linda maravilhosa. É, mas aí não tem nada para fazer no sábado porque no meu caso não tem nada para fazer, o salve queria entrar no terreiro para ver qual é, ninguém, ninguém vem porque não tem problemas ou sente espíritos ou coisas e tudo mais e querer se educar em nível espiritual. Que eu vou te dizer, aí tu passa por esse processo e porque os rituais são importantes para um filho? São importante pra ele ter uma conexão melhor, tem rituais que servem para ter uma conexão melhor com seu guia para abrir nossa cabeça, nós chamamos de Ori, então para ele ter uma conexão melhor, para ele escutar o seu guia, como eu escuto, como eu ouço ao meu grande guardião para ele escutar o guardião dele, mas como sempre digo, tem o guardião da casa que cuida de todas os meus filhos, mas eu sempre falo pra meus filhos, ele tem que confiar nos orixás deles, ele tem que conhecer, ele tem que fazer aquele esforço. Agora como tu faz um esforço? Cara, não adianta um dia da semana tu ficar em casa acender um incenso e botar uma velhinha, aí vou meditar e perguntar, daí começa ai ai ai onde é que tu tá onde é que tu tá? E quem é meu Exu aí não sei o quê, não adianta isso não adianta, não adianta, quando a gente raciocina uma coisa, a gente não escuta o espiritual sim, tá? Esse é o racional, não combina com o espiritual, então isso vem sozinho

quando menos a gente espera isso aparece. Então o que acontece, isso rituais dentro da Umbanda vai dando forças tá para o filho porque tem aquele desenvolvimento, aquele caminho que ele quer, e a casa da força para ele saber o que é, é essa tolerância é o nosso objetivo. Parece que a gente falando assim é sempre a mesma coisa. Mas a gente vai sempre para aquilo. O que é isso? Nossa reforma íntima, esse é e não adianta a gente ter título, Ah, eu sou pai de santo, eu sou o melhor de tudo, mentira! Não, não só o melhor, eu talvez tenha filho que seja muito mais humildes que eu, é eu sempre digo um cargo dentro do terreiro ou um título pai de santo pequeno, vai fazer esse filho melhor que um que tá começando agora, não, não se engane, as vezes, não às vezes esse outro que até é pai de santos tem que aprender sobre humildade, tem muito por aí. Não tô criticando. Mas é porque a evolução de cada um, aí tá, como chegou a ser pai de santo se não é humilde? Por muitos anos de umbanda, pelas obrigações que ele lhe foi passado, até que chegou ao pai de santo, mas volto a dizer, aí sim, não quer dizer que pai de santo ele vai ter um terreiro que ele vai poder dirigir uma. Talvez uma pessoa assim, abre um terreiro e não tem filho que é o aguante, então como eu falo tudo vai encaixando, mas é por isso, mas o rituais servem mais para isso e eu sou uma pessoa que eu não sou de fazer pai de santo as pessoas não tão pra isso. Volta a dizer, no meu ritual a pessoa tá para aprender o que é ser um ser humano melhor, é isso que meu objetivo dentro da Umbanda e eu acho que eu vim com essa missão. A gente sofre. Porque é o pior caminho, o caminho que tem regras e tem que chegar no horário, tem que fazer isso o outro mas às vezes eu sou uma pessoa muito boazinha, sabe? Graças a Deus, então e às vezes as pessoas caminham por cima, e aí tudo decepcionas, mas ao mesmo tempo te dá pena e às vezes isso é bom, mas não tá bom, porque isso faz, é como que o pai de santo se torna uma pessoa boa, mas às vezes a pessoa pensa, ele passa por cima dele, ele não sabe nada, e não é assim, o pai de santo sabe muito mais. O pai de santo por mais ruim que seja o bonzinho que seja, o pai de santo ele sabe quando está querendo passar a perna, isso aí é uma coisa, é que todo mundo sabe, todo pai de santo sabe e não foge, é errado os filhos pensando que haja enganei o pai de santo, não o pai de santo se deixa enganar. Como eu sempre falo, né? Eu dou corda. Da corda dá dá dá, ele sozinho se enforca e se enforca depois mas na frente porque o caminho cada um né, gente, é isso.

Umbanda é coletivo, tu aprende coletivo, mas também tu trouxe muito sobre o seu processo individual, como tu vê que te transformou a espiritualidade, o caminhar na espiritualidade no coletivo e no individual?

**Júlio:** Eu sempre tive individual no coletivo, por exemplo o coletivo estou vivendo agora com a minha casa. E com meus filhos. Eu acho que o antes foi só no individual, hoje, vou dizer que me dei conta de que eu tive esse processo, eu era uma pessoa muito vaidosa, tá, por causa da minha carreira, eu fui modelo durante 22 anos então vivia num mundo muito de fantasia, muito fútil. Tem muita vaidade e é muito luxo, então quando parei de trabalhar com isso que foi para o lado da educação física, eu fui conhecendo pessoas, eu fui me relacionando com outro. Eu vi que eu fui conhecendo realmente o ser humano na sua essência, certo? Conhecia o ser humano como luxo, como todo bonito, tu tem que ter um bom cabelo, tu tem que ter uma boa roupa, tu tem aqui frequentar esse teu lugares e escutar um tipo de música, eu conhecia o mundo fictício, como sempre digo, quando voltei para a realidade do ser humano. Eu vi que as pessoas eram, como aquilo não era nada, era uma vida vazia, então eu vivi uma coisa muito individual, foi uma coisa de muito reflexão, uma coisa de que, eu acho que tudo começou só quando conversar com a aquele cigana que como que eu falei do começo, foi ela que me abriu o olho, acorda para a vida, a vida não é isso, então foi essa cigana que quando falou aquilo de vai começar a trabalhar com a espiritualidade. Enfim tudo isso, né? E então foi de um processo, mas eu vou dizer que foi muito individual, muito individual, muito mesmo. E por isso que para mim eu sempre digo não foi um processo fácil, porque da cultura que eu venho do meu país, um país muito preconceituoso um país que é tudo isso, é só existia a igreja católica e pronto e eu fiz comunhão e fiz catequese eu fiz tudo que tinha que fazer, e minha educação religioso é muito forte.

Por isso, depois quando tu tens 30 anos, 40 anos é difícil é muito difícil, então foi um processo muito a de que está certo ou errado, tá certo? Ou errado, tá certo ou errado? Vou não vou entro não entro, faço e não faço, é e por isso que eu falo, os anos que passei na casa da minha mãe me ensinaram muito quando me tornei pai de santo, mas eu ainda não sabia bem o que era o amor ou que era é tolerância, tudo isso não, eu vou ser bem honesto pra ti então que eu aprendi isso no coletivo dos meus filhos e com grande mestre que eu tenho que é o seu meia noite.

## ENTREVISTA JUNIOR

**Dario:** Qual é o teu processo com a umbanda? Como você conheceu ela?

**Junior:** A umbanda para mim, ela surgiu de forma inesperada, na verdade. Minha vida, digamos espiritual, começou desde a infância, né? Onde eu tive uns pais que sempre foram muito religiosos, então eles sempre deram esse teor de fé, quando criança íamos na igreja católica, meus pais eram católicos, né? E então tinha sempre essa coisa de rezar antes de dormir, rezar ao sair para escola, então sempre essa coisa da fé foi alimentado pelos meus pais, principalmente pela minha mãe. Então, eu sempre fui muito envolvido. E aí fui crescendo fui começando até essa vontade cada vez mais de estar envolvido na religiosidade, digamos assim, né? E aí eu sempre fui um jovem que participei de grupo de jovens na igreja católica, sempre ativo, sempre em contato com a religiosidade e comecei pela católica, só que a medida que eu fui crescendo lá na católica, como eu falei eu sempre tava envolvido com encontro de jovens, sempre estava envolvido na igreja com os jovens na igreja católica e a medida que eu fui crescendo, fui em encontro de casais quando era casado e sempre assim, nesse contato religioso, porém, eu sentia sempre um vazio. Eu percebi que faltava alguma coisa. Eu lembro que quando era pequeno, tinha vários problemas pessoais de vida, de escola e eu lembro que minha mãe questionava muito, eu não sei porque esse menino é inteligente, ele faz tudo, ele tem agilidade, mas sempre tá meio que trancado, né? Isso quando o adolescente, e minha mãe por ser religiosa e eu por ser da região de Salvador, lá morava em Salvador, Bahia. E minha mãe sempre muito religiosa, muito a fé dela, ela é uma pessoa de muita fé. Então ela era aquela que fazia rezas em casa. Sempre ela tá envolvida, porque lá em Salvador o católico ele meio que tá envolvido com muitas coisas do Candomblé, né? Eles misturam um pouco as coisas então eu lembro que minha mãe, às vezes me levou para a rezadeira e as rezadeiras, tinha uma senhora amiga dela que quando passava por essas dificuldades, Seja da escola ou algum conflito ela me levava. Eu tomei banho de galinha e coisas assim, mas eu ainda era novinho, não entendia muito essas coisas, mas minha mãe com certeza com a fé dela, ela queria achar uma solução, então sempre tá envolvido dessa forma e quando eu senti esse vazio, foi crescendo virando adolescente chegando ali aos 18 anos, eu senti esse vazio e ainda faltando, eu quero alguma coisa e ficava esses conflitos na minha cabeça e eu sempre fui uma pessoa muito sensitiva, muito, a intuição muito aguçada. Eu já sentia vultos ao dormir ao acordar, se eu tava sozinho em casa, eu sempre captava a energia,

né? Mas não entendia muito sobre isso, então ficava um vazio, né? Que na igreja católica não me alimentava esse lado digamos assim. Quando eu, depois de 18 anos eu comecei a frequentar o centro espírita eu ia no centro espírita esotérico sozinho e eu comecei frequentar um centro espírita, e eu comecei a gostar. Lá tinha banho de luzes, era assim tipo um hospital onde tinha marcas, a gente fazia tinha uns banhos, tinha um banho de luz. Mas naquele templo tinha palestras, eu gostava e sempre procurava isso. Fiquei mais ou menos uns dois anos visitando esse espaço, mas continuava o vazio, né? Sempre sentia que faltava alguma coisa e eu me questionava, se eu tenho que ser um líder religioso, será que preciso ser um padre? E ficava com umas coisas assim na minha cabeça.

Só que quando eu entrei na faculdade, eu tive um grande amigo na faculdade. E esse amigo era evangélico, né? O Marcílio era evangélico e a gente andava junto tanto que brincava que a gente era Batman e Robin, né? Sempre junto, a gente estudava junto, e quando ia estudar na casa dele, chegava a hora do culto dele, ele assim “Júnior, eu vou ter que parar, vou ter que ir para o culto. Se você quiser ficar aqui em casa, eu vou para o culto, volto e a gente entra na madrugada estudando que ele fazia engenharia na época, né? Faculdade é aquela coisa, como é muito estudo, muita prova, muita avaliação aquelas coisas todas.

E eu achava bonito dele a disciplina , eu “esse cara louco, a gente vai ter prova amanhã e ele vai parar agora que a gente tá pegando as coisas e ele vai parar para ir para o culto para depois voltar?” mas com o tempo achava bonito essa disciplina dele, né? Essa coisa da fé dele e tudo. E ele sempre me convidava para ir na igreja evangélica, e eu dizia assim “não Marcílio. Não, não quero vai eu fico aqui estudando” e o pai dele era o pastor dessa igreja. Então eu ficava na casa do pastor e ali, mas eu tinha esse respeito por eu ter fé, por acreditar na religiosidade, respeitava, mas não entendia nada do que era ser evangélico.

Aí de tanto ele me convidar de tanto ouvir eu pensei assim, poxa, ele sempre me convida, eu nunca vou, eu vou um dia para ver, mais satisfazer a ele não para conhecer tanto a religiosidade da igreja evangélica porque que eu achava meio quadrado, achava uma coisa muito radical do que eu vi as pessoas falando, né? E um dia eu aceitei, a gente tava estudando ele falou assim, você não quer ir comigo vamos, mas é rapidinho é uma coisa de duas três horinhas a gente vai depois a gente volta e a gente continua estudando, eu falei assim ‘tá, eu vou” fui uma vez, fui duas, fui três, e aí comecei, aí eu achei louvor uma coisa muito linda, cara, uma pessoa religiosa como eu, mexeu muito comigo tudo aquilo e quando eu me via eu tava evangélico, eu aceitei a Jesus, como eles dizem lá a linguagem deles. Eu aceitei a Jesus e

quando eu me via eu tava evangélico e aquilo me tomou de uma forma muito grande. Eu comecei a aprender muita coisa do temor a Deus, da fé, isso foi fantástico para mim. Acho que o maior aprendizado que eu tive foi o temor a Deus acreditar em algo superior ao que está sobre todos nós. E ali eu comecei a ser evangélico, nessa brincadeira eu fiquei 19 anos evangélicos. Hoje eu tô com 51 anos de idade, era novinho na época, tinha 20 e poucos aninhos, 20 ou 22 anos na época.

E ali eu comecei a me tornar evangélico, para minha família foi um choque, porque eles tinham uma ideia de evangélico uma coisa meio quadrada. Ai, agora não vai beber, agora não vai fazer isso, agora não vai para festa, agora não vai para aquilo, mas para mim fazia sentido na época, foi muito bom, foi um período onde eu aprendi muito, essa coisa de irmandade, essa vivência de fé, eu sempre digo, essa fé avançou muito na época evangélica e eu como sempre uma pessoa muito proativa, eu sempre onde eu estou, eu não sou aquela pessoa que fica ali sentadinha, eu sou de movimentação. Então eu comecei a me envolver nos processos, eu trabalhei com louvor, eu trabalhei em grupos de louvor, como fazia engenharia na época, eu trabalhei na construção, era diretor da construção da igreja e tudo isso, junto da minha esposa na época, eu já era casado.

**Dario:** E nesse processo, o que você entendia sobre umbanda?

**Junior:** Então, eu sempre quando passava por exemplo em uma oferenda na rua. Eu como evangélico, eu já reprendia que qualquer trabalho feito para o mal seja repreendido. Que Deus possa realmente agir ali fazer o bem, qualquer coisa que estava associado a terreiro eu achava que era do mal. E eu não entendi muito porque não conhecia nada. Apesar de morar em Salvador, eu vi as festas afros, eu não entendia nada de orixá, eu não entendia nada disso, porque para mim era uma coisa que eu não queria nem entender, porque era coisa ruim. Mas, eu era evangélico e ali eu me casei, eu vivi essa vida toda, esses 19 anos era assim e me separei depois da minha esposa. E eu fui tirar minha vida, mas até então no meu mental era evangélico.

Eu tinha a questão também da minha homossexualidade, que era uma luta dentro de mim essa questão da homossexualidade, que era uma pedra para mim na verdade, eu já tinha filho, casado, mas eu ficava sempre com essa dúvida da minha homossexualidade e que foi um problema, aí seria um outro assunto para a gente discutir.

**Dario:** Mas você já tinha essas questões sobre sua sexualidade na igreja evangélica?

**Junior:** Na verdade, eu me aceitei depois que eu me separei, que eu me permiti a ter o contato, uma primeira relação homossexual. Eu conheci um rapaz, e que eu tive ajuda até onde eu trabalhava, a minha chefe, ela dizia assim, “cara, você é um cara já de 30 e poucos anos você é independente, tem o teu trabalho, se você tem essa dúvida, porque você não sai com um homem para você saber, e às vezes é coisa da tua cabeça” E eu dizia, tá louca, eu vou sair com homem não, isso jamais e até que eu saí com uma pessoa e vi que realmente eu era e tinha esse lado sexual. No evangélico influenciavam e você não se permitir ser com certeza, né? Porque não é aceita, né? Essa é para eles, isso o homem, Deus criou o homem e a mulher e fora isso nada a ver. Mas eu me permiti nessa época. Cheguei a ficar namorando com um rapaz de São Paulo durante uns sete meses, mas não deu certo. Eu achei melhor terminar e foi quando eu conheci um outro rapaz que era umbandista que hoje é meu pai de santo, eu conheci ele através das redes sociais a gente criou essa vinculação, se conheceu e já estamos 15 anos juntos. Mas voltando lá no início quando eu conheci ele eu sempre fui muito respeitador, apesar de não ser da umbanda, ele era da umbanda, ele escutava muito, ele falava e quando a gente começou a morar juntos eu dizia para ele, “ó você sabe que eu sou evangélico e você é umbandista, eu vou respeitar a tua religião e eu quero que você respeite a minha”, mas eu não estava mais indo pra igreja, porque aí eu vim morar em outra cidade, Florianópolis, e quando eu cheguei aqui eu não visitei nenhuma igreja evangélica e eu morava do lado de uma igreja evangélica batista, mas eu nunca fui, meio que eu estava já me distanciando desse processo eu via que era um ciclo e o Júlio ele não era pai de santo naquela época ele era só um médium normal e ele me convidou para ir na umbanda. Eu falei assim, eu vou lá conhecer eu vou contigo e fui. Ao chegar no terreiro. Eu fui meio apreensivo, meio assim, fui a respeito dele, por respeito à religião dele, ainda que não passava na minha cabeça a possibilidade de eu me tornar umbandista, mas eu fui visitar e ao chegar lá eu visitei e achei uma energia maravilhosa, eu comentei até com ele, nossa que energia fantástica, que coisa bonita e ali, mas mesmo assim desconfiado, né?

E fui vivenciando isso, aí, eu comecei a ir mais vezes com ele, ele me chamava, as gírias eram as sextas feiras, eu ia com ele, mas pela companhia, por estar com ele e no fundo tava começando a gostar, até um dia que eu me percebi querendo tudo aquilo, desejando tudo aquilo, e aí eu me tornei umbandista. E aí eu comecei a frequentar a religião. Mas até quando eu frequentei eu achava que eu não ia sentir nada, que nem um espírito ia vir.

**Dario:** Isso faz quantos anos e onde foi?

**Júnior:** Já tem 15 anos, já tem uns 13 ou 14 anos e era numa casa que ficava em Biguaçu, que é um bairro daqui de Florianópolis, era uma casa da linha umbanda ameríndio, que eles trabalham com os Caboclo que é os índios, e eles não fazem matança, eles têm mata, eles trabalham com a natureza, então eles trabalham com elementos da natureza. A água da chuva, eles trabalham com água do mar, elementos da terra, com fogo, com ervas, eles trabalham fazendo oferendas, mas as oferendas deles não é com animal é oferenda com frutas. Então elemento sempre da natureza.

**Dario:** O que você achava sobre o corte?

**Júnior:** Eu não aceitava isso, para mim era inadmissível, esse por exemplo, se esse terreiro fosse de corte, com certeza não entraria porque eu não achava certo essa coisa de matar o animal para em prol de uma fé, eu não entendia muito isso e não aceitava muito isso, então favoreceu por ser uma casa que não fazia isso, eu entrei porque eu vi que era uma energia limpa e que ali só fazia o bem, em nenhum momento eu vi pessoas fazendo uma oferenda ou uma ritualística para o mal, para separar alguém, ou para ou para acabar com a vida de alguém.

**Dario:** Então tu teve que se aproximar da religião e desconstruiu muito do que você acreditava que fizeram você acreditar em outras religiões sobre corte sobre o que é umbanda de que forma tu viu essa mudança?

**Júnior:** É, eu acho que justamente por isso, pela casa não ter isto e eu perceber o quão a casa faz o bem para as pessoas e trabalha sempre em prol do bem, do amor, da humildade, da caridade, então isso nesta casa, né? Falando desta casa, me conquistou e foi aí que eu pude vivenciar a umbanda e ali eu fui me tornando médium, aí tinha um processo de desenvolvimento mediúnico onde a gente tinha, que era o momento onde a gente parava se concentrava para sentir a tua espiritualidade que era no primeiro momento, aquela espiritualidade que tá te direcionando para o caminho evolutivo, para o bem.

**Dario:** Você disse que vivenciou ser médium, né? O que adentra nas questões de ser um médium em uma casa de terreiro, você tem muitas responsabilidades?

**Júnior:** Naquele dia, naquela hora, naquele local, em prol da tua espiritualidade, requer muita disciplina. E muitos sacrifícios, no sentido de de regras estabelecidas e doutrinas dentro daquela religião, daquela doutrina ali, né, então são diretrizes de responsabilidades e de

cuidado consigo mesmo. Então, não adianta também entrar na religião e sair uma vez ou outra ou não vivenciar tudo aquilo, porque o aprendizado da umbanda é muito da prática é muito do dia a dia, você aprende, não tem um livro ou uma Bíblia, que vai te dizendo, tem que fazer isso porque isso não presta, isso é certo isso não, é a vivência, o vivendo ali com os irmãos com a mãe de santo, é o discutir a intolerância, muitas vezes. É na impaciência que a gente vai aprendendo, ter paciência, ter tolerância, a ser mais humilde, a ser mais caridoso, então isso que eu acho que talvez seria o mais difícil de ser médium, porque você tem que ir fazendo uma decomposição das tuas crenças dentro daquela crença que você está vivenciando e aprendendo a vivenciar tudo isso em prol de algo melhor. Se reconstruindo, melhorando e evoluindo.

**Dario:** De que outras formas tu percebes que pode vir o conhecimento no terreiro de umbanda?

**Junior:** Como eu te falei é muito da vivência, entre os irmãos e com teu pai de santo ou a mãe de santo, com os mais velhos, vamos dizer assim, mas claro a gente sabe que no contexto hoje do mundo a gente tem é claro o conhecimento ,a gente pode adquirir conhecimentos teóricos, vamos dizer assim, seja de um livro de algum autor, de alguém, eu lia muito, eu li muito, mas o que eu quero que observe é que tudo que eu li, seja na internet ou não, não quer dizer que tudo que eu lia eu ia ver ali dentro do meu terreiro. Porque cada casa é uma casa, cada líder que está direcionando e não só o líder humano o líder espiritual também porque aquela casa era regida por iemanjá que era a o orixá da mãe de santo. Ela era filha de iemanjá com ogum. Então ela tinha as diretrizes desses orixás dentro daquela casa, então aí eu fui vendo que até essa questão da matança que eu fui em terreiros que fazia matança, no contexto deles fazia sentido aquilo, olha só é muito louco isso, assim bem interessante mudar um pouco mais sobre a concepção até dessa questão, eu vejo que num terreiro, em um terreiro que tem matança, naquele contexto, naquela vivência, faz todo sentido e eles têm uma um respeito muito grande pelo animal, né? Então, não é simplesmente matar o animal, tirar o sangue e fazer aquilo, não. Eles tem todo um processo, eles têm a reza, eles têm a aclamação e aí digamos que assim, eles tem toda uma preparação para fazer aquela ação da matança, e que no contexto deles tudo faz sentido e tem uma uma finalidade. Realmente eu já participei de algo, não executando, mas já assisti, como que faz, não vendo propriamente o corte, porque aí dentro do regimento deles, você precisa ser um pai de santo, não é todo mundo que pode participar, mas eu participei da gira, eu não vi a parte do corte, mas eu senti todo o

processo e vi o quanto eles são respeitosos com tudo que eles fazem. Então eu achei bonito isso de uma certa forma e eu comecei a mudar minha concepção, ainda que mesmo hoje depois de 15 anos de umbanda eu Júnior, na minha estrutura, eu não me vejo cortando um animal, eu não aceitaria isso, mas hoje eu consigo entender o processo daquela religião que faz isso e assim respeitar. Eu sei que tem os seus valores evolutivos e isso tudo foi visitando também.

**Dario:** Como que tu chegou a vir na casa do pai João?

**Junior:** Quando a gente era irmãos de fé na época lá e o Júlio, ele foi crescendo dentro como médium, ele se tornou o pai pequeno, pai de santo pequeno e depois ele se tornou o pai de santo, quando ele se tornou pai de santo a mãe de santo dele cedeu o espaço no terreiro dela para em um outro dia, que era no sábado, a gírias dela era na sexta, e no sábado ela cedeu o espaço para ele fazer a gira dele como o pai de santo e não como médium e ali ele começou, então eu era o braço direito dele, eu comecei a construir tudo, a criar dentro do que a espiritualidade dele dizia e como que ele, pai de santo queria, eu comecei, eu era a pessoa que criava essa estrutura para acontecer a ritualística dele, e aí a gente começou a fazer as gírias dele, ele começou a ter filhos de santo e a gente fazia na sexta, ele era médium da mãe de santo e no sábado ele era pai de santo direcionando a gíria dele.

**Dario:** Foi um processo de muito aprendizado, de muita coisa nova, como que tu conseguiu?

**Junior:** Ah tendo esse contato com os guias, é porque eu comecei a ser o aquela pessoa que fazia eu todo, eu era cambone, o cambone é aquela pessoa que cuida do pai de santo quando tá incorporado, então eu era a pessoa que limpava, que organizava, eu tocava atabaque, eu era cambone, eu meio que fui mil e uma utilidade dentro desse processo. É porque como eu já tinha vivência, na casa da minha mãe de santo já tinha vivenciado isso e como Júlio, ele já incorporava e muitas vezes era eu que auxiliava os guias dele, então comecei a conhecer muitos guias dele, então isso para mim era mais fácil saber o que o guia dele gostava, seguia a sintonia era, muito tranquila para mim e como também entra o meu dom de pessoa, de personalidade que eu sou muito criativo, sou uma pessoa que eu gosto das coisas muito organizadas, então isso contribuiu muito, contribuiu muito com o meu dom também como pessoa e aí a gente foi construindo tudo. Desde, eu comecei a criar material, é de diretrizes de como era a gíria do Júlio, como o guia espiritual dele que era o preto velho, queria que as gírias que são as doutrinas de regimento. Eu fui criando esses documentos e para começar a criar nossa estrutura do terreiro do Júlio com o preto velho João das águas.

E todo terreiro tem essas diretrizes e elas te contribuem para que esses documentos, o que compõe esses documentos das diretrizes é para dar realmente um direcionamento a casa, para ela não ficar solta, né? Senão ela fica, ela fica perdida, se você não der um direcionamento você pode se perder naquilo realmente que a espiritualidade quer.

**Dario:** E que tipo de direcionamento vocês estavam construindo com o pai João né?

**Júnior:** Uma casa de em um terreiro, existe a espiritualidade ela passa, são muitas coisas, né? Como por exemplo assentamentos. Então você tem assentamento de firmeza que dá proteção àquela casa, são assentamentos que são coisas que são enterradas na terra, em lugares específicos que são conexão de firmeza da espiritualidade que lidera aquela casa então além desses assentamentos, como o médium tem conduzir a questão também do desenvolvimento mediúnico, estudos mediúnicos que a gente tinha momentos de estudos também para que o médium começasse a entender como funciona aquela casa, olha na casa do pai Júlio com a espiritualidade Preto Velho Pai João das águas e Iemanjá funciona? Eles querem assim aqui, não temos matança, nós trabalhamos assim, assado, ou seja, vai dando esses direcionamento de como executar a sua fé.

Isso é como a montagem do altar, por exemplo o altar não é simplesmente botar as imagens, né? O Altar ele tem toda uma linhagem é uma árvore dos orixás, conforme o pai de santo. Então os primeiros dias que eles foram, que ele foi recebendo, que ele foi se firmando, então a arrumação desses orixás no altar tem uma sequência com base na conexão que o pai de santo foi fazendo com a caminhada dele, então quem fica mais acima é oxalá, e aí veio a iemanjá que é a mãe dele o omolú que é o pai dele. Então tudo dentro de um terreiro tem um porquê tem um direcionamento, se você vê uma vela no canto, aquela vela tem um porque, ela está ali e tem um direcionamento, seja de firmeza, e por que tem que ser naquele lugar, porque está direcionado a um orixá, a um canto e tudo tem um direcionamento, um simbolismo. E então são muitos detalhes que se você não dá esse direcionamento os médiuns ficam perdidos, o próprio pai de santo se perde, às vezes ele deixa, ele pode se cansar com o tempo e deixar de executar coisas primordiais e se perdendo, desde uma deitada, que que é uma essa deitada? É uma retirada, é um retiro de algumas horas onde o médium se conecta com a espiritualidade. Então é dentro dessa deitada vai ter toda uma ritualística onde o médium dorme numa esteira. Então tem fundamentos necessários de coisas que vai ser executadas para fazer sentido na conexão e ampliar a conexão do médium com a tua espiritualidade, então quando ele deita numa esteira, quando ele acende uma velhinha de sete

dias, quando ele tem um bloquinho de anotações para anotar coisas que ele receba ali da tua espiritualidade, desde um banho que ele tinha que tomar de 7 ervas ou de uma erva estabelecida pela tua espiritualidade. Então são várias coisinhas e tudo isso vem justamente para ampliar a conexão dele e deixar ele mais envolvido no processo, mas conectado com a sua espiritualidade.

E assim só, para a espiritualidade não é que ela precisa disso, a espiritualidade não precisa, mas esse contexto é necessário para o crescimento do médium. Então eu vejo que a ritualística é mais pro médium que para a espiritualidade, é um espaço de educação, o ser humano ele necessita muitas vezes de tocar em coisas para ter fé. Ele precisa de amuletos, ele precisa de ritualística, para que ele aí eu tô acendendo essa velhinha, então esta vela vai eu tenho mais fé, porque eu tô acendendo a vela para o meu anjo da guarda, entende? Então, esta vela está sendo mais valorizada para o médium do que para própria espiritualidade, que a espiritualidade independente da vela vai estar ali do teu lado. Mas essa favorece essa conexão, ajuda muito toda a ritualística de um terreiro, ajuda à conexão do médium, então eu sempre digo que toda essa ritualística, essas doutrinas essas regras que tem dentro de uma casa de terreiro é mais para o médium do que para a própria espiritualidade. A espiritualidade pode fazer um atendimento só com um copo com água ou sem água? Agora claro que também quando tem esses elementos, ajuda também a espiritualidade esses elementos, seja o fogo da vela, seja a água, a bebida que muitos no terreiro, se usa muitas bebidas, né? E aí a espiritualidade, aproveita, já que tem tudo isso eu vou transformar essas energias e amplificar, mais ainda para o meu filho para para o médium que tá ali em desenvolvimento.

**Dario:** Agora que tu falou que começaram lá no outro terreiro. E aí, vocês começaram a criar as diretrizes. Como foi esse processo? Você foi um dos fundadores, né? Como foi esse processo de fundar essa casa?

**Junior:** A casa começou começou quando a gente percebeu que a gente ficou um ano na casa da nossa mãe de santo, mas a gente percebeu que é não tinha como ele fazer as diretrizes dele com os guias dele dentro de uma casa que onde a mãe de santo começou a proibir a gente fazer certas coisas porque na casa dela aquilo não funcionava na casa dela, não era assim. Eu vou te dar um exemplo bem claro, a nossa primeira gira o preto velho, ele pediu que os médiuns dele as mulheres tinham que estar de saias e na casa da nossa mãe todos os médiuns, seja homem e mulher, era uma calça, usavam calça, para ela era indiferente. Ela não tinha mulheres, não usavam saias e o Preto Velho Pai João na gíria dele ele queria. Porque como ele

era da Bahia, ele queria os médiuns dele mulher, ele queria todas as roupas de baianinha. Tinha um uma fundamentação essa roupa, porque na senzala as mulheres não vestiam calça e elas trabalhavam com as saias, ela escondiam coisas nas saias, elas faziam naquele tempo da escravidão das coisas, então ele queria na gira mulheres de saias e quando a gente teve a primeira gira do Júlio na casa da nossa mãe de santo que as filhas chegaram todas de saia. A mãe de santo recriminou disse que aquilo era uma escola de samba e ela não queria e a gente foi obrigado a tirar as roupas e elas tiveram que comprar calça, para usar calça dentro daquele terreiro e tem gente que começou a perceber que Julio não tinha como crescer dentro da ritualística dele com os guias dele dentro daquele espaço da mãe de santo dele, porque como se ele estivesse desrespeitando a casa da mãe de santo dele. Então ele sentiu a necessidade de criar o próprio terreiro dele. E aí foi que a gente começou a ter essa necessidade. A gente ficou um ano e quando chegou no final do ano, o Júlio virou pra mãe de santo e disse que ele agora ia ter a casa dele que ele precisava ter, que o ano seguinte iria em busca da casa dele, porque ele precisava fazer as regras deles na casa dele, porque o preto velho tava pedindo coisas que ali dentro ele não podia fazer e aí entra naquilo que eu te falei, cada terreiro tem as suas diretrizes conforme agregar o espiritual que tá ali regendo aquela casa. E aí foi que a gente criou coragem para criar o nosso terreiro. Mas a gente não tinha nada. A gente não tinha dinheiro, a gente não tinha, a gente não sabia como ia alugar uma casa, se a gente ia ganhar uma casa, então foi tudo meio assim, a gente sentia que a espiritualidade dizia assim pra gente, “vai com fé que vocês vão ter a casa de vocês” e foi assim que a gente fez, eles diziam, a casa está mais perto do que nunca mais pra gente por humano, tudo é impossível, né? Tudo passa, é impossível como a gente vai ter uma casa. Quem vai querer alugar uma casa pra gente pra um terreiro? Por exemplo, aí entram os preconceitos sociais. E a gente tinha essa dificuldade até um dia que a gente foi em busca, começamos a procurar um espaço que a gente pudesse alugar para fazer o nosso terreiro e até um dia que a gente encontrou um sitiozinho no bairro de ratones. E aí a gente alugou quando vê já estava alugando, quando a gente vê as coisas estão acontecendo e aí foi que eu comecei a alimentar mais e aí começamos a ter o nosso terreiro, mas tudo muito do zero.

Abrir a tua casa tem toda uma ritualística, e mãe de santo deve ajudar o filho de santo, ajudar a abrir a tua casa, seja nos assentamentos daquela casa, ela tem que ensinar e orientar como ele tem que abrir uma casa e infelizmente ele não teve esse apoio dela, a concepção então do terreiro também de dizer irmão ou o pai quer dizer que se constitui uma família, uma família e que aí até a continuidade da mesma linha de trabalho e tudo ainda que vai ter diferenças

naquela casa, mas a base espiritual vem daquela linhagem ali. De onde ele foi formado o pai de santo e tivemos essa dificuldade porque a gente não teve apoio da mãe de santo. Na tua casa nos pontos de assentamento que são os pontos de firmeza da casa, abaixo do eu me tornei pai de santo então eu vou abrir o terreiro abaixo da minha firmeza fica firmeza da minha mãe de santo ou do meu pai de santo, firmeza que são elementos da natureza que ficam ali enterrados dando proteção à casa e fazendo a conexão do espiritual.

**Dario:** E como foi esse processo? O que que você viu que te ajudou muito a manter essa força, essa fé e o que que foi aprendendo durante esse processo da criação de um terreiro, né? Porque você construiu muito esse terreiro.

**Junior:** Nossa, eu aí eu fui vivenciando tudo isso na prática mesmo e fui me amadurecendo também mais e vendo quão a espiritualidade é bonita e que a espiritualidade se a gente acredita, a espiritualidade ela nos orienta, ela nos ensina, ela nos passa e ela está ali com a gente mesmo assim sabe? Então eu pude com tudo isso, eu pude sentir mais a espiritualidade, eu fui vivenciando e sentindo dentro de mim, que eu vejo isso aprendi no evangelho. Quanto o nosso corpo é um grande templo, né? Então eu fui percebendo que coisas que eu fazia na igreja evangélica que eu tava fazendo aqui, só que tinha uma linguagem diferente em diretrizes diferentes, linguagens diferentes, mas eu pude perceber que a espiritualidade é uma só. O que muda é a roupagem, o que muda é a doutrinação e as diretrizes sabe, e isso foi me fortalecendo mais e mais e eu fui aprendendo mais e mais e amadurecendo mesmo, e ali eu fui crescendo, né?

**Dario:** E tu trouxe, aqui quando você assumiu homossexual, tu foi se afastando pouco da igreja evangelica, como que foi essa relação da homossexualidade aqui sendo umbandista?

**Junior:** O terreiro nesses aspecto não tem discriminação. O terreiro aceita, ele não está preocupado que você é se você é desde a profissão, se você é um advogado, médico, ou se você é um faxineiro ou se você é um porteiro, ou se você é, se você é homossexual ou se você é um ladrão ou se você é um drogado, pra gente isso não tem, pelo contrário a gente quer que essas pessoas venham e se transformem em alguém melhor. Se isso tá te fazendo mal, se você é um drogado e essas drogas estão te fazendo mal, a gente aceita, então isso achei interessante. Então eu pude ser eu mesma ali, né? Eu pude ser eu mesmo com meus defeitos com as minhas qualidades, eu fui crescendo e aprendendo e fui sentindo cada vez mais a espiritualidade.

**Dario:** E aquele vazio que tu sempre sentiu ele continua?

**Junior:** Ele desapareceu, desapareceu porque lá quando pensava sobre ser líder religioso, eu percebo que aqui eu pude ser esse Líder, né? Então eu querendo ou não, eu sou o responsável de todo o terreiro. Na parte de logística do terreiro, não do espiritual, é o pai de santo Júlio, mas eu como companheiro dele abaixo dele. Sou eu então, eu aprimorei e potencializar essa liderança que eu tinha que eu sentia lá dentro quando eu dizia, será que eu tenho que ser um padre, será que eu tenho que ser um pastor, será que eu tenho que ser isso ou aquilo outro e eu percebo que cada vez mais eu tô caminhando para essa liderança e sei que um dia eu vou chegar um pai de santo, hoje, eu sou pai de santo pequeno. E hoje eu posso ter o meu terreiro, mas eu só posso coroar até pai de santo pequeno e tô caminhando para o futuro que vai ser ser pai de santo, né? Então hoje eu não tenho mais esse vazio, hoje, eu me sinto mais completo ainda com os meus defeito, ainda tendo que aprender muitas coisas, melhorou muitas coisas na minha estrutura como pessoa e em termos de tolerância de ter mais paciência de ouvir o outro, que eu não tinha, eu era uma pessoa é a minha verdade, a minha verdade e eu por ser muito criativo e por ter muita intuição, eu vejo as coisas já lá na frente e às vezes eu não respeitava o irmão que não tava vendo o que eu via e eu queria já induzir aqui, então eu evoluí muito como pessoa.

E eu pude ser mais líder que é um dom meu, mas ao mesmo tempo sou um líder respeitando o líder superior que é o pai de santo, né? Porque eu não sou o pai de santo desta casa, eu sou abaixo dele então essa aí é hierarquia também é fundamental dentro de um terreiro para a gente também se colocar no nosso lugar de crescimento não por eu ser pai de santo que eu sou superior ao outro, muitas vezes aquele que entrou hoje no terreiro espiritualmente é mais evoluído que o pai de santo, mas na caminhada mundana no mundo aqui da terra, essa era aqui é importante para ele também baixar a vaidade dele, baixar e isso aquilo outro, ele ia aprendendo com o tempo até chegar no grau maior que é ser pai de santo, mãe de santo, de uma transformação interior.

**Dario:** E para finalizar o que é Exu para você?

**Junior:** Para mim é movimento, isso para mim é até mesmo me emociona, porque é até quando eu incorporei pela primeira vez a minha pomba gira o meu exu, eu mudei completamente até minha concepção de incorporação, não só de vida de entender quem é essa energia, né? E a energia de pomba gira, de que a energia de movimento, eles movimentam a

gente ele faz ver a gente sofrer, não que ele tá castigando. não que ele está botando a gente para baixo ou querer tá querendo fazer o mal para mim, mas ele tá fazendo uma movimentação para no meu ideal, então eu entendo hoje, este foi pomba gira com uma energia de movimentação de movimento e que esse movimento vai acontecendo seja um movimento bom ruim, vai acontecendo a tua maturidade, a tua conexão você vai se transformando como alguém melhor e o mais legal do exu, da pomba gira que é uma energia que no mundo espiritual é uma energia mais próxima a gente, tá a gente sente mais essa energia do que talvez Oxalá, né? É uma energia que está muito distante muito mais evoluída. Então eles, como eles também estão evoluindo e eles são mais próximos da terra é uma energia que a gente sente com mais facilidade que a gente se conecta com mais facilidade, mas é sem ser a principal de um Exu e Pomba Gira é movimentação, eu acho que a palavra mais fantástica para mim que eu entendo hoje ele é movimento e movimento em tudo na nossa vida.

Eu digo que uma Exú e pomba gira, ele pode fazer o mal se eu me movimentar para o mal. Isso depende da pessoa isso depende da pessoa hoje, eu tenho meu exu Tranca Rua e eu tenho minha pomba Gira Maria Mulambo, se eu fizer se eu alimentar eles para o mal, eles também estão evoluindo, então eles também e eles vão querer, eles vão fazer tudo que eu quero porque eles eles são tão próxima a mim, eles têm ainda os prazeres da vida, daqui a pouco eles também estão comigo fazendo mal. Então, é por isso que muitas vezes é visto sempre como mal.